UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO – UFRPE/FUNDAJ

RITA DE CÁSSIA DE ALMEIDA SANTOS

REDES QUE EDUCAM: Um olhar para as relações de gênero no Instagram sob a ótica de jovens do Agreste pernambucano

Recife - PE
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO – UFRPE/FUNDAJ

RITA DE CÁSSIA DE ALMEIDA SANTOS

REDES QUE EDUCAM: Um olhar para as relações de gênero no Instagram sob a ótica de jovens do Agreste pernambucano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco como um dos requisitos para obtenção do título de mestre em Educação, Culturas e Identidades.

Orientadora: Profª. Drª. Ana Paula Abrahamian de Souza.

Linha de Pesquisa 1: Movimentos Sociais, Práticas educativo-culturais e Identidades.

Recife - PE
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

R598r Santos, Rita de Cássia de Almeida
REDES QUE EDUCAM: Um olhar para as relações de gênero no Instagram sob a ótica de jovens do Agreste pernambucano / Rita de Cássia de Almeida Santos. - 2022.
116 f. : il.

Orientadora: Ana Paula Abrahamian de Souza.
Inclui referências e apêndice(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Recife, 2022.

1. Gênero. 2. Instagram. 3. estudos culturais. 4. subjetividades. 5. educação. I. Souza, Ana Paula Abrahamian de, orient. II. Título

CDD 370

RITA DE CÁSSIA DE ALMEIDA SANTOS

REDES QUE EDUCAM: Um olhar para as relações de gênero no Instagram sob a ótica de jovens do Agreste pernambucano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco/Fundação Joaquim Nabuco como um dos requisitos para obtenção do título de mestre em Educação, Culturas e Identidades.

Aprovada em: 31.08.2022

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª. Drª. Ana Paula Abrahamian de Souza (Orientadora)
UFRPE – FUNDAJ

_____

Profª. Drª. Flávia Mendes de Andrade e Peres (Examinadora Titular Interna)
UFRPE-FUNDAJ

_____

Profª. Drª. Anna Luiza Araújo Ramos Martins de Oliveira (Examinadora Externa)
UFPE

AGRADECIMENTOS

Não sei bem por onde começar, são tantos nomes, tantos amores e forças que atravessaram comigo essa jornada, que a certeza que tenho é que palavras não são suficientes para traduzir o quão sou grata aos que me abraçaram e me ouviram nessa trajetória.

Pensei em citar nomes em ordem alfabética, para não correr o risco de esquecer ninguém, mas resolvi dedicar e agradecer inicialmente a minha mãe, **Luciana Maria de Almeida**, a ela devo tudo que sou, sem ela eu não seria força, nem desespero, não seria coragem e medo, eu não seria o desaforo que provoca sujeitos; eu não gosto nem de pensar o que eu seria sem ela, porque minha mãe é a minha pessoa na terra.

À minha orientadora, Profª. **Ana Paula Abrahamian**, por todos os ensinamentos, paciência e amorosidade. Por toda atenção e cuidado que teve comigo, pela compreensão das angústias e ansiedade que me atravessaram durante o processo. Obrigada por ser calmaria e aconchego, sabedoria e acolhimento.

As/aos **jovens** que participaram da pesquisa, por toda dedicação, empenho, comprometimento, por compartilharem suas dores, dúvidas e experiências que enriqueceram este trabalho. A **Danilo Melo**, te amo tanto, sua amizade foi/é fundamental, só nós sabemos das dificuldades financeiras, de por vezes não se sentir pertencente à academia, eu jamais conseguirei agradecer.

À **Marta Cordeiro**, você foi/é tão maravilhosa, entre caronas e aperreios, preocupações e desabafos, tristezas e alegrias, tu és um anjo que Deus me apresentou, tu és força e inspiração, uma parceira para a vida. À **Juliana Almeida**, a tua crença em mim foi/é combustível para eu continuar sempre tentando. Foram muitas angústias e desespero compartilhados, podcasts de agonias narradas em ligações e mensagens de voz.

À **Caroline Xavier**, por tudo, pelo apoio em todos os sentidos, obrigada por ser essa pessoa que veio à Terra para promover e fazer as pessoas ao seu redor felizes. A você, toda minha gratidão e respeito pelo ser humano que és: inspiração, reflexo da beleza do que tem se perdido no mundo.

A Gabriel Almeida e **Mayara Mendes**, por todo o empenho de vocês em me ajudar a localizar e entregar os termos de consentimento a todas/os as/os participantes da pesquisa. À **Ângela**, **Diego**, **Maura**, **Claudinete**, **Vitória** e **Daniella**, pelo incentivo e paciência nos momentos de desespero e por todas as boas energias e confiança depositadas em mim, vocês foram e são muito importantes, especialmente nos dias em que eu precisei buscar/encontrar esperança nas pessoas.

À **Rosangela** e **André**, por sempre se mostrarem preocupados comigo, desde a minha alimentação à saúde física e mental. Obrigada por todo o cuidado e pelos cafés da tarde. À minha psicóloga, **Tatila**, que foi fundamental no meu processo de autoconhecimento e autoconfiança, na ajuda e entendimento dos conflitos e emaranhado de emoções, dúvidas e inquietações que me tomavam.

RESUMO

A popularização das redes sociais está redesenhando as relações sociais e os processos educativos, e sua expansão possibilitou uma maior aproximação de culturas e diferentes identidades, permitindo conhecer novas maneiras de perceber a si mesmo, o outro, a partir de discursos, posicionamentos e experiências. A presente pesquisa buscou analisar os processos de subjetivação das identidades de gênero no artefato cultural do *Instagram* sob a ótica de jovens do Ensino Médio do município de São Caetano - PE. Os objetivos específicos pautaram-se em (1) Identificar os perfis de interesse das/dos jovens do artefato cultural *Instagram*; (2) compreender as representações generificadas que emergiam desses perfis e sua relação com o contexto das/os jovens e (3) Identificar, a partir dos olhares das/os jovens, os enunciados de gênero que emergem no artefato cultural *Instagram* e sua relação com os enunciados de gênero presentes na escola. A pesquisa dialogou teoricamente com a abordagem pós-estruturalista dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais em Educação, sob a lente dos escritos de autoras/es como Marisa Vorraber Costa (2003), Guacira Lopes Louro (1997), Maria Rosa Bueno Fischer (2006), Stuart Hall (2005), Henry Giroux (2012), Raquel Recuero (2009), entre outras/os, sendo essas/es importantes para a construção de um diálogo entre culturas, identidades, as relações de gênero, redes sociais e processos de subjetivação. Nessa perspectiva, também foi realizado um diálogo com Alberto Melucci (2005), que defende que na pesquisa qualitativa o que está em jogo é a vida cotidiana e é nela que os indivíduos experimentam as oportunidades e os limites para ação. Assumimos nesta pesquisa pistas da análise cultural, com inspiração nos *insights* produzidos pela etnografia virtual de Chistine Hine (2004), pelos nossos interesses nos valores e sentidos vividos pelos sujeitos que circulam no espaço do *Instagram*. Como instrumento metodológico foram realizadas enquetes e perguntas no *Instagram,* fazendo uso do recorte de cenas de séries, filmes e matérias com jovens no perfil @generosesubjetividades. Para analisar os dados, contamos com três categorias: 1ª - Desigualdade de gênero em práticas cotidianas; 2ª - Gênero e LGBT+fobia e 3ª - Gênero na escola. Ao final, a pesquisa possibilitou nos aproximar de jovens que conseguem visualizar e realizar leituras das desigualdades de gênero na sociedade, reconhecendo que essas estão presentes e vistas pelas/es mesmas/os em suas vivências, notadamente as vivências escolares.

Palavras-chave: Gênero; Instagram; estudos culturais; subjetividades; educação.

ABSTRACT

The popularization of social networks is redesigning social relationships and educational processes, and its expansion has made it possible to get closer to cultures and different identities, allowing to discover new ways of perceiving oneself, the other, from discourses, positions and experiences. The present research sought to analyze the processes of subjectivation of gender identities in the cultural artifact of Instagram from the perspective of high school youth in São Caetano - PE. The specific objectives were based on (1) Identifying the profiles of interest of the youngsters on the Instagram cultural artifact; (2) understand the gendered representations that emerged from these profiles and their relation with the young people's context and (3) Identify, from the young people's eyes, the gender statements that emerge in the cultural artifact Instagram and its relation with them. gender statements present in the school. The research dialogued theoretically with the post-structuralist approach of Gender Studies and Cultural Studies in Education under the lens of the writings from authors such as Marisa Vorraber Costa (2003); Guacira Lopes Louro (1997); Maria Rosa Bueno Fischer (2006); Stuart Hall (2005); Henry Giroux (2012); Raquel Recuero (2009) among others, these being important for the construction of a dialogue between cultures, identities, gender relations, social networks and processes of subjectivation. In this perspective, a dialogue was also carried out with Alberto Melucci (2005) who argues that in qualitative research what is at stake is everyday life, and it is in this that individuals experience opportunities and limits for action. In this research, we assume clues from cultural analysis inspired by the insights produced by Christine Hine's virtual ethnography (2004) by our interests in the values and meanings lived by the subjects that circulate in the Instagram space. As a methodological instrument, polls and questions were carried out on Instagram using the clipping of scenes from series, movies and articles with young people profile @generosesubjetividades. To analyze the data and content, we have three categories. 1st - Gender inequality in everyday practices; 2nd - Gender and LGBT+phobia and 3rd - Gender at school. In the end, the research made it possible to approach young people who are able to visualize and perform readings of gender inequalities in society, recognizing that these are present and seen by themselves in their experiences, notably school experiences.

Keywords: Gender; *Instagram*; cultural studies; subjectivation; education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - *Instagram* @Generosesubjetividades - Página de apresentação 41
Figura 2 - Imagem dos perfis participantes 43
Figura 3 - BIO dos perfis do *Instagram* 44
Figura 4 - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades 45
Figura 5 - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades 46
Figura 6 - *One Day at a Time* - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades 48
Figura 7 - *Atypical* - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades 48
Figura 8 - *Sex Education* - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades 49
Figura 9 - Lucas - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades 49
Figura 10 - As telefonistas - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades 50
Figura 11 - Paternidade - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades 50
Figura 12 - *Riverdale* - Publicações do Instagram @Generosesubjetividades 51
Figura 13 - Perfil @generoesubjetividades - *One day at a time*. Lídia diz a Alex para não aceitar um não como resposta 55
Figura 14 - Perfil @generoesubjetividades - *One day at a time*. Lídia ensina Penélope a cozinhar para ajudá-la a manter um namorado/marido 60
Figura 15 - Perfil @generoesubjetividades - *Atypical*. Elsa fala para Casey sobre ser julgada pelas vestimentas 65
Figura 16 - Perfil @generoesubjetividades - *Sex Education*. Aimee vai até a delegacia prestar queixa sobre o assédio 70
Figura 17 - Perfil @generoesubjetividades - *Sex Education*. Adam persegue Eric na escola por ele ser gay 74
Figura 18 - Perfil @generoesubjetividades - *Sex Education*. Eric é agredido por vestir-se com roupas “femininas” 80
Figura 19 - Perfil @generoesubjetividades - CartaCapital. Lucas, adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia 83
Figura 20 - Perfil @generoesubjetividades - As Telefonistas. Oposição ameaça divulgar fotos íntimas de Carlota, candidata à prefeitura de Madrid 87
Figura 21 - Perfil @generoesubjetividades - Filme Paternidade (2021). Maddy vai para escola de calça 90

Figura 22 - Perfil @generoesubjetividades - *Riverdale*. Ethel diz as amigas que Chuck espalhou na escola que teve relações sexuais com ela 95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Produções da Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações 15
Quadro 2 - Cena 1 One day at a time T3: Ep2 (2019)..... 56
Quadro 3 - Cena 1 One day at a time T3:Ep2 (2019)..... 57
Quadro 4 - Cena 2 One day at a time T3: Ep8 (2019)..... 60
Quadro 5 - Cena 2 One day at a time T3: Ep8 (2019)..... 62
Quadro 6 - Cena 2 One day at a time T3:Ep8 (2019)..... 63
Quadro 7 - Cena 2 One day at a time T3: Ep8 (2019)..... 64
Quadro 8 - Cena 3 Atypical T4: Ep3 (2021) 66
Quadro 9 - Cena 3 Atypical T4: Ep3 (2021) 67
Quadro 10 - Cena 3 Atypical T4:Ep3 (2021) 67
Quadro 11 - Cena 3 Atypical T4: Ep3 (2021) 68
Quadro 12 - Cena 3 Atypical T4:Ep3 (2021) 69
Quadro 13 - Cena 4 Sex Education T2: Ep3 (2020)..... 70
Quadro 14 - Cena 4 Sex Education T2: Ep3 (2020)..... 72
Quadro 15 - Cena 5 Sex Education T1: Ep1 (2019)..... 75
Quadro 16 - Cena 5 Sex Education T1: Ep1 (2019)..... 75
Quadro 17 - Cena 5 Sex Education T1: Ep1 (2019)..... 77
Quadro 18 - Cena 5 Sex Education T1: Ep1 (2019)..... 78
Quadro 19 - Cena 6 Sex Education T1: Ep5 (2019)..... 80
Quadro 20 - Cena 6 Sex Education T1: Ep5 (2019)..... 82
Quadro 21 - Matéria Lucas e LGBTFOBIA (2021) 84
Quadro 22 - Matéria Lucas e LGBTFOBIA (2021) 85
Quadro 23 - Cena 7 As Telefonistas T4: Ep1 (2019) 87
Quadro 24 - Cena 7 As Telefonistas T4: Ep1 (2019) 88
Quadro 25- Cena 8 filme Paternidade (2021)..... 90
Quadro 26 - Cena 8 filme Paternidade (2021)..... 91
Quadro 27 - Cena 8 filme Paternidade (2021)..... 93
Quadro 28 - Cena 8 filme Paternidade (2021)..... 94
Quadro 29 - Riverdale T1: EP3 (2017) 96
Quadro 30 - Riverdale T1: EP3 (2017) 97
Quadro 31 - Sex Education T1: EP5 (2019)..... 98
Quadro 32 - Sex Education T1: EP5 (2019)..... 99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11

2 OS ESTUDOS CULTURAIS EM TELA 19

2.1 OS ESTUDOS CULTURAIS, ARTEFATOS E PEDAGOGIAS CULTURAIS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO 21

2.2 AS REDES SOCIAIS COMO NOVOS LUGARES PARA SE EDUCAR 23

2.3 O INSTAGRAM PARA ALÉM DAS IMAGENS 25

3 SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO: Identidade, poder, representação e suas relações com o artefato cultural Instagram 27

3.1 ESTUDOS DE GÊNERO, OS ARTEFATOS CULTURAIS E O INSTAGRAM COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL GENERIFICADA 31

4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS/OS JOVENS E AS JUVENTUDES 35

5 METODOLOGIA 39

5.1 SOBRE OS ARQUIVOS: A PRODUÇÃO DO CONTEÚDO PARA O @GENEROESUBJETIVIDADES 47

5.2 CONTEÚDOS PRODUZIDOS PARA OS EIXOS ANALÍTICOS 47

6 SOBRE AS ANÁLISES 54

6.1 PRIMEIRA CATEGORIA ANALÍTICA: DESIGUALDADES DE GÊNERO EM PRÁTICAS COTIDIANAS 55

6.2 SEGUNDA CATEGORIA ANALÍTICA: GÊNERO E LGBT+FOBIA 74

6.3 TERCEIRA CATEGORIA ANALÍTICA: GÊNERO NA ESCOLA 89

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 101

REFERÊNCIAS 105

APÊNDICE A - Questionário realizado no Google Forms 112

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre esclarecido 115

1 INTRODUÇÃO

A popularização das redes sociais de comunicação tem redesenhado as relações sociais na contemporaneidade e a sua expansão possibilitou uma maior aproximação de diferentes culturas e identidades, permitindo conhecer novas maneiras de perceber a si mesma/o, as outras e os outros e o mundo que nos cerca, seus discursos, posicionamentos e experiências. Na internet é possível encontrar as flagrantes mudanças dos usos de novos dispositivos e de redes sociais, que se tornam campos cruciais para pensar os processos educativos.

Manuel Castells (2003) pontua que a Internet foi projetada para uma comunicação livre e que a mesma "[...] está relacionada à livre expressão em todas as suas formas, mais ou menos desejável segundo o gosto de cada pessoa" (CASTELLS, 2003, p. 165). O autor acrescenta que a internet é uma tecnologia particularmente maleável, suscetível de ser alterada por sua prática social.

Nesta pesquisa pretendeu-se direcionar o olhar para o *Instagram* como um dispositivo que, para Agamben (2009, p. 40), seria "[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes". Ao admitir essa rede social, muito utilizada por jovens brasileiras/os, como uma pedagogia cultural, procuro tecer teias de significado sobre a emergência da produção de identidades generificadas nesse artefato cultural, que segundo Marisa Vorraber Costa (2014, p. 83) "[...] são feitas e refeitas em negociações que as reposicionam ao discurso e as reconstituem em novas composições".

As redes sociais, enquanto espaços de produção de subjetividades, se apresentam como lugares propícios para a comunicação das pessoas e, consequentemente, as questões de gênero ganham destaque nesse espaço através de normatizações que podem ser observadas nas formas de agir, vestir, pensar e de ser no mundo, e que circulam a partir de interpelações. Nesse sentido, convém destacar que:

> A interpelação não opera tão somente no nível discursivo, isso é, não se restringe no nível do que é dito e, depois, pensado por aquele que foi interpelado. A interpelação se dá também no nível das práticas não discursivas, e, dado que sobre essas práticas sempre circulam discursos que elas se referem, há uma relação complexa entre as práticas (discursivas e não-discursivas) que interpelam cada indivíduo (VEIGA NETO, 2014, p. 58).

O interesse em pesquisar o tema nasceu dos achados de uma pesquisa[1] cujo objetivo foi analisar as relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas no espaço escolar. Ao investigar essas relações e o interesse das crianças no brincar, foi evidenciado que os eletrônicos eram considerados por elas "brinquedos" e junto a essa questão foi possível observar brincadeiras, danças e gestos, vistos e incorporados por essas crianças advindos/em meio a suas interações com o acesso à Internet.

Os interesses que atravessam quem pesquisa se configuram de suma relevância para quem escreve e para quem lê, pois, aquelas/es que fizerem o exercício dessa leitura precisam saber que a pessoa que registrou, apontou e assentou esse texto é sujeito de privilégios, mas também é sujeito que teve sua voz silenciada e suas crenças desrespeitadas. Destaco que a minha aproximação com as questões de gênero emergiu das experiências vivenciadas enquanto criança, entendidas a partir de Jorge Larossa (2002) como "[...] aquilo que "nos passa", ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação" (LARROSA, 2002, p. 28).

Fui uma criança que aprendeu a falar com *O Rei Leão,* a menina que aprendeu a ler com a *Bela e a Fera* e que se apaixonou pela leitura com *Os Miseráveis,* de Victor Hugo, e que sonhou em ser bruxa com a saga *Harry Potter*. Sou um emaranhado de experiências mediadas por artefatos culturais. Passei a Educação Infantil detestando ir à escola, pois não me sentia pertencente àquele espaço. Detestava bonecas que representavam a figura de crianças, pois o meu entendimento era o seguinte: ao brincar com uma boneca, eu seria a mãe dela, e esse raciocínio me parecia tão certo e tão único que eu não enxergava a possibilidade que ao brincar eu poderia ser a tia, a irmã, prima ou outras pessoas de referência.

A minha mãe era e é o ser mais precioso da minha vida, que trabalhava muito e que o emprego a distanciava de mim. "Mainha" é o meu ser humano favorito no mundo, o exemplo de força e de resistência que me faz todos os dias querer me tornar um ser humano melhor. Antes de conhecer as lutas feministas eu conheci e aprendi com as mulheres da minha família o quão ser mulher não é uma tarefa fácil. Ainda na infância vivenciei boa parte das pautas das lutas feministas. Fui criada sem muitos filtros e minha família sempre falou de forma muito aberta sobre qualquer tema, até os dez anos eu já sabia de temas como aborto, violência

[1]Pesquisa realizada como trabalho de conclusão de curso, intitulada: Gênero na Educação Infantil: um olhar para as brincadeiras no espaço escolar. A monografia contou com uma análise de 10 anos de produções acadêmicas de dois grupos de trabalhos da ANPEd (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), os GTs 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e 23 (Gênero, Sexualidade e Educação). A pesquisa mostrou que os trabalhos encontrados nos dois GTs apresentavam poucos estudos voltados para o brincar e as atividades lúdicas com foco nas relações de gênero, evidenciando em suas metodologias um olhar centrado nos adultos (professores/as).

doméstica, estupro, assédio, homofobia, prostituição, entre outros, pois todos esses temas estiveram presentes em minha família.

Os atravessamentos das redes sociais em minha vida começaram através do *Windows Live Messenger*, que foi um programa de comunicação e mensagens instantâneas, que teve seu lançamento em dezembro de 2005, quando eu tinha 11 anos e que foi o meu primeiro contato com computadores com acesso à internet e também com o idioma e músicas em espanhol. O interesse também ganhou espaço e lugar durante minha trajetória acadêmica, a partir de disciplinas eletivas, seminários, Projeto de Extensão[2], Iniciação Científica[3] e Grupo de Estudos[4] na Universidade Federal de Pernambuco, sendo esses espaços fundamentais para a construção de aprendizados teóricos e de um olhar mais crítico para as maneiras que a sociedade é educada.

Ao pensar no ato de pesquisar, é necessário considerar as relevâncias pessoal, social, profissional e acadêmica. Em relação à relevância pessoal e social, considero que pesquisar sobre os processos de subjetivação das identidades de gênero no artefato cultural do *Instagram* sob a ótica das/os jovens, pode somar para o debate sobre como essas relações e interações com as redes sociais movimentam questões particulares e coletivas, como a construção das identidades, normatizações, discursos machistas, racistas, homofóbicos, transfóbicos, entre outros.

Sobre a relevância profissional e acadêmica, penso que, enquanto pedagoga, entender como o artefato cultural *Instagram* se faz presente na vida das juventudes pode proporcionar novos olhares para observar as pedagogias culturais produzidas e postas em circulação nas redes sociais e seus possíveis rebatimentos para o campo das práticas pedagógicas, das práticas docentes e para as políticas curriculares.

Diante desse contexto, esta pesquisa versa sobre a seguinte questão: Como o artefato cultural *Instagram* subjetiva as identidades de gênero de jovens pernambucanos? Para tanto, elegemos como objetivo geral analisar os processos de subjetivação das identidades de gênero no artefato cultural do *Instagram*, sob a ótica das/os jovens do Ensino Médio do município de São Caetano - PE. Para a produção de um aporte teórico-metodológico que pudesse responder a pergunta de pesquisa, considerei os objetivos específicos: (1) identificar os perfis de interesse

[2]O Programa de Extensão Universitária (***ProExt)*** 2014-15 "Arte- Educação: da universidade à escola".

[3]Iniciação Científica – FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de PE) - Projeto BIC-0023-7 08/16: "Estudos de gênero das mulheres artesãs do Alto do Moura".

[4]Laboratório de Pesquisa em Política Pública, Currículo e Docência - Laboratório em Política Pública, Currículo e Docência (2017) do grupo de estudo: Gênero, Sexualidade e Práticas Educativas (2017).

das/dos jovens no artefato cultural *Instagram*; (2) compreender as representações generificadas que emergem desses perfis e sua relação com o contexto das/os jovens e (3) identificar, a partir dos olhares das/os jovens, os enunciados de gênero que emergem no artefato cultural *Instagram* e sua relação com os enunciados de gênero presentes na escola.

Para construção dos objetivos já mencionados foram realizados dois levantamentos[5] na Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações – BDTD, com o intuito de identificar trabalhos que pudessem dialogar com a pesquisa. O primeiro levantamento foi realizado no período de abril a junho de 2019, com quatro descritores: *Instagram, Instagram e gênero; gênero e redes sociais; Instagram e Educação.*

A busca foi realizada sem o recorte por anos, entretanto, considerando que a pesquisa se desenvolveu no *Instagram,* as publicações referentes ao tema começam a aparecer após o ano de 2010, quando a rede social foi lançada para o público. Esta primeira pesquisa mostrou que os trabalhos estão em diferentes áreas de concentração, sobretudo em comunicação, administração e linguística. Os quatro descritores permitiram encontrar um total mil cento e trinta e quatro trabalhos e destes, cento e setenta estavam direcionados a diferentes redes, como *Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat, Orkut, WhatsApp e YouTube.* Das produções encontradas, vinte e um trabalhos foram compilados.

Essa variedade de trabalhos em diferentes áreas possibilitou uma ampla e rica visão a respeito dos interesses no artefato cultural *Instagram*, essa diversidade também traduz um pouco do movimento e história dos Estudos Culturais - EC, visto que "os Estudos Culturais se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular" (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2012, p. 8).

Dos trabalhos encontrados com o *Instagram*, apenas dois não direcionaram o seu olhar a essa rede social, entretanto, cabe destacar o silenciamento das produções, sobretudo no campo da educação, voltadas para as relações de gênero. Entre os temas das dissertações e teses encontradas, destaco estudos sobre fotografia, empreendedorismo, moda, alimentação, linguagem, memes, corpo fitness, consumo, economia, museu na era virtual, imaginário de paisagens, felicidade, moda, utilização de filtros, marketing digital, escrita digital, protestos, publicações, jornalismo nas redes sociais, anúncios, publicidade e autorretrato.

Apesar de os descritores *Gênero e Redes Sociais* apresentarem um maior número, novecentos e setenta e cinco no total, apenas 42 produções direcionam seus objetivos e discussões aos estudos de gênero, apesar de observarmos recortes bem específicos em seus

[5]O levantamento foi realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações – BDTD.

temas, entre eles, padrão do corpo fitness, corpo saudável, feminismo digital, violência contra mulher, (in)visibilidade trans, sexo virtual, cultura do estupro, ciberliteratura, gêneros textuais digitais e redes de tráfico.

O segundo levantamento foi realizado no período de outubro a dezembro de 2020, utilizando oito descritores: *Instagram e gênero*; *Instagram e educação*; *Instagram e subjetividade*; *Instagram e subjetividade de gênero*; *Gênero e subjetividade*; *Subjetividades de gênero e redes sociais*; *subjetividades e redes sociais;* e, por fim, *gênero e redes sociais.*

O que observei foi que menos de cinquenta trabalhos não apresentaram produções diferentes da busca feita no primeiro levantamento. Em relação aos dois descritores com mais resultados: *subjetividades e redes sociais* - 836 resultados, e *gênero e redes sociais* - 1359 resultados, foram encontrados 384 trabalhos que não apareceram no primeiro levantamento, porém esses não reuniam os três pontos de aproximação que considero importantes nessa pesquisa, que são: gênero, subjetividade e *Instagram*. Entre os resultados foi possível encontrar trabalhos voltados à pornografia, feminismo digital, violência contra mulher, ciberliteratura, entre outros.

Apesar de alguns trabalhos apresentarem objetivos bem distintos dos que aqui foram eleitos, foram encontrados pontos que contribuíram para o entendimento de lacunas nas pesquisas no campo da educação, merecendo destaque algumas metodologias, autoras/es utilizadas/os e participantes. Dessa maneira, esses pontos chamaram a atenção e foram importantes na produção da presente pesquisa, estando essas produções apresentadas na sequência.

Quadro 1- Produções da Biblioteca Digital Brasileira de Tese e Dissertações

Autoras/es	**Título**	**Instituição**	**Aproximações ou contribuições**
Andréa Cruz (2016)	Interação dos Jovens a partir das Mídias Digitais: implicações no cotidiano escolar.	Universidade Federal de Juiz de Fora.	A dissertação chamou a atenção por ser do campo da Educação e por apresentar a compreensão de que as vivências na internet estão presentes no cotidiano da escola, entretanto, a produção em questão em nenhum momento apresenta um olhar para as relações de gênero ou traz contribuições do campo dos EC.

Andressa Fantoni (2017)	Autorrepresentação de Adolescentes Porto-alegrenses.	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.	A produção apresenta discussões de gênero ou EC, entretanto, encontra-se em destaque por mostrar um direcionamento ao lugar do afeto nas redes sociais, algo que acredito merecer uma atenção especial, quando os objetivos perpassam por compreender as relações das pessoas com esses artefatos.
Sandoval Artur da Silva Júnior (2018)	Os Likes como expressão da afetividade em rede no Instagram.	Universidade Federal do Rio Grande do Norte.	A pesquisa buscou a compreensão dos *Likes* como expressão da afetividade no *Instagram*. Um ponto interessante foi a metodologia e local usados para encontrar as/os participantes: o pesquisador era membro da comunidade pesquisada e manteve essa informação oculta das/os observadas/os em um bar próximo a UFRN.
Rodrigo Nejm (2016)	Exposição de si e gerenciamento da privacidade de adolescentes nos contextos digitais.	Universidade Federal da Bahia.	Apesar de a tese não apresentar a discussão de gênero, utiliza autoras/es importantes para os Estudos Culturais, como Stuart Hall (2014) e Rosa Maria Bueno Fischer (1996), e se propõe investigar a exposição e privacidade nas redes.
Hage Zakiee Castro Mufarrej (2017)	Adultos em Redes: Significados dos Autorretratos Postados no Instagram.	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.	Apesar de a dissertação não fazer um recorte de gênero, algo que chamou a atenção foi a metodologia utilizada: foram feitas análises das/os postagens das/os participantes que mais postaram no período de dez dias.
Bruna Lourena de Lima Dantas (2018)	Look do dia: consumo conspícuo de *fast fashion* e construções identitárias no Instagram.	Universidade Federal da Paraíba.	Entre as produções selecionadas, é a que mais direciona os objetivos e discussões para a construção das identidades no *Instagram*.

Fonte: A Autora (2022).

Apesar de apresentar caminhos metodológicos e aportes teóricos variados, os trabalhos mencionados permitiram ampliar as possibilidades pensadas inicialmente, sobretudo diante da realização da pesquisa em um período pandêmico. A presente pesquisa está ancorada em uma perspectiva pós-estruturalista dos estudos de gênero, esse último formado a partir de contextos culturais e particulares de cada sociedade em meio às construções de papéis atribuídos aos seres

humanos, problematizando, dessa forma, as normatizações e as desconstruções acerca do masculino e feminino. Reconhece, assim, a pluralidade e diversidade dessas/es mediante as relações de poder inseridas na sociedade, nos processos e práticas discursivas e educativas, ressignificando essas construções. Nesse sentido, Marisa Vorraber Costa (2014, p. 76), inspirada nos escritos de Michel Foucault, declara que:

> O pós-estruturalismo faz implodir essa noção de um mundo real preexistente e dotado de uma essência, expondo-o como inteiramente constituído pela linguagem [...] A "verdade" ou a "realidade" são construções discursivas resultantes de epistemes situadas e datadas [...] A verdade ou as verdades são coisas deste mundo, constituídas no seio de correlações de forças e jogos de poder.

Com o intuito de mergulhar nos processos de subjetivação de gênero no artefato cultural *Instagram*, o presente trabalho se apoia também nos Estudos Culturais - EC, sobretudo porque o *Instagram* se constitui enquanto espaço de produção e circulação de pedagogias culturais, ou seja, de práticas culturais, que segundo Giroux (2012, p. 85) "[...] rejeitam a noção da pedagogia como uma técnica ou um conjunto de habilidades neutras, argumentando que a pedagogia é uma prática cultural que só pode ser compreendida através de questões sobre história, política poder e cultura".

Os ECs ampliam os seus olhares para a educação e pedagogias presentes fora da escola. Nesse viés, penso que o artefato cultural *Instagram* não se configura em um universo ou realidade paralela, as implicações das suas pedagogias e normativas são possíveis de observar para além do dito "mundo *on-line*". Nessa direção, questiono: Seria o *on-line* o real? Qual o mundo real? Que identidades são assumidas nesses espaços?

Os Estudos Culturais direcionaram novas visões e deslocamentos referentes às concepções de cultura e identidade, além de apresentarem contribuições acerca da relação entre mídia, cultura e os processos de subjetivação. Acerca disso, Giroux (2012, p. 83) pontua que "[...] os Estudos Culturais estão profundamente preocupados com a relação entre cultura, conhecimento e poder". Cary Nelson, Paula Treichler e Lawrence Grossberg (2012) ainda acrescentam que os ECs têm uma história de compromisso com aquelas/es que historicamente foram nomeadas/os sem poder.

Para melhor compreensão acerca do tema e a título de organização, o presente trabalho encontra-se disposto em 7 capítulos, são eles: *1 – Introdução; 2 - Os Estudos Culturais em tela; 3 - Sobre os Estudos de Gênero: identidade, poder, representação e suas relações com o artefato cultural Instagram; 4 - Alguns apontamentos sobre as/os Jovens e juventudes; 5 - Metodologia; 6 - Sobre as análises; 7 - Considerações finais.* Destaco que cada capítulo me

convidou a discorrer sobre alguns elementos e discussões mais específicas sobre o tema e, mediante essa realidade, pensei em alguns subtópicos que pudessem enriquecer a pesquisa, assim como a compreensão das/os leitoras/es desta produção.

No primeiro capítulo foi feita uma apresentação com as justificativas, interesses e motivação para a produção desta pesquisa, assim como os objetivos e produções relacionadas ao tema. No segundo capítulo busquei discutir sobre os Estudos Culturais e sua história com os estudos das mídias, além de apresentar de forma mais detalhada o artefato cultural *Instagram*, sua história, ferramentas e como as pedagogias culturais atuam nesses lugares de aprendizagem. No terceiro capítulo os estudos de gênero são situados historicamente e também é discutido sobre os seus olhares para as mídias digitais e para as representações de gênero em diferentes artefatos que, historicamente, reforçaram estereótipos do ser homem/menino e do ser mulher/menina.

No quarto capítulo apresento uma discussão a respeito das diferentes visões sobre as/os jovens e como essas visões foram sendo modificadas ao longo dos séculos. Tais mudanças são importantes para compreender as expectativas, desafios e conquistas que fazem parte das construções dos processos de subjetivação das/os jovens na contemporaneidade. O quinto capítulo, intitulado Metodologia, é responsável por apresentar os caminhos metodológicos: campo de pesquisa, os instrumentos construídos para atender os objetivos específicos, bem como os arquivos utilizados para mediação com as/os jovens. Nesse capítulo foram descritos os eixos analíticos acolhidos para o debate.

O sexto capítulo, de cunho analítico, traz os conteúdos produzidos para o perfil @generosesubjetividades, na composição de três categorias: 1ª – "Desigualdade de gênero em práticas cotidianas". A segunda categoria analítica denomina-se "Gênero e LGBT+fobia" e a terceira "Gênero na escola". A pesquisa permitiu nos aproximar de jovens que conseguem visualizar e realizar leituras das desigualdades de gênero na sociedade, reconhecendo que essas estão presentes e vistas pelas/es mesmas/os em suas vivências. O último capítulo, que traz as considerações finais, apresenta uma discussão e reflexão sobre como as/os jovens se percebem dentro das relações de gênero e como essas/es as enxergam na sociedade.

2 OS ESTUDOS CULTURAIS EM TELA

O campo dos Estudos Culturais - EC emergem na Inglaterra, no período pós-guerra, ganham visibilidade na segunda metade do século XX e vão se constituindo a partir da problematização sobre a noção de cultura e de identidades fixadas em um eixo universal. Esse campo de estudo ganha representatividade, sobretudo, na língua inglesa, entretanto, se expandem e começam a caminhar conforme os enunciados, emergências e realidades de cada lugar, com destaque para os estudos britânicos, norte-americanos e latino-americanos.

Entre as publicações que movimentaram o início dos EC, cabe destacar três autores: Richard Hoggart, com o livro que recebeu o título de *The uses of literacy* - Os *usos da Cultura* (1957); Raymond Williams, com a obra *Culture and Society – Cultura e Sociedade* (1958); e Edward Palmer Thompson, com seu trabalho *The making of the english working class - A formação da classe operária inglesa* (1963). Kenneth Thompson (2005, p. 16) aponta que os EC britânicos foram os mais influentes em suas versões iniciais, além de serem "[...] os mais engajados politicamente, focalizando a relação entre cultura e várias formas de poder, especialmente os conflitos entre cultura dominante e várias subculturas".

Conforme Williams (2011, p. 13), cultura é um "sistema de significação, mediante o qual necessariamente [...] uma dada ordem é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada", chamando a atenção para a sua dinamicidade e fluidez, não de modelos rígidos e definitivamente constituídos, mas de um conjunto ou um horizonte de significados, que se moldam na interação e nas diferentes relações de poder (GIROUX, 1999), tratando de considerar a sua produtividade - e positividade -, ou seja, a capacidade do poder de produzir subjetividades e identidades.

O professor Alfredo Veiga Neto (2003, p. 7) diz que "a Cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal. Única porque se referia àquilo que melhor havia sido produzido; universal porque se refere à humanidade [...]". Como é possível observar, a noção de cultura esteve associada a um patamar elevado, uma condição de privilégio, destinada a poucas/os e relacionada a um conjunto de normas, representações, padrões e status, ou seja, a Cultura seria privilégio para poucas/os, sendo diante desse cenário que as concepções de culturas passaram a ser questionadas e problematizadas. Nesse sentido, Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 23) dizem que:

> A cultura não pode mais ser concebida como acumulação de saberes ou processo estético, intelectual ou espiritual. A cultura precisa ser estudada e compreendida tendo-se em conta a enorme expansão de tudo que está

> associado a ela, e o papel constitutivo que assumiu em todos os aspectos da vida social.

Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 37) apresentam alguns elementos importantes que os Estudos Culturais problematizam, um deles é a visão plural do que seria cultura, compreendendo que não há uma cultura mais valiosa ou melhor que outra, desafiando a lógica de separação entre "alta cultura e cultura popular". Nesse sentido, esses autores declaram que:

> Desde seu surgimento, os EC configuram espaços alternativos de atuação para fazer frente às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular.

A cultura popular e baixa cultura se estabelecem enquanto culturas do povo, sendo constituídas enquanto "culturas das minorias", expressão essa que não tem relação com a quantidade de pertencentes, mas sobretudo, a visibilidade das/os pertencentes a esses grupos de pessoas. Essas "minorias" podem ser associadas a algo pejorativo, relacionadas a uma "inferioridade" em meio a conexões referentes ao exercício do poder, em que aquelas/es que têm menos visibilidade, direitos e reconhecimento são desrespeitadas/os. Contudo, "desde seu surgimento, os EC configuram espaços alternativos de atuação para fazer frente às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular" (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37). Assim, a noção de poder é entendida nesta pesquisa como:

> [...] o campo de possibilidade em que se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, coage ou impele absolutamente, mas é sempre um modo de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 2010, p. 288).

A década de 1990 marca a entrada dos ECs no campo da educação no Brasil. Em 1996, o Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGEdu-UFRGS inseriu duas novas linhas de pesquisa, sendo uma delas a de "Estudos Culturais em Educação". Wortmann, Costa e Silveira (2015) declaram que conforme foi realizada a inserção dessa linha de pesquisa, foram emergindo novos interesses e produções no programa. As autoras ainda ressaltam que a aproximação entre os EC e Educação tiveram grande influência da obra *Alienígenas na sala de aula – uma introdução aos Estudos Culturais em educação,* obra traduzida no Brasil por Tomaz Tadeu da Silva, e que tem artigos

importantes, a exemplo de Lawrence Grossberg, Cary Nelson e Paula Treichler (1992); O livro ainda conta com textos de Angela McRobbie, Douglas Kellner e Henry Giroux.

A noção de identidade ganha força no campo dos Estudos Culturais da Educação, a partir do questionamento das identidades fixadas em um sujeito universal, homogêneo e a reflexão sobre a possibilidade de pensarmos na ideia de identidades transitórias.

> Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias. Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes (LOURO, 2000, p. 6).

Assim, a identidade, sendo definida historicamente, é formada e ressignificada em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que fazemos parte. Hall (2005, p. 13) chama de "sujeito pós-moderno" esse indivíduo cuja identidade é móvel, "formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam".

> O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2006, p. 13).

2.1 OS ESTUDOS CULTURAIS, ARTEFATOS E PEDAGOGIAS CULTURAIS: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

Ao discorrer sobre umas das vertentes dos EC, Costa e Andrade (2015) apresentam um *insigth* sobre a emergência da noção de pedagogia cultural no cenário acadêmico. Elas lembram que tal conceito é bastante reconhecido nos EC em Educação e que, assim como o próprio campo dos Estudos Culturais que segue em construção, o termo pedagogia cultural acompanha o mesmo movimento. As autoras reconhecem "o livro *Cultural Pedagogy: arts, education, politics*, do norte-americano David Trend, lançado em 1992, como sendo provavelmente a primeira obra acadêmica em que é utilizado o conceito *pedagogia cultural*" (2015, p. 846).

Costa e Andrade (2015, p. 845) ressaltam que o prefácio do livro mencionado foi escrito por Henry Giroux, um dos principais autores norte-americanos dos EC, que se debruça sobre a

pedagogia crítica e os estudos de mídia. As autoras ainda declaram que "a compreensão de que diferentes artefatos da cultura são produtivos na formação dos sujeitos encontrou nos Estudos Culturais e nas discussões e análises sobre *pedagogias culturais* fundamentação teórica e empírica pertinente". Por sua vez, Giroux (2012, p. 97) lembra que as pedagogias compõem

> [...] um modo de produção cultural implicando na forma como o poder e o significado são utilizados na construção e na organização de conhecimento, desejos, valores. A pedagogia, neste sentido, não está reduzida ao domínio de habilidades ou técnicas. Em vez disso, ela é definida como prática cultural que deve ser responsabilizada ética e politicamente pelas estórias que produz, pelas asserções que faz sobre as memórias sociais e pelas imagens do futuro que considera legítimas.

Antes da utilização do termo "pedagogias culturais" outras terminologias foram exploradas, como "pedagogia popular" e "tecnologias culturais". Entretanto, no final da década de 1990, Steinberg e Kincheloe (2004), sobre a influência dos escritos de Giroux, começaram a fazer uso do termo pedagogia cultural. Esse movimento foi de suma importância, porque os livros sobre os EC começaram a ser traduzidos e popularizados no Brasil.

A compressão a respeito das pedagogias culturais marca o início de produções a respeito dos estudos de mídia no Brasil. Nessa mesma direção, Costa e Andrade (2015, p. 849) declaram que "esse entendimento contemporâneo sobre *pedagogias culturais*, adotado e propagado especialmente por Giroux (2008), Steinberg e Kincheloe (2004), é compartilhado pelos pesquisadores dos Estudos Culturais, mas também dos Estudos de Gênero, de Mídia etc.".

Essas pedagogias culturais operam através das representações que se manifestam em diferentes formas de discursos e através de diversas ferramentas. "[...] o conceito de *pedagogias culturais* tem sido uma ferramenta importante para que pesquisadores articulem cultura, educação e comunicação em estudos que visam problematizar a fabricação de sujeitos do tempo presente [...]" (COSTA; ANDRADE, 2015, p. 849).

Um elemento a ser destacado nas pedagogias que operam nos meios de comunicação e demais artefatos culturais são as propagações de referências e modelos. Nesse processo de atuação, vale destacar o incentivo ao consumo. Nesse sentido, Costa e Andrade (2015, p. 852) apontam que muitas pedagogias e artefatos culturais seguem diretamente ligadas ao consumo e movimentação do capitalismo:

> [...] estão conectadas a questões mercantis já que, na contemporaneidade, cultura e consumo – seja este de objetos, seja de modos de vida – estão intimamente atrelados e são os motores do capitalismo contemporâneo, o que faz com que as *pedagogias culturais* estejam intensamente atreladas/alinhadas/direcionadas a fazer as pessoas consumirem.

Nos trabalhos sobre artefatos culturais, destacam-se análises e reflexões a respeito dos papéis de gênero das/os personagens, estereótipos raciais e de classe, entre outros. Nesse sentido, "analisar a linguagem desses produtos, em seus detalhes [...] é considerar que há um endereço para aquele produto, que ele existe e é feito para chegar a alguém, para seduzi-lo, chamá-lo a ver, gostar e reconhecer-se" (FISCHER, 2003, p. 84).

2.2 AS REDES SOCIAIS COMO NOVOS LUGARES PARA SE EDUCAR

Para muitas/os as redes sociais apresentam-se como espaços da linguagem, lugar de representação, interação e encontro com outras identidades. Esses artefatos possibilitam que as pessoas assumam uma ou mais versões das identidades que lhes convém, de modo que "as relações digitais redefinem dinâmicas sociais contemporâneas, convocando aos indivíduos estarem sempre conectados através das novas tecnologias, independente da geolocalização, tempo e do quantitativo de pessoas a quem estão vinculados" (FERREIRA; DESLANDES, 2018, p. 3370). Nesse sentido, as redes sociais além de pontos de encontro e do abraço com o atual, com o contemporâneo, são lugares educativos, ou como nos diz Michel Foucault (2008, p. 244), é um dispositivo, ou seja,

> [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre esses elementos.

A partir da noção de dispositivo, entendo que o *Instagram* funciona como um dispositivo pedagógico que opera, segundo Fischer (2002, p. 153), "[...] no sentido de participar efetivamente da constituição de sujeitos e subjetividades, na medida em que produz imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à "educação" das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem". Compreendo também que as redes sociais são lugares de aprendizagem, que segundo Elizabeth Ellsworth (2005) são os espaços que compõem a vida social das pessoas, como as mídias, museus, teatro, cinema, entre outros, enxergando nos mesmos o caráter pedagógico que "[...] provoca nos sujeitos movimentos, sensações e efeitos que fazem com que seus corpos e mentes realizem aprendizagens tanto em relação a si mesmos, quanto em relação aos outros e ao mundo" (ANDRADE; COSTA, 2017, p. 6).

No caso da internet, mais especificamente no *Instagram* e demais redes sociais, também se configuram aprendizagens orientadas. Desse modo, quem elabora os conteúdos são as/os usuárias/os e a própria rede social, essas informações são enviadas a todo momento através dos perfis que as/os usuárias/os seguem e das *curtidas* feitas nos conteúdos de outros perfis, ou seja, a sociedade segue acompanhando o crescimento da popularização da internet e das mídias. Os ECs já chamavam a atenção para essa questão desde o início de suas produções, como declara Giroux (2012, p. 88):

> Ao analisar toda gama dos lugares diversificados e densamente estratificados de aprendizagem, tais como a mídia, a cultura popular, o cinema, a publicidade, as comunicações de massa e as organizações religiosas, entre outras, ao Estudos Culturais ampliam nossa compreensão do pedagógico e seu papel fora da escola como local tradicional de aprendizagem.

O encontro das pessoas com as redes sociais veio descortinar, dar novos significados e chamar a atenção para "uma nova categoria", a das/os usuárias*/os*. Nesse sentido, Muniz Sodré (2013, p. 147) declara que "como usuários, estamos atentos a só uma das janelas de nossa tela em um momento concreto, mas em certo sentido estamos presentes em todas elas a cada momento [...] nossa identidade no computador é a soma de nossa presença distribuída".

Nessa direção, "[...] é preciso compreender que estudar as redes sociais na Internet é estudar uma possível rede social que exista na vida concreta de um indivíduo, que apenas utiliza a comunicação mediada por computador para manter ou criar novos laços" (RECUERO, 2009, p. 14). Esses novos laços apresentados por Recuero não devem ser vistos como algo sem importância, nas palavras da autora:

> Não se pode reduzir a interação unicamente ao ciberespaço, ou ao meio de interação. A comunicação mediada por computador corresponde a uma forma prática e muito utilizada para estabelecer laços sociais, mas isso não quer dizer necessariamente que tais laços sejam unicamente mantidos no ciberespaço (RECUERO, 2009, p. 14).

Diante do exposto, é possível perceber que as experiências vivenciadas no espaço *on-line* não são menos importantes, as redes se apresentam e se constituem como espaços que oferecem novas formas de comunicar-se, relacionar-se e construir novos saberes e sentidos.

> Quanto às relações "virtuais", não substituem pura e simplesmente os encontros físicos, nem as viagens, que muitas vezes ajudam a preparar. Em geral é um erro pensar as relações entre antigos e novos dispositivos de comunicação em termos de substituição. [...] O cinema não eliminou o teatro, deslocou-o. As pessoas continuam falando-se após a escrita, mas de outra forma. As cartas de amor não impedem os amantes de se beijar (LÉVY, 1999, p. 117).

Recuero (2020, p. 34) declara que muitas dessas relações ganham lugar e espaços outros na vida das/os usuárias/os, essas movimentações e sugestões de pessoas com os mesmos interesses são mais evidentes, sobretudo, em redes sociais de namoro, onde as/os usuárias/os apresentam as características que são de seus interesses, ou seja, "quem estão procurando". Nessa direção, "a interação no ciberespaço também pode ser compreendida como uma forma de conectar pares de atores e de demonstrar que tipo de relação esses atores possuem. Ela pode ser diretamente relacionada aos laços sociais".

2.3 O *INSTAGRAM* PARA ALÉM DAS IMAGENS

O *Instagram* começou a funcionar para o grande público no dia 6 de outubro de 2010, nos sistemas *iOS, Android e Windows*. Em 2012, o *Instagram* foi adquirido pelo *Facebook* por aproximadamente 1 bilhão de dólares, todavia, a rede social começou a ganhar maiores projeções com a inserção dos *Stories,* que são fotos ou vídeos efêmeros que duram 24 horas e que tiveram suas atividades iniciadas no dia 2 de agosto de 2016. Através do *Story* também é possível realizar *Lives*.

Gostaria de chamar a atenção para o *Story*, por enxergar no mesmo uma das ferramentas que alimenta a popularidade do *Instagram*. O *Story* pode ser comparado a novos canais de TV, onde a programação é dirigida por cada uma/um usuária/o, sendo possível escolher os canais, que são os perfis que vão ser assistidos e acompanhados. É importante ressaltar que existem outras redes que utilizam o mesmo recurso, entretanto, um dos possíveis motivos para essa ferramenta tornar-se mais popular no *Instagram* pode ter relação com a proposta da rede, assim como o *Instagram* possui outras ferramentas que não são tão populares como em outras redes, por exemplo, a alternativa de mandar áudios para outras/os usuárias/os, função mais popular no *WhatsApp*, e tal realidade não é difícil de compreender ao analisar a proposta do *WhatsApp*.

Ainda sobre o *Story*, chamo a atenção para as opções referentes a ele. Mesmo com um perfil privado, é possível selecionar as fotos e vídeos que serão vistos pelas/os seguidoras/es, essas/as últimas/os podem comentar ou "reagir" às postagens através dos "*emojis*[6]" ou *smileys*, que foram criados em 1973 por Harvey Ball Frend e que se tornaram populares nas redes sociais com suas carinhas com expressões felizes, tristes e surpresas. Devido a essas e outras alternativas, o *Story* tornou-se o principal lugar de fala, escuta e olhares das/os usuárias/os do *Instagram*.

[6]*Emojis* são ideogramas, símbolos gráficos que podem representar palavras ou conceitos. *Smileys* que são ícones paralinguísticos.

As principais redes sociais atualmente não recomendam a inserção de menores de 13 anos, todavia, as elaborações de contas nas redes sociais são realizadas com informações que não exigem "uma comprovação", no caso do *Instagram* pode ser adicionado um número de celular ou entrar diretamente com uma conta do *Facebook*, dessa forma, uma mesma pessoa pode elaborar quantos perfis desejar, basta ter mais de um número de celular ou possuir mais de uma conta no *Facebook*.

O *Instagram*, assim como outros artefatos culturais, traz e é constituído de pedagogias, sendo de suma importância compreender as redes sociais enquanto espaços educativos, de trocas e aprendizados. No *Instagram* é possível observar também a divulgação de produtos, sendo essa ferramenta um convite ao consumo, a propaganda e a divulgação. Nesse sentido, o *Instagram* se mostra uma vitrine viva, pois a cada atualização do *feed* novas referências são expostas, novas formas de seduzir apresentam-se. Nessa direção, Costa e Andrade (2015, p. 854) declaram que:

> [...] a inserção dos sujeitos neste universo de imagens, espetáculo e convocações irrecusáveis que faz com que eles aprendam sobre si, sobre os outros, sobre o mundo e sobre tudo aquilo que tais complexos consideram desejável para que seus conglomerados se mantenham lucrativos e alinhados ao capitalismo neoliberal contemporâneo.

São esses universos que estão envoltos de pedagogias culturais que subjetivam as identidades de gênero. A subjetividade aqui é vista segundo "a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual se relaciona consigo mesmo" (FOUCAULT, 1984, p. 236). Cabe salientar que para Foucault esses processos acontecem através da subjetivação, ou seja, as experiências que atravessam os sujeitos e que envolvem também o saber e o outro, sendo essas produções envolvidas no jogo de verdade que se encontra ao lado das forças que operam as relações de poder.

A subjetividade por vezes é apresentada unicamente como íntima e particular, a ponto de ser dissociada da realidade; é vista como algo puramente individual, entretanto, a subjetividade segue estreitamente ligada aos processos de subjetivação, sendo assim, a mesma perpassa as relações, influências da sociedade e cultura que envolvem os gêneros, orientação sexual, cor, classe social, entre outros elementos e não necessariamente nessa ordem.

3 SOBRE OS ESTUDOS DE GÊNERO: Identidade, poder, representação e suas relações com o artefato cultural *Instagram*

Os estudos de gênero ganharam força na Europa e Estados Unidos e começaram a ser impulsionados, sobretudo, pelas lutas sociais dos movimentos feministas, através de grupos organizados que reivindicavam seus direitos, destacando-se o Movimento Sufragista que, em meados do século XIX, lutou pelo direito das mulheres ao voto, acentuando-se na década de 1960 com as discussões em torno das sexualidades e dos direitos reprodutivos, que foram marcadas, como aponta Louro (1997), por preocupações com as construções teóricas sobre os estudos da área.

Tais análises começam a problematizar uma linearidade normativa, não essencial ou natural, ao questionar o sistema sexo-gênero, por compreender que os processos de construção das identidades de gênero vão além do sexo biológico e os papéis sociais atribuídos a esses, pois, como aborda Berenice Bento (2011, p. 552), "hegemonicamente o gênero e a sexualidade se expressam unidos". Ultrapassar tais associações e desigualdades de gênero significou reconhecer o caráter social de sua produção.

A americana Joan Scott (1997) vai pontuar que a noção de gênero surge e transforma-se ao longo da história, refletindo que o termo, durante muito tempo, foi associado ao sexo biológico, utilizado por vezes como sinônimo, sendo encontradas ainda nos dias atuais representações equivocadas, mas que prescrevem discursos normativos que as relações de poder estabelecem (FOUCAULT, 1987). Nessa mesma vertente, Bento (2011, p. 551) pontua que:

> Após o nascimento da criança, as tecnologias discursivas dirigem-se à preparação do corpo para que desempenhe com êxito o gênero. O mundo infantil se constrói sobre proibições e afirmações. Essa pedagogia dos gêneros hegemônicos tem como objetivo preparar os corpos para a vida referenciada na heterossexualidade, construída a partir da ideologia da complementaridade dos sexos.

Tais considerações sobre relações de gênero são definidas na atribuição de sentidos, mediante um sistema de significações. Sobre isso, Teresa de Laurentis, em seu texto intitulado *Tecnologia do Gênero* (1994), sistematiza premissas que, resumidamente, propõem que o gênero, como uma representação, não é menos material, já que está implicado em lugares sociais e hierarquicamente normalizados, e que sendo sua construção historicamente configurada se dá a partir de tecnologias e instituições sociais distintas - mídia, escola, família,

por exemplo, que não cessam em transformá-lo. Mas, para a autora, da mesma forma que tais tecnologias reiteram o discurso, pode romper ou desestabilizar tais representações.

No caso desta pesquisa, a produção e a circulação que estabilizam e dão visibilidade às representações generificadas no *Instagram*, têm um lugar de importância para os sentidos que se produzem, logo, pode-se apresentar essa rede social como uma tecnologia de gênero. Nas palavras de Laurentis (1993, p. 99), "o ser social se constrói dia a dia como ponto de articulação de formações ideológicas, um encontro provisório entre sujeito e códigos na intersecção (sempre mutável) entre formações sociais e sua história pessoal. Outro ponto importante nessa articulação é a composição e arranjos que somam para a construção das identidades, que segundo Woodward (2015, p. 40),

> [...] são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença.

Nesse sentido, Louro (2000, p. 7), ao refletir sobre os escritos de Stuart Hall (1997), pontua que:

> Na verdade, desde os anos sessenta, o debate sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero vem se tornando cada vez mais acalorado, especialmente provocado pelo movimento feminista, pelos movimentos de gays e de lésbicas e sustentado, também, por todos aqueles e aquelas que se sentem ameaçados por essas manifestações. Novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando, em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como *"política de identidades"*.

Ao refletir sobre a relação entre identidade/diferença, os processos de representação e os atravessamentos com a dinâmica do poder, os homossexuais, por exemplo, são vistos ainda por muitas/os como um insulto, um ataque a "honra" e modos da lógica heteronormativa, que desconsidera qualquer manifestação e modos de se viver para além do heterossexual. É nesse sentido que Bento (2011, p. 553) declara:

> As formas idealizadas dos gêneros geram hierarquia e exclusão. Os regimes de verdades estipulam que determinadas expressões relacionadas com o gênero são falsas, enquanto outras são verdadeiras e originais, condenando a uma morte em vida, exilando em si mesmo os sujeitos que não se ajustam às idealizações.

Estudos de alguns campos do conhecimento apontam que essa exclusão é mais evidente em idade escolar, sobretudo porque ser diferente do que é esperado, por vezes, torna-se

argumento para a prática de violências diversas. Outra problemática recorrente é a associação e não aceitação que tanto o gênero quanto as sexualidades são inacabados e estão em construção ao longo de nossas vidas. A não compreensão dessa realidade levam pessoas a descredibilizar aquelas/es que passaram boa parte de suas vidas com o gênero e orientação sexual fora da norma que a sociedade espera. Para muitas/os, esse exemplo ainda é visto com desconfiança, justamente porque associam essa mudança a uma escolha, como "se alguém pudesse escolher não gozar dos privilégios heterossexuais". Nessa direção, Louro (1997, p. 27) apresenta que:

> Sujeitos masculinos ou femininos podem ser heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles também podem ser negros, brancos, ou índios, ricos ou pobres etc.). O que importa aqui considerar é que — tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade — as identidades são sempre *construídas,* elas não são dadas ou acabadas num determinado momento. Não é possível fixar um momento — seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade — que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida.

Representações de desconfiança costumam ser direcionadas, pois a sexualidade ainda segue sendo vista como estática e qualquer alteração é vista como um desvio. Muitas/os conseguem compreender que existem pessoas com gêneros e sexualidades em dissidência, mas mesmo compreendendo essa realidade, muitas/os seguem baseando esse pensamento na ideia fixa, estática e essencializada da produção de identidades. Nas palavras de Louro (2011, p. 8):

> Muitos consideram que a sexualidade é algo que todos nós, mulheres e homens, possuímos "naturalmente". Aceitando essa ideia, fica sem sentido argumentar a respeito de sua dimensão social e política ou a respeito de seu caráter construído. A sexualidade seria algo "dado" pela natureza, inerente ao ser humano. Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma.

Essas projeções em relação ao gênero e às sexualidades são empregadas aos corpos e os seus objetivos são bem específicos: não produzirem gêneros e sexualidades errantes, contrárias, periféricas ou aberrantes - esses são alguns dos termos utilizados para fazerem referência aquelas/es que não são/seguem os princípios e arranjos heterossexuais, ou seja, todas/os que não seguem a lógica do que é visto como normal e aceitável. Nessa direção, passamos a interiorizar essas verdades como fixadas, ou seja: a sexualidade normal e natural é a heterossexualidade (BENTO, 2011).

Michel Foucault apresenta em *História da sexualidade - a vontade de saber* como o poder opera nos corpos expectativas heterossexuais, onde tais associações não fazem e historicamente nunca fizeram parte de uma realidade unânime na sociedade, visto que mesmo

com esses mecanismos de controle, corpos, gêneros e sexualidades de pessoas que fugiam a lógica dos padrões heteronormativos, vivenciaram essa mecânica. Nas palavras do autor,

> [...] A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introduzi-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e constitui em razão de ser e ordem natural da desordem (FOUCAULT, 2007, p. 49).

Ao dialogar com Judith Butler (2020; 2003), observo a possibilidade de ampliação do debate iniciado por Michel Foucault. Ao trazer Butler para essa pesquisa podemos relacionar com os escritos de Foucault, ao refletir sobre a materialidade dos corpos como sendo entendida como efeitos do poder, de uma operação normativa, que regula os modos que se materializam ao serem significados. Nesse sentido, o sexo não é mais uma superfície inerte sobre a qual a construção de gênero atua, sendo um imperativo para que o corpo seja viável na inteligibilidade, ou seja, "[...] um processo de materialização que se estabiliza, ao longo do tempo, para produzir o efeito de demarcação, de fixidez e de superfície que chamamos de material" (BUTLER, 2020, p. 28). Assim, a diferença sexual está envolvida em distinções materiais que se ligam a delimitações no discurso e, desse modo, não é tão estável como se apresenta.

Outra noção que passo a dialogar, a partir de Butler (2020), é a de performatividade, pois ela provoca a reflexão sobre o gênero enquanto linguagem socialmente construída, a partir da premissa de que é reiteradamente reproduzida e citada enquanto norma. Para a autora, a citacionalidade e a reiteração caracterizam o que ela nomeia de performatividade. Isso quer dizer que, não há ato isolado que garanta o efeito da norma, mas práticas de representação repetitivas, as quais são sempre evocadas, citadas e recitadas, de modo que sua lei se efetive na materialidade discursiva.

Assim, para esta pesquisa, o *Instagram* pode ser visto como o artefato material onde esse ritual de citar e repetir enunciados sobre o gênero e as sexualidades, num processo reiterativo. Ao mesmo tempo, há sempre possibilidades de a norma de gênero fracassar na contenção dos limites em que fixa, deslocando-a perfomativamente e admitindo uma descontinuidade.

3.1 ESTUDOS DE GÊNERO, OS ARTEFATOS CULTURAIS E O *INSTAGRAM* COMO UMA PEDAGOGIA CULTURAL GENERIFICADA

No final da década de 1990 e início dos anos 2000 surgem, no Brasil, algumas produções voltadas para as mídias e as questões de gênero, analisando a programação infantil, as novelas, os filmes, as revistas, bem como as campanhas publicitárias que circulavam entre o público jovem.

Entre os trabalhos com olhares para as mídias, ressalto o livro organizado por Louro, Felipe e Goellner (2003) *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. A produção em questão configura-se de suma importância, pois possibilitou enxergar novos horizontes nos desenhos pensados inicialmente para esta pesquisa. Observo nessa produção como diferentes artefatos culturais tornaram-se presentes nas vidas das pessoas e em suas maneiras de relacionar-se como o mundo, com os corpos, as questões de gênero e as diferentes maneiras de viver as sexualidades.

A crescente de trabalhos é justificável na medida em que o acesso a essas mídias e a *internet* se mostram cada vez mais acessíveis, sendo destaque nas duas últimas décadas nos relatórios dos indicadores sociais da população brasileira, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. O acesso às redes sociais *on-line* transformou-se em uma realidade, assim como suas implicações no cotidiano das pessoas e, nesse sentido, Cascaes (2017, p. 11-12) afirma que "competir com a mídia moderna e sua tecnologia são tarefas quase impossíveis em nosso cotidiano, [...] pois "as mensagens audiovisuais exigem pouco esforço e envolvimento para o aprendizado".

Felipe (2007, p. 254), estudiosa das questões de gênero e sexualidades com vistas para o espaço escolar e as mídias contemporâneas, chama a atenção para "a velocidade com que novas tecnologias têm possibilitado a emergência de outras instituições culturais que, de uma forma ou de outra, acabam por educar e auxiliar na construção de identidades de meninos e meninas, jovens e adultos". As palavras da referida autora são um convite para refletir sobre a velocidade com que as pedagogias culturais são produzidas e postas em circulação nas redes sociais. Cabe destacar que, diferentemente da escola, as redes sociais apresentam em um mesmo espaço referências para um público diverso, sendo possível acessar todo e qualquer conteúdo, sem grandes restrições ou classificações indicativas.

Os ECs trazem em suas reflexões análises e realidades que constituem as identidades, com destaques ao gênero, cor, classe social e tantos outros elementos e categorias cruciais para a construção das culturas, sendo apresentadas nos diferentes artefatos culturais através das

representações de gênero. Quem viveu ou acompanhou a década de 1990 e início dos anos 2000 viu o quanto as revistas *Teens*[7] que traziam uma enxurrada de representações de gênero, se tornavam referências para muitas/os jovens.

É possível enxergar no artefato cultural mencionado um verdadeiro jogo de representações, um jogo de forças e consequentemente de poder. Ainda, podemos encontrar semelhanças entre o modo de operação das representações das revistas e do *Instagram*, pois ambas utilizam imagens, textos e legendas para prender a atenção de suas/seus leitoras/es e seguidoras/es. Nesse sentido, Fischer (2006, p. 89) declara que:

> [...] as representações são produzidas e consumidas a partir de diferentes instâncias (os meios de comunicação, por exemplo), e estão submetidas a processos de regulação social, a relações de poder mais ou menos explícitas. Isso está diretamente relacionado à construção de valores, à cristalização de conceitos e preconceitos, à formação de senso comum, à constituição de identidades sociais (inclusive de nação), de gênero, geracionais, étnicas, sexuais, políticas, à produção de subjetividades.

Ainda discorrendo sobre produções acadêmicas em diferentes artefatos culturais, é possível encontrar trabalhos direcionados às formas como as mulheres são representadas na televisão, revistas, filmes e em personagens que ficaram mundialmente conhecidas, como a Barbie, Mulher Maravilha e as princesas nas produções da Disney, que ganharam destaque nas contribuições de Giroux (1995). Nesse sentido, ao olhar para o cinema, Louro (2008, p. 83) lembra que:

> Os filmes hollywoodianos foram particularmente eficientes na construção de mocinhas ingênuas e mulheres fatais, de heróis corajosos e vilões corruptos e devassos. A escolha de atores e atrizes, roteiros, cenários, música, guarda roupa, recursos de iluminação, som, cortes e tomadas, enfim, toda a parafernália da linguagem cinematográfica era mobilizada para representar tais posições, para dirigir o olhar, construir simpatias e repúdios.

Louro (2000; 1997) já sinalizava a participação principalmente das/os LGBTs nas produções de trabalhos voltados para as questões de gênero e sexualidade, sendo esse cenário construído diante das emergências, lutas políticas e necessidade dessas/es movimentarem políticas públicas e produções acadêmicas. Vale ressaltar aqui o cenário midiático dos anos 1990, que no Brasil apresentava muita exposição dos corpos de mulheres em programas de TVs, como o Domingo Legal (1993).

---

[7]Revistas *Teens* - revistas para jovens e adolescentes eram populares e apresentavam: artistas, dietas, cortes de cabelo, roupas, sandálias e tantos outros elementos que faziam sucesso em novelas, filmes, seriados, cantoras/es e variadas/os artistas que estavam em destaques na mídia, sobretudo na TV.

É possível encontrar as mais variadas representações sobre gênero e sexualidades nos artefatos culturais. Gostaria de chamar a atenção mais uma vez para a TV, que participou da educação de muitos jovens, segundo Fischer (2006, p. 16):

> Não há dúvidas, por exemplo, de que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como "são" ou "devem ser" homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais. As profundas alterações naquilo que hoje compreendemos como "público" ou "privado" igualmente têm um tipo de visibilidade especial no espaço da televisão, e da mídia de um modo geral – tema de que trataremos adiante. Estou falando em modos de existência narrados através de sons e imagens que, a meu ver, têm uma participação significativa na vida das pessoas, uma vez que de algum modo pautam, orientam, interpelam o cotidiano de milhões de cidadãos brasileiros – ou seja, participam da produção de sua identidade individual e cultural e operam sobre a constituição de sua subjetividade.

Ao alargar as lentes dos artefatos culturais para as redes sociais, pretendo entender, assim como Louro (2000, p. 7),

> As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas.

Nesse sentido, o *Instagram* não ficaria à margem dessa realidade, dada a velocidade de produção e circulação de representações generificadas, que se dão a ver a partir de compartilhamentos e comentários em diferentes perfis. Quero dizer com isso que, se dar a ver em uma rede de compartilhamento de imagens é uma maneira de sustentar estilos de vida, comportamentos e identidades de gênero, como aponta Louro (1997, p. 25):

> [...] as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições "fabricam" os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são "generificados" — produzem-se, ou "engendram-se", a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.).

Diante do exposto, acredito que os artefatos culturais como o *Instagram* podem contribuir para a desconstrução de muitos estereótipos. Por isso, Louro (1997, p. 32), "[...] sugere que se busquem os processos e as condições que estabeleceram os termos da polaridade. Supõe que se historicize a polaridade e a hierarquia nela implícita". Cabe ressaltar que apesar

das inúmeras referências que o artefato cultural *Instagram* possa apresentar aos sujeitos, essas/es não são passivos frente às informações e produções apresentadas nessa ou em qualquer outra rede social. Ao contrário, estão reconfigurando esses aprendizados a partir de suas trajetórias, vivências, conhecimentos, vontades e trocas com outras pessoas.

4 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS/OS JOVENS E AS JUVENTUDES

O presente capítulo direciona o olhar para as/os jovens que nasceram sob a existência de provedores de internet privada em suas casas e conheceram através das telas um mundo mergulhado em tecnologias, computadores, smartphones, tablets e pessoas conectadas. Sobre essa geração, Jordão (2016, p. 32) assinala que "a tecnologia está atrelada ao ser humano, e cada vez mais se une ao corpo como uma extensão dele, um exemplo dos dias de hoje são os smartphones. Portanto, as mídias sociais do mundo virtual são o meio ao mesmo tempo eficaz de atingir esses indivíduos".

As palavras de Jordão (2016) são um convite a refletir o quanto as tecnologias permitiram uma aproximação com as/os jovens e as juventudes, porém vale destacar que a noção de juventude foi sendo construída ao longo dos anos. Da Idade Média, onde o termo foi associado à desordem, à delinquência, à falta de responsabilidade e de compromisso, [...] "dos séculos XVIII e XIX em diante, a juventude é percebida como uma etapa da vida na qual os indivíduos possuiriam uma maneira própria de ver, sentir e reagir – características que seriam específicas dos jovens" (CASSAB, 2011, p. 151).

Paulo Cesar Rodrigues Carrano (2017) ressalta a necessidade de compreender que não existe apenas uma juventude. As juventudes passaram, ao longo dos anos, por variações e mudanças, diferenciando-se umas das outras. Tais mudanças atravessavam o gênero, classe social, cor, religião e orientação sexual, sendo nessa direção que Rossana Reguillo (2007, p. 47, tradução nossa)[8] reflete que:

> É importante afirmar desde o início que os jovens não representam uma categoria única. A juventude é uma categoria culturalmente construída, não é uma essência e, nesse sentido, a mutabilidade dos critérios que fixam os limites e os comportamentos da juventude está necessariamente ligada a contextos sócio-históricos, produto das relações de poder em uma determinada sociedade.

Nesse sentido, Groppo (2016, p. 10) lembra que historicamente a juventude recebeu diversas adjetivações e que:

> A juventude trata-se de uma categoria social usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos

[8]Texto original: Es importante plantear de entrada que los jóvenes no representan uma categoría unívoca. La juventud es una categoría construida culturalmente, no se trata de una esencia y, en tal sentido, la mutabilidad de los criterios que fijan los límites y los comportamientos de lo juvenil, está necesariamente vinculada a los contextos sociohistóricos, producto de las relaciones de fuerza en una determinada sociedad (REGUILLO, 2007, p. 47).

> "estruturante" das redes de sociabilidade. De análogo à estruturação da sociedade em classes, a modernização também criou "grupos etários homogêneos", categorias etárias que orientam o comportamento social, entre elas, a juventude.

Outra visão bastante perpetuada a respeito das juventudes é que essas "[...] servem tanto para designar um estado de ânimo, como para qualificar o novo e o atual, inclusive chegou-se a considerar como um valor em si mesmo" (LEÓN, 2005, p. 13). Essa visão vem quebrar um pouco a associação que é feita por muitas pessoas ao relacionar e até mesmo utilizar juventude como sinônimo de adolescente. Nessa direção, Melucci (2007, p. 42) pontua que "a juventude deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. As pessoas não são jovens apenas pela idade, mas porque assumem culturalmente a característica juvenil através da mudança e da transitoriedade".

Melucci (2007, p. 41) observa que "os movimentos juvenis tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados e imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática". O autor ainda destaca que nas quatro últimas décadas do século passado e na primeira dos anos 2000 as/os jovens assumiram um protagonismo frente a variados movimentos, destacando que no:

> [...] movimento estudantil dos anos 60 é possível traçar a participação juvenil em movimentos sociais pelas formas 'sub-culturais' de ação coletiva nos anos 70 como os punks, os movimentos de ocupação de imóveis, os centros sociais juvenis em diferentes países europeus, pelo papel central da juventude nas mobilizações pacifistas e ambientais dos anos 80, pelas ondas curtas mas intensas de mobilização de estudantes secundaristas dos anos 80 e começo dos 90 (na França, Espanha e Itália, por exemplo) e, finalmente, pelas mobilizações cívicas nos anos 90 como o anti-racismo no norte da Europa, França e Alemanha ou o movimento da antimáfia na Itália (MELUCCI, 2007, p. 41).

Na esteira de Melucci (2007), Groppo (2016, p. 8) pontua que, no ano de 1960 as juventudes passaram a ser pauta obrigatória, mediante os movimentos estudantis e a contracultura. Entretanto, nessa época "[...] predominavam teorias sociais menos propícias a discutir o fenômeno da juventude do ponto de vista da socialização do indivíduo e da construção de identidades, mais propícias a discutir as determinações das estruturas sociais - marxismo e estruturalismos".

O que se percebe é que a juventude contemporânea "[...] encontra seu caminho numa paisagem cultural descentrada [...]" (GIROUX, 2012, p. 95). Logo, as/os jovens e as juventudes estão experenciando a vida em um emaranhado de referências, significações e ocupação de

diferentes espaços, com destaque para o virtual, que tornou visível "[...] outros mundos, outros regimes de visibilidade pública [...] regimes auto representativos ou de visibilidade pública de si mesma" (SODRÉ, 2013, p. 16).

Shirley Rezende Sales (2012, p. 113) pontua que "[...] a juventude contemporânea está imersa no universo cibercultural – o qual lhe traz elementos específicos de conexão com o mundo – ao mesmo tempo que vive as práticas escolares", ou como reflete Hall (2006, p. 13), quando destaca a fragmentação dos sujeitos e a imersão em processos de (re)construções e deslocamentos, os quais vivenciam uma relação diferente de exposição de suas identidades. Segundo o autor, "a identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam".

O termo cibercultura foi mencionado pela primeira vez em 1984, em um livro de ficção científica escrito por William Gibson. Na obra, "[...] esse termo designa o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre as multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural" (LÉVY, 1999, p. 83). Hoje, o termo cibercultura ganhou mais projeção e passou a fazer parte dessas novas maneiras do ser jovem na contemporaneidade.

> [...] a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Precisamos, de fato, colocá-la dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação. (LÉVY,1999, p. 12).

Lévy (1999) declara que o universo da cibercultura apresenta um novo universal que se materializa por imersão. Nessa direção, todas as pessoas, em graus diferentes, estão "mergulhadas" nas novas formas de se comunicar. Nesse contexto, apresento os dados do IBGE (2018, p. 81), em pesquisa realizada no período de 2008 a 2015, que aponta que "as pessoas de 15 a 17 anos de idade e de 18 ou 19 anos de idade apresentaram os maiores percentuais de usuários de Internet no Brasil (82,0% e 82,9%, respectivamente)". A pesquisa ainda sinalizou que as mulheres "apresentaram maior proporção que os homens no que diz respeito à posse de telefone móvel celular (78,9% para elas e 77,6% para eles)" (IBGE, 2018, p. 82).

Em relação à escolarização no Nordeste, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, o PNAD, realizada pelo IBGE (2018, p. 7), no período de 2016 a 2018, indicou que "entre as mulheres de 15 a 17 anos, 74,4% estavam frequentando o ensino médio, porém, entre os homens desta idade, a taxa foi de 64,5%, uma diferença de 10 p.p. entre mulheres e homens".

Segundo a pesquisa TIC domicílios, o Nordeste apresentou o menor percentual com 57% da população com acesso à internet. Entretanto, ao analisar o quantitativo de pessoas que representam essa porcentagem, a região é a segunda com maior número de indivíduos com acesso à internet, contabilizando 10,5 milhões, ficando atrás apenas do Sudeste, que conta com 22 milhões de pessoas conectadas à internet. Quanto a porcentagem e relação ao acesso por classe social, a distribuição ficou da seguinte forma: classe A 96%; classe B 89%; classe C 74% e classe D 42%.

O acesso à internet permite que as/os jovens conheçam e fiquem próximas/os, de maneira mais rápida e mais fácil de outras culturas, outras/os jovens e juventudes. Nas palavras de Carrano (2017, p. 397),

> Os jovens possuem, hoje, um campo maior de autonomia frente às instituições do denominado "mundo adulto" para construir seus próprios acervos e identidades culturais. Há uma rua de mão dupla entre aquilo que herdam e a capacidade de cada um construir seus próprios repertórios culturais.

O que se entende é que as juventudes estão a todo momento (re)significando essas referências, construindo novas formas de enxergar e de ser, mediante suas identificações, preferências e identidades. Mas, diferente da passividade, essas/es jovens estão agenciando novas formas de existir no mundo ao construir suas referências e experiências.

5 METODOLOGIA

Dados os objetivos elencados para a pesquisa, ao desenhar um percurso teórico metodológico optei por uma abordagem qualitativa, que nas palavras de Maria Cecília de Souza Minayo (2007, p. 21) "[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes" (MINAYO, 2007), ou como reforçam Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012, p. 15), ao refletir que a metodologia:

> [...] se refere a um como fazer, como fazemos ou como faço minha pesquisa. Trata-se de caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar, de formas que sempre têm por base um conteúdo, uma perspectiva ou uma teoria.

A partir do objetivo geral, compreender os processos de subjetivação das identidades de gênero no *Instagram* sob a ótica de jovens do Agreste pernambucano, a pesquisa direcionou o olhar para esse artefato cultural, levando em consideração os objetivos específicos elencados: (1) identificar os perfis de interesse das/dos jovens do artefato cultural *Instagram*; (2) compreender as representações generificadas que emergem desses perfis e sua relação com o contexto das/os jovens e (3) refletir, a partir dos olhares das/os jovens, os enunciados de gênero que emergem nesse artefato cultural e sua relação com os enunciados de gênero presentes na escola.

Nesse sentido, mais do que analisar imagens, foi preciso entender a relevância do *Instagram* para a produção e circulação das representações de gênero: **primeiro**, ela se caracteriza enquanto uma rede com face, tendo a principal forma de interação as imagens, sejam elas vídeos ou fotos. Segundo Sabat (2003, p. 152), "as imagens carregam sentidos, apresentam hábitos, modos de vestir, comportamentos, que constituem identidades". **Segundo**: através do *Instagram* é possível identificar o alcance dos vídeos pelo número de visualizações e comentários nas publicações. Nesse sentido, a construção das identidades ganha novos olhares; outro elemento importante a ser destacado nesse movimento de pesquisa é apresentado por Sales (2012, p. 127):

> Uma tarefa muito importante no ato de pesquisar é registrar detalhadamente os trajetos percorridos, a fim de possibilitar uma reflexão sobre eles, além de efetuar eventuais correções nos caminhos investigativos. Nessa perspectiva, a própria metodologia de pesquisa se constitui em um objeto de análise.

Um terceiro elemento relevante ao olharmos para o *Instagram* é o caráter relacional, ou seja, a observação de como as pessoas interagem umas com as outras na intersecção com a

tecnologia digital de comunicação. Esse caráter mediado pode proporcionar o que enfatiza Recuero (2020, p. 24), que:

> [...] atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento de padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais. É o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações através dos rastros deixados na Internet que dá novo fôlego à perspectiva de estudos das redes sociais.

Para o desenvolvimento da pesquisa me aproximei dos *insights* produzidos pela etnografia virtual, que para Chistine Hine (2004, p. 13, tradução nossa):

> [...] pode observar detalhadamente como o uso de uma tecnologia é vivenciada. Em sua forma básica, a etnografia consiste em que o pesquisador mergulhe no mundo que estuda por um determinado tempo e leve em consideração as relações, atividades, significados que se forjam entre aqueles que participam dos processos sociais daquele mundo. O objetivo é tornar explícitas certas formas de construir os sentidos, que muitas vezes não são ditos, mas suposto.

O mergulho que Hine (2004, p. 58, tradução nossa) apresenta perpassa por um domínio tecnológico, pois muitas decisões aconteceram antes do primeiro contato com as/os participantes, de modo que "um dos principais problemas com que nos deparamos ao desenhar um estudo etnográfico na Internet é encontrar uma forma de interação com os sujeitos do estudo adequada ao propósito etnográfico". Para tentar responder aos dois primeiros objetivos específicos, foi necessário levantar, por meio de um questionário realizado via *Google Forms*, as temáticas de interesse para criação dos conteúdos relacionados aos três objetivos específicos.

Esse exercício de criar conteúdo tornou-se mais rápido com a presença das/os jovens, pois com a entrada delas/es comecei a analisar as respostas que me eram passadas e a pensar em novos tensionamentos dos processos metodológicos. Como último passo para a implementação da pesquisa, foi criado um perfil intitulado @generosesubjetividades, constituído para nos relacionar com as/os participantes. Cabe ressaltar que "em vez de nos perguntar se as interações nesta esfera são autênticas, ou se as vidas virtuais e reais das pessoas são consistentes e verdadeiras, o etnógrafo tenta avaliar como uma cultura é organizada e vivida em seus próprios termos" (HINE, 2004, p. 147, tradução nossa).

Figura 1- *Instagram* @Generosesubjetividades - página de apresentação

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

Com o perfil criado elaborei perguntas que pudessem ajudar a conhecer os participantes da pesquisa. Desse modo, foi produzido um *Formulário* no *Google* com vinte e três questões, que foi repassado através do *Instagram* via *Direct*, área destinada para conversar e compartilhar mensagens, fotos e vídeos de forma individual ou coletiva.

Mas, como chegar aos jovens? Como fazer circular o perfil @generoesubjetividades para caminhar com os objetivos da pesquisa, frente a uma crise de saúde pública com a COVID-19? Foi através do próprio *Instagram* que consegui referências de como localizar os participantes da pesquisa, por meio de perfis relacionados a escola e as turmas que pude estabelecer contato com as/os representantes de turmas dos 2º e 3º anos do Ensino Médio de uma escola pública do município de São Caetano-PE. Foi enviado por meio das/os representantes de turmas um vídeo pelo *WhatsApp* nos grupos específicos das turmas. O vídeo contava com uma breve apresentação da pesquisa e convidava as/os jovens a participarem da mesma. Junto ao convite foi enviado o link do @generosesubjetividades para que as/os que tivessem interesse pudessem seguir o perfil. Depois dessa fase foram recolhidos os @ dos perfis interessados e iniciadas as atividades no @generosesubjetividades.

O *Google Forms* permitiu o registro dos e-mails das/os participantes, assim como fazer perguntas abertas e fechadas, possibilitando que as/os jovens apresentassem novos comentários, pois as perguntas permitiam a inserção de outras opções de respostas nas perguntas fechadas. Esse registro foi fundamental para a organização das respostas e associação com os

perfis que eram apresentados no *Instagram*, pois foi através da seleção das respostas de cada participante no formulário que pôde ser realizado o acompanhamento detalhado das interações.

Outro potencial observado na utilização do Google *Forms* foi a possibilidade de armazenamento das respostas das enquetes produzidas nos *Stories*, bem como a atualização automática dos gráficos, além de disponibilizar a alternativa de selecionar todas as respostas de uma/um participante específica/o, sendo possível analisar individualmente cada perfil.

Cabe destacar o compromisso ético da pesquisa, que me desafiou em todos os momentos. Estava compartilhando perfis de jovens em uma rede social digital, o que exigiu responsabilidade e muito cuidado com o armazenamento dos dados. Nas palavras de Sales (2012, p. 127):

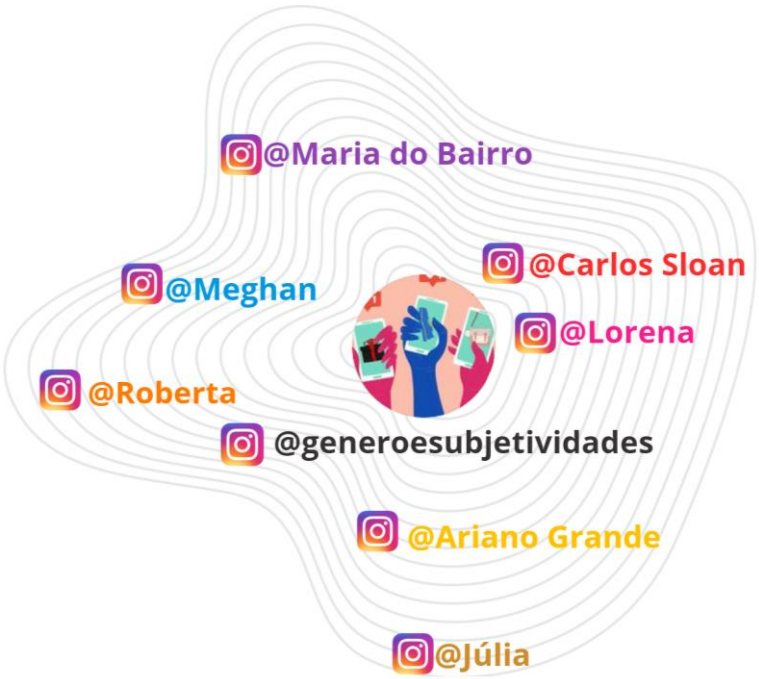
> As pesquisas precisam estar sustentadas em preceitos éticos que visam, principalmente, impedir qualquer tipo de prejuízo ou constrangimento a todos os indivíduos que vierem a participar da investigação. Desse modo, deve ser-lhes assegurada a liberdade de decidir se desejam, ou não, participar do estudo, por meio de consulta prévia, em que serão explicitados e devidamente explicados os objetivos da pesquisa.

Nessa direção, todos as/os jovens que participaram da pesquisa tiveram anuência dos pais ou responsáveis, a partir da assinatura do Termo de Livre e Consentido - TLC, que foi entregue em duas vias aos participantes e recolhidos pela pesquisadora. Para isso, contamos com a mediação do espaço da escola, via direção, que entregou e recolheu os TLCs assinados.

Gostaria de pontuar a importância de reflexões sobre a ética na pesquisa *on-line*, pois "[...] é preciso renovar e reinventar modos de interrogar, formas de descrever-analisar e formas de exercitar a ética na pesquisa, dimensões estas que [...] são indissociáveis" (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 17).

Ao todo, foram compilados dezenove perfis e e-mails nas respostas do *Formulário do Google* e no perfil @generosesubjetividades, no *Instagram*, mas alguns jovens não devolveram o Termo de Livre e Consentido assinados. Assim, participaram da pesquisa sete perfis, que apresentaremos a seguir:

Figura 2 - Imagem dos perfis participantes



Fonte: A Autora (2022).

Com base nas respostas do formulário e questões do *Instagram*, foram criadas as *Bios* – biografias das/os participantes da pesquisa. As *Bios* foram criadas com a respostas de algumas perguntas e através das observações feitas no *Instagram*. Depois de prontas, foi perguntado também as/os jovens que informações não poderiam ficar de fora dessa apresentação delas/es. Apresento, a seguir, a *Bio* dos sete participantes da pesquisa, uma pequena descrição com informações a respeito dos perfis e interesses delas/deles através das respostas repassadas pelas/os jovens.

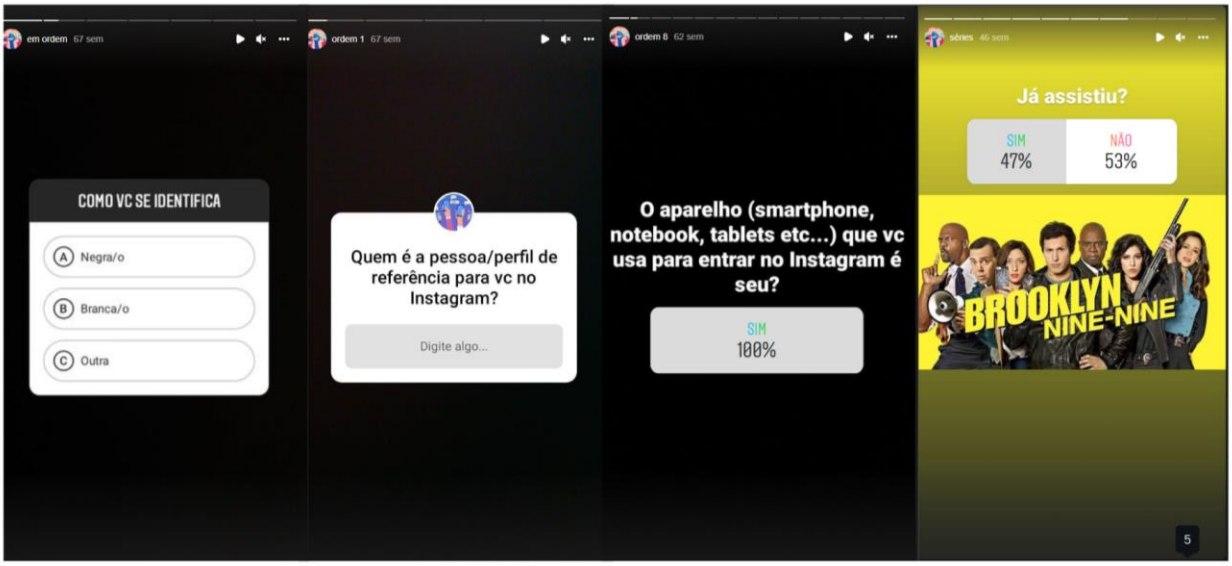
Figura 3 - BIO dos perfis do *Instagram*

Fonte: A Autora (2022).

Posterior a realização e envio do *formulário*, direcionei o olhar para a análise das respostas apresentadas, para que dessa forma fosse possível compreender e caracterizar as informações a respeito das/os participantes, identificando os seus interesses. Depois de uma primeira análise comecei a aprofundar no *Instagram* as inquietações que emergiram através das

respostas do *Formulário.* As enquetes e perguntas promovidas no perfil foram realizadas de forma que as/os participantes pudessem responder as perguntas através de textos, áudios, prints ou até mesmo do compartilhamento de algum perfil. Depois disso foram feitas perguntas; a primeira postagem sempre era com alternativas, seguida de uma pergunta aberta.

Figura 4- Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades



Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

Esse primeiro momento foi importante para responder o primeiro objetivo da pesquisa, que era identificar os perfis de interesse das/os jovens no artefato cultural Instagram. Várias perguntas foram realizadas com o intuito de conhecer as identidades dessas/es jovens e buscar aproximações entre as referências apresentadas pelas/os mesmas/os junto às questões de gênero. Na descrição da Bio das/os perfis na página anterior é possível observar os interesses individualmente de cada jovem. De modo geral, foi possível identificar que os interesses estavam divididos entre entretenimento, busca por informações/notícias e perfis direcionados à educação. Diante dessas informações, a proposta foi trabalhar com o entretenimento (as séries) e com informações/notícias relacionadas às questões de gênero e educação.

Depois desse primeiro momento, as publicações no *Instagram* começaram a ser mais específicas sobre a discussão de gênero, que foram acontecendo da seguinte forma: primeiro, foram escolhidas cenas de séries vistas pelos participantes; foi realizada a seleção e recorte do vídeo ou matéria escolhida; depois foi realizada a postagem no Feed do *Instagram*; por fim, feita a publicação do material nos stories (A - descrição geral da cena, B - vídeo/matéria , C - Perguntas e D - Publicações salvas nos destaques).

As publicações aconteceram juntas, e depois de postadas, as questões e enquetes já eram salvas e adicionadas nos “destaques” do *Instagram* e assim esses dados ficavam e ficam disponíveis pelo tempo desejado.

Figura 5 - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

Outro aspecto importante a respeito desses dados é que “o/a pesquisador/a deve ter experiência e acesso à internet, deve gostar de estar e trabalhar *on-line* e estar familiarizado/a com as diversas formas de comunicação *on-line”* (FÉLIX, 2012, p. 133). A fala dessa autora é de suma importância, principalmente porque o contato, aproximação e respostas das/os participantes aconteceram em diferentes dias e horários.

No *Instagram*, uma vez que alguém responde uma enquete, não é possível alterar a resposta, mas se as mensagens forem enviadas no *Direct* (área de conversa no *Instagram*) é possível apagar as mensagens depois de enviadas. Por isso, Sales (2012, p. 122) lembra que “[...] do mesmo modo que as informações são publicadas na rede, algumas delas podem ser deletadas sem aviso prévio, configurando, assim, a necessidade de salvar e arquivar as informações obtidas”.

5.1 SOBRE OS ARQUIVOS: A PRODUÇÃO DO CONTEÚDO PARA O @GENEROESUBJETIVIDADES

A escolha dos conteúdos se deu através das análises na transcrição das primeiras respostas apresentadas no formulário e no *Instagram* por meio das respostas e séries mencionadas, tendo sido eleitas aquelas que apresentaram um maior envolvimento e exposições de ideias por parte das/os participantes da pesquisa.

Depois de identificar os perfis de interesse das/dos jovens no artefato cultural *Instagram*, chegou o momento de buscar compreender e analisar os processos de subjetivação das identidades de gênero no artefato cultural mencionado, sob a ótica das/os jovens do Ensino Médio do município de São Caetano – PE, através do material (vídeos e matérias) selecionado.

Todas as postagens com vídeos seguiram um roteiro, no qual a primeira postagem de cada publicação apresentava o nome, temporada, episódio e tempo/minuto que acontece a cena, além de uma descrição geral com os nomes das/os personagens e do que aconteceria na cena. Depois dessas primeiras informações o vídeo era publicado, seguido das perguntas. Antes da postagem acontecer, todas as perguntas, imagens e vídeos já estavam editados e prontos para serem postados juntos, para que dessa forma o tempo de visualização e interação não se perdesse. Sempre que a última pergunta era postada, o primeiro *storie* era compartilhado pelo *Direct* para que, dessa forma, as/os jovens visualizassem a sequência completa da publicação.

5.2 CONTEÚDOS PRODUZIDOS PARA OS EIXOS ANALÍTICOS

A seguir, apresento o material selecionado com as descrições, objetivos e eixos temáticos de cada produção. Ao total foram realizadas 41 publicações, contudo, para o presente trabalho foram eleitas aquelas que as/os jovens se mostraram mais interessadas/os.

Figura 6 - *One Day at a Time* - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades

ONE DAY AT A TIME (2017)

Release: Penelope (Justina Machado) acha que está se apaixonando por um amigo. Lydia (Rita Moreno) tenta resolver uma briga que conserva com a irmã por anos. Uma tempestade acaba estragando os planos do Dia dos Namorados dos casais. Alex (Marcel Ruiz) é pego fumando maconha em um show. Schneider (Todd Grinnell) toma uma decisão para agradar o pai, que está o visitando depois de muito tempo.

CENAS ESCOLHIDAS	EIXO DE ANÁLISE	DESCRIÇÃO DA CENA	OBJETIVO
T3: EP 2 - TEMPO 10'32"	DESIGUALDADES DE GÊNERO EM PRÁTICAS COTIDIANAS	LÍDIA (ABUELITA) INCENTIVA ALEX A NÃO ACEITAR UM NÃO COMO RESPOSTA	PERCEBER COMO OS JOVENS ENXERGAM A NOÇÃO DE CONSENTIMENTO TRABALHADA NO TRECHO DA SÉRIE.
T3: EP 8- TEMPO 17"24"	DESIGUALDADES DE GÊNERO EM PRÁTICAS COTIDIANAS	LÍDIA ENSINA PENÉLOPE A COZINHAR PARA AJUDÁ-LA A MANTER O NAMORADO E O TRANSFORMA EM MARIDO.	VERIFICAR COMO OS JOVENS OBSERVAM A NATURALIZAÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO APRESENTADOS NA CENA.

Fonte: A Autora (2022).

Figura 7 - *Atypical* - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades

ATYPICAL (2021)

Release: Casey (Brigette Lundy-Paine) e Sam (Keir Gilchrist) estão prestes a sair de casa e a família Gardner precisa tomar decisões importantes. Sam entra para a universidade e Casey concilia seu sonho de ir para a UCLA e seu intenso romance com a colega Izzie (Fivel Stewart).

EIXO DE ANÁLISE	DESCRIÇÃO DA CENA	OBJETIVO
DESIGUALDADES DE GÊNERO EM PRÁTICAS COTIDIANAS	ELSA FALA COM CASEY SOBRE SER JULGADA PELAS SUAS ROUPAS	IDENTIFICAR COMO AS/OS JOVENS OBSERVAM A DESIGUALDADE E JULGAMENTOS EM RELAÇÃO A FORMA DE SE VESTIR ENTRE OS GÊNEROS NO TRECHO EXIBIDO.

Fonte: A Autora (2022).

Figura 8 - *Sex Education* - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades

SEX EDUCATION (2019)

Release: Otis (Asa Butterfield) é uma espécie de especialista em sexo graças a sua mãe, a terapeuta sexual Jean Milburn (Gillian Anderson). Quando ele percebe que não é o único adolescente da escola que tem problemas nessa área da vida, decide abrir uma "clínica" de saúde e educação sexual para ajudar outros alunos.

CENAS ESCOLHIDAS	EIXO DE ANÁLISE	DESCRIÇÃO DA CENA	OBJETIVO
T2: EP3 - TEMPO 24'49"	DESIGUALDADES DE GÊNERO EM PRÁTICAS COTIDIANAS	AIMEE VAI ATÉ A DELEGACIA PRESTAR QUEIXA SOBRE O ASSÉDIO QUE SOFREU EM UM TRANPORTE PÚBLICO	PERCEBER COMO AS/OS JOVENS VISUALIZAM O ASSÉDIO E AÇÕES EM TORNO DO CASO NO TRECHO EXPOSTO.
T1:EP1 - TEMPO 10'40"	RELAÇÕES DE GÊNERO E LGBT+FOBIA	ADAM (VALENTÃO DA ESCOLA) PERSEGUE ERIC POR ELE SER GAY. ERIC É OBRIGADO A ENTREGAR SEU LANCHE TODOS OS DIAS A ADAM.	VERIFICAR COMO AS/OS JOVENS OBSERVAR A HOMOFOBIA QUE ACONTECE NO ESPAÇO ESCOLAR
T1:EP5 - TEMPO 31'29"	RELAÇÕES DE GÊNERO E LGBT+FOBIA	ERIC É AGREDIDO NO DIA DO SEU ANIVERSÁRIO POR VESTIR ROUPAS "FEMININAS"	IDENTIFICAR COMO AS/OS JOVENS ENXERGAM A HOMOFOBIA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DAS PESSOAS LGBT+
T1: EP5 - TEMPO 43'29"	GÊNERO NA ESCOLA	PARA PROTEGER A IDENTIDADE DE RUBY QUE TEVE UMA FOTO DIVULGADA ENTRE OS COLEGAS DA ESCOLA, OS/AS MENINOS/AS MANIFESTAM APOIO DECLARADO QUE A IMAGEM É DELAS/ES	VERIFICAR SE AS/OS JOVENS CONSEGUEM PERCEBER O MOVIMENTO DE SORORIDADE PRESENTE NA CENA, VISANDO PROTEGEM A IDENTIDADE DE UMA COLEGA FRETE A TODOS OS MENINOS DA ESCOLA.

Fonte: A Autora (2022).

Figura 9 - Lucas - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades

Os alertas deixados pelo suicídio de Lucas, um adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia no TikTok

A morte do garoto de 16 anos reforça a necessidade de combater discursos de ódio e violência nas redes

por Ana Luiza Basilio
8 de agosto de 2021 - 13:48

Lucas é vítima da LGBTfobia. (Matéria do CartaCapital, publicada no dia 8 de agosto de 2021).
Lucas, adolescente foi vítima do ódio e da LGBTfobia no *Tiktok* tira a própria vida. Depois de vários comentários homofóbicos

CARTACAPITAL	EIXO DE ANÁLISE	OBJETIVO
MATÉRIA -ANA LUIZA BASILIO	RELAÇÕES DE GÊNERO E LGBT+FOBIA	IDENTIFICAR COMO AS/OS JOVENS PERCEBEM OS ATAQUES HOMOFÓBICOS NAS REDES SOCIAIS E O QUE PENSAM A RESPEITO.

Fonte: (CARTA CAPITAL, 2021).

Figura 10 - As telefonistas - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades

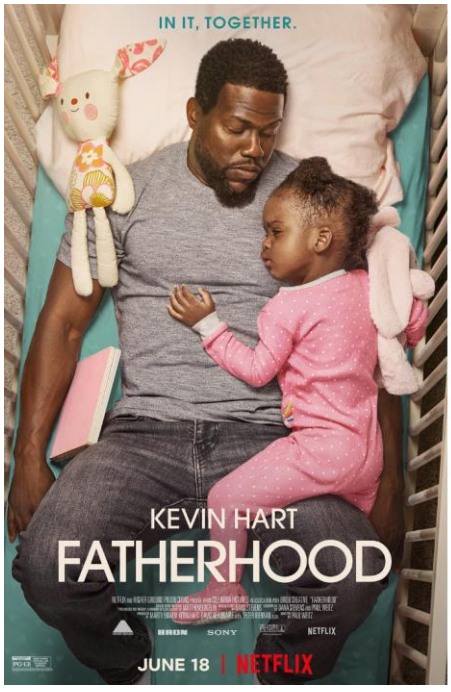
AS TELEFONISTAS (2019)

Release: Em meio às mudanças sociais de Madri de 1931, as amigas telefonistas se envolvem num misterioso caso de assassinato e precisam resolvê-lo para livrar uma delas da pena de morte.

CENAS ESCOLHIDAS	EIXO DE ANÁLISE	DESCRIÇÃO DA CENA	OBJETIVO
T4:EP1 - TEMPO 13'54"	RELAÇÕES DE GÊNERO E LGBT+FOBIA	CARLOTA (MULHER LÉSBICA) É APONTADA COMO A POSSÍVEL VENCEDORA DA ELEIÇÃO DA PREFEITURA DE MADRID, MAS A OPOSIÇÃO AMEAÇA DIVULGAR FOTOS ÍNTIMAS DA CANDIDATA	PERCEBER COMO AS/OS JOVENS VISUALIZAM AS PESSOAS QUE PRECISAM ESCONDER A ORIENTAÇÃO SEXUAL POR MEDO DAS CONSEQUÊNCIAS QUE TAL REVELAÇÃO PODE CAUSAR E O QUE PENSAM SOBRE ESSA REALIDADE.

Fonte: A Autora (2022).

Figura 11 - Paternidade - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades



PATERNIDADE (2021)

Release: Matthew (Kevin Hart) já encarou muitos desafios na vida, mas ficar viúvo logo após o nascimento da filha foi o mais difícil de todos.

CENAS ESCOLHIDAS	DESCRIÇÃO DA CENA	OBJETIVO
FILME - TEMPO 55'28"	MADDY VAI PARA A ESCOLA DE CALÇA	VERIFICAR COMO AS/OS JOVENS VISUALIZAM AS DIFERENÇAS E DESIGUALDADES DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR.

Fonte: A Autora (2022).

Figura 12 - *Riverdale* - Publicações do *Instagram* @Generosesubjetividades

RIVERDALE (2017)

Release: Depois da trágica morte de Jason Blossom (Trevor Stines), Archie Andrews (KJ Apa) começa a se preocupar com o próprio futuro. Ele resolve investir em seu sonho de se tornar músico, ao mesmo tempo em que precisa lidar com sua vida romântica, seus amigos e até mesmo o mistério envolvendo Blossom.

CENAS ESCOLHIDAS	EIXO DE ANÁLISE	DESCRIÇÃO DA CENA	OBJETIVO
T1:EP3 - TEMPO 15'49"	GÊNERO NA ESCOLA	ETHEL REVELA AS AMIGAS QUE AJUDOU CHUCK EM ATIVIDADE DA ESCOLA E ELE ESPALHOU PARA TODOS QUE TEVE RELAÇÕES SEXUAIS COM ELA	VERIFICAR COMO AS/OS JOVENS PENSAM E O QUE ESPERAM DO ESPAÇO E EQUIPE ESCOLAR FRENTE A EXPOSIÇÃO DAS MENINAS NA ESCOLA.

Fonte: A Autora (2022).

Para a análise dos dados escolhi como direção a análise cultural, que segundo Silva (2001, p. 42) visa "ampliar a própria noção de "realidade". As palavras do autor permitem refletir sobre o real, sobre as representações que são apresentadas nas redes sociais, haja vista que o artefato cultural *Instagram* se encontra recheado de filtros e localizações que não necessariamente precisam ser comprovadas. Entretanto, como acrescenta o autor, "[...] a noção de representação, tal como utilizada na análise cultural, está centrada nos aspectos de construção e de produção das práticas de significação. A imagem reflete a realidade; a representação "é" a realidade. (Isto é: a realidade que importa) (...)" (SILVA, 2001, p. 54).

A visão discorrida por Silva (2001, p. 53) se configura de suma importância para a pesquisa aqui apresentada, haja vista que essas imagens são a forma de existir, do real, do comunica-se, do sentido, das subjetividades, do encontro consigo e de outras representações. Nesse sentido, cabe destacar que "nas análises baseadas na noção de representação não se trata de restabelecer a verdade, mas de tornar visíveis as relações de poder envolvidas no processo de representação". O autor ainda acrescenta que a representação e o olhar estão estreitamente ligados e que esse olhar é o centro da análise cultural.

As palavras de Silva (2001) dialogam com a realidade da etnografia virtual apresentada por Hine (2004, p. 64, tradução nossa), que afirma que "o propósito do etnógrafo não deve ser,

em qualquer caso, se importar com critérios externos para julgar se é seguro acreditar no que dizem os informantes, mas entender como os informantes valorizam a autenticidade [...]".

Nessa direção, ao escolher a análise cultural, a maior preocupação é compreender a realidade pesquisada, entendendo que essa não é universal, mas que permite ampliar olhares e reflexões, "o que interessa à análise cultural, entretanto, não é fazer declarações epistemológicas tão absolutas, mas, de forma mais simples, eleger como seu objetivo de análise aquelas instâncias e formas sociais que são construídas discursiva e linguisticamente" (SILVA, 2001, p. 42). Convém ainda ressaltar que a análise cultural se alimenta do coletivo, das construções partilhadas e das trocas subjetivas.

A análise cultural abraça todas as composições pertencentes às representações, de modo que "[...] o interesse da análise cultural está centrado nas dimensões discursivas, textuais, institucionais da representação e não nas suas dimensões individuais, psicológicas [...]" (SILVA, 2001, p. 52). Dessa forma, é preciso observar para além da imagem, das discussões que emergem a partir da fala, dos textos, das legendas que acompanham as imagens e dos enunciados expostos.

Melucci (2005, p. 33) pontua que "a pesquisa produz interpretações que buscam dar sentido aos modos nos quais os atores buscam, por sua vez, dar sentido às suas ações (...)". Esses sentidos são reconfigurados através das experiências que se manifestam nas representações, essas que são modificadas através dos atravessamentos que abraçam a vida das pessoas.

Diante do exposto, acredito que a pesquisa se constitui como um corpo vivo. O ato de pesquisar se configura em um processo contínuo de leituras, visões e mundos, uma vez que o as/os participantes podem apresentar, sugerir e descortinar novas/os emergências, novas/os autoras/es a qualquer momento da pesquisa. Assim, algumas perguntas me levaram a refletir sobre novos possíveis questionamentos. Nessa direção, compreendo que:

> O pesquisador aparece inevitavelmente situado, movido por interesses, paixões, capacidades, papéis institucionais que não podem ser esquecidos nem vistos como impedimento ao conhecimento, mas sim considerados como elementos constitutivos do campo que torna possível a reflexão e a pesquisa e que legitimam o produto como saber social (JUAREZ DAYRELL, 2005, p. 11).

Embora os resultados e contribuições esperados da pesquisa já tenham sido mencionados neste trabalho, ressalto que desenvolver uma pesquisa em um período pandêmico e com inúmeras atividades remotas me fez questionar se as/os jovens teriam interesse em participar, se seriam provocadas/os e se a pesquisa chamaria a atenção e conseguiria envolve-

los. Penso que o período em campo foi respondendo essas questões já no início, quando me deparei com 19 jovens acompanhando e interagindo no *Instagram.*

6 SOBRE AS ANÁLISES

Neste capítulo apresento as análises empreendidas, que foram divididas em três eixos: o primeiro eixo analítico, que recebe o título de **Desigualdades de gênero em práticas cotidianas**, buscou apresentar cenas que pudessem dialogar com situações e espaços comuns no dia a dia das/os jovens que, por vezes, as desigualdades passam despercebidas, ignoradas e naturalizadas pelas pessoas.

O segundo eixo, intitulado **Gênero e LGBT+fobia**, nasce do significativo envolvimento das/os jovens na pesquisa. Inicialmente foram separadas cenas, de modo geral, que trabalhassem as desigualdades de gênero em práticas cotidianas e questões de gênero que envolvessem especificamente o espaço escolar. Nessa seleção de cenas as questões sobre homofobia se faziam presentes, porém, conforme a participação e respostas das/os jovens senti a necessidade de trabalhar com um eixo específico para tais questões. Dessa forma, a categoria buscou apresentar exemplos de desrespeito e violência contra as pessoas LGBT+.

Com o objetivo de identificar a partir dos olhares das/os jovens os enunciados de gênero que emergem no artefato cultural *Instagram* e sua relação com os enunciados presentes na escola, o terceiro eixo parte das análises das cenas de episódios envolvendo divulgação de imagens, fardamentos e desigualdades de gênero no espaço escolar.

Para conseguir analisar os objetivos da pesquisa, foi necessário separar tanto os conteúdos (cenas e matérias) quanto a análise em três categorias. 1º - Desigualdade de gênero em práticas cotidianas; 2º - Gênero e LGBT+fobia e 3º - Gênero na escola. Essa organização foi importante para que as perguntas fossem direcionadas, sobretudo, quando pediam para que as/os jovens se colocassem no lugar da/o personagem, por exemplo: você buscaria ajuda? O que você faria? Isso já aconteceu com você?

Vale destacar que essas categorias e espaços se encontram e fazem parte da vida das pessoas. Para uma melhor compreensão e visualização do material exposto, a análise foi construída da seguinte forma: A - print com descrição geral da cena ou matéria; B - Quadro de perguntas com as respostas das/os jovens e, por fim, a análise dos olhares apresentadas/os por elas/es sobre o conteúdo.

6.1 PRIMEIRA CATEGORIA ANALÍTICA: DESIGUALDADES DE GÊNERO EM PRÁTICAS COTIDIANAS

Essa primeira categoria teve como objetivo identificar a compreensão das/os jovens sobre as desigualdades de gênero em práticas cotidianas. Essa sessão nasce diante da necessidade de perceber os olhares das/os jovens frente às naturalizações das desigualdades de gênero em situações cotidianas, episódios e ocorrências que passam despercebidas pelas pessoas. Apresento na sequência cenas selecionadas para a discussão dessa primeira categoria.

A cena escolhida foi da série *One day at a time*, que retrata o dia a dia de uma família, composta por uma enfermeira que atuou no Afeganistão, mãe de uma jovem lésbica e um adolescente que não aceita a separação dos pais, uma senhora cubana, um canadense que luta contra o alcoolismo e um médico abandonado pela filha.

Figura 13 - Perfil @generoesubjetividades - *One day at a time*. Lídia diz a Alex para não aceitar um não como resposta

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

O vídeo exibido retrata um exemplo clássico de machismo e assédio, reforçado por uma mulher, uma cubana que em sua trajetória naturalizou as insistências dos homens que não aceitavam o "não" como resposta. Na cena, a personagem entende essas insistências como um jogo de sedução, onde as mulheres precisam falar que "não", mesmo quando há interesse, para que dessa forma as mulheres, segundo a personagem, não passem a imagem de

fáceis/disponíveis. Quando questionado as/os jovens sobre o que pensavam a respeito da cena, as/os mesmas/os apresentaram as seguintes respostas:

Quadro 2 - Cena 1 *One day at a time* T3: Ep2 (2019)

Perfis	***One day at a time* T3: Ep2 (2019)** O que você pensa a respeito da cena exibida?
@Júlia	Uma mulher que possui uma visão distorcida e machista, que lhe foi imposta pela sociedade patriarcal.
@Carlos Sloan	A fala da Abuelita é errada, pois não é não.
@Ariano Grande	Um pouco problemática a parte de não aceitar um não como resposta.
@Meghan	Sinceramente, acho ridículo isso, porque é extremamente desagradável e desconfortável alguém ficar insistindo em algo que já lhe foi negado.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As falas sinalizam o desconforto das/os jovens em relação a cena. Ademais, a fala de @Júlia mostra uma compreensão a respeito das representações por trás dessa cena: imposições e naturalizações do machismo e assédio vivenciados na sociedade. Cabe ressaltar que a personagem é uma mulher cubana que vive nos Estados Unidos e que as construções e representações de feminilidade foram sendo modificadas desde sua infância em seu país natal. A fala da personagem diz não só qual seria o comportamento adequado para uma mulher, como também define qual seria a postura adotada por homens. É nesse sentido que Lauretis (1994, p. 211) declara que:

> As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais. Embora os significados possam variar de uma cultura para outra (...).

Quando foram questionadas/os se já presenciaram ou passaram por algo parecido e porque situações como essas ainda acontecem, as/os participantes fizeram as seguintes declarações:

Quadro 3 - Cena 1 *One day at a time* T3: Ep2 (2019)

Perfis	***One Day at a time* T3: Ep2 (2019)** Você já presenciou ou vivenciou algo parecido? Por que isso acontece?
@Júlia	Sim. Há uma ideia, mesmo que não explícita, de uma hierarquia na qual a voz feminina não tem vez.
@Carlos Sloan	Não. Por conta do machismo, que diz que você não deve aceitar um não, e pela sociedade, por ainda ser muito machista.
@Ariano Grande	Sim. As pessoas pensam que estão em um filme romântico e que tudo é sobre "charme".
@Meghan	Siiim, já me aconteceu muitas vezes, e sempre com meninos, que não sabem receber um não e permanecem insistindo, sabe? Acho que isso está enraizado na criação, como homens são educados, isso é péssimo. Nunca uma mulher ficou no meu pé por eu não querer algo com ela, por aí já percebemos como é diferente. [*Pergunta realizada - Por que isso acontece?***]** Acho que boa parte disso vem da forma como essas pessoas são ensinadas. A romantização da insistência feita por filmes e séries também contribui. É algo como: "ah, acho que tal pessoa está fazendo charme, vou insistir até ela querer", acredito que isso que se passa na cabeça dessas pessoas, basicamente não sabem que não é não e ponto final.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

@Meghan chama a atenção para o fato de constantemente passar por essas situações com meninos. Vale destacar que meninos também são assujeitados a essas experiências, seja enquanto aquele que é assediado, como aquele que é condicionado a reproduzir os comportamentos e expectativas atribuídas ao seu gênero, para se enquadrar no arranjo que compõe as condições de ser um menino hétero, dentro das expectativas criadas na sociedade. Dessa forma, aprendemos "[...] desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e de compreender diferenças de gênero (isto é, de como "são" ou "devem ser" homens e mulheres), diferenças políticas, econômicas, étnicas, sociais, geracionais" (FISCHER, 2006, p. 16).

A jovem ainda destaca a romantização de cenas, sobretudo envolvendo homens e mulheres, que são constantemente reforçadas no cinema e mais recentemente nas plataformas de *streaming*. Nessa direção, Lauretis (1993, p. 99) declara que "[...] o cinema dominante delimita para a mulher uma ordem social e natural específica, define-lhe certas proposições de significado, fixa-a numa determinada identificação [...] a mulher é constituída como o substrato da representação, o espelho suspenso para o homem". O que se percebe é que as representações que estão presentes na publicidade buscam aproximações com as experiências das pessoas, visam mexer com o imaginário e "[...] estabelecer associações que criam uma espécie de crença mágica, de fetiche" (FISCHER, 2006, p. 130).

@Ariano Grande destaca que o “chame” apresentado na mídia é romantizado e relacionado a um “sim” disfarçado de “não”, sobretudo por meninas, ou seja, o contrário não é visto como algo comum, meninos “fazendo charme”. É nesse sentido que, por vezes, meninas são pressionadas e coagidas a fazerem o que não desejariam genuinamente. Acompanhando a resposta de @Ariano Grande, destaco a colocação de @Júlia, que vem chamar a atenção para o quanto as vozes das mulheres são descredibilizadas, ridicularizadas e inferiorizadas quando comparadas as dos homens. A História mostra que não só a voz, mas a escrita, as conquistas ou qualquer referência que seja associada ao feminino.

Quando questionadas/os sobre se a insistência faria as pessoas mudarem suas opiniões e se um “não” seria um “sim” disfarçado, as respostas foram unânimes quanto a discordância a respeito dessas insistências e não aceitações dos posicionamentos, das falas e dos “nãos”, sobretudo quando esses são externados por mulheres. Nessa direção, a fala da @Meghan retrata o quanto essa insistência condiciona pessoas a lugares, decisões e posições por vezes contrárias as suas vontades: “- olha, muitas pessoas não conseguem manter suas respostas e acabam cedendo, já vi vários casos, então sim, a insistência faz com que pessoas mudem suas opiniões”. (@MEGHAN, resposta ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021).

A fala da jovem pode ser externada para variadas situações e conflitos sociais que as pessoas vivenciam, por exemplo: escolha de roupas, cortes de cabelo, atividades esportivas e tantas outras. @Meghan ainda destaca a mudança de opinião como uma fuga da pressão e insistência alheia.

> Não acredito que um não é um sim disfarçado, esse é o pensamento de muitas dessas pessoas que vivem insistindo sabe? É isso que devem pensar, geralmente um não só vira um sim, sob pressão e insistência, na real a pessoa não queria dizer um sim ou mudar de opinião sobre algo, ela só quer aquela situação passe, que aquela pessoa pare, por isso acabam cedendo, e algo conquistando sob insistência, não é algo legal, a pessoa não quer aquilo, só quer se livrar daquela situação” (@MEGHAN - RESPOSTA AO @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021).

Esse “sim” disfarçado se apresenta em diferentes situações e relacionamentos abusivos, por vezes para não desagradar a/o outra/o ou até mesmo por receio de possíveis reações. A tentativa de evitar conflitos, muitas vezes, esconde o medo, a insatisfação e descontentamento de pessoas que, por algum motivo, encontram-se dentro dessas situações.

As respostas das/os jovens apontaram que, além de fazerem a leitura do que a cena apresentava, deixam evidente a desaprovação quanto a postura do personagem Alex, assim como o incentivo da avó ao neto que continuasse a reproduzir as insistências e assédio

direcionados às meninas. O que para a *Abuelita* foi naturalizado e associado a elogios, sedução e interesse, para sua neta Elena causava constrangimento, dor e medo. Segundo Hall (2016, p. 21):

> Nós concedemos sentido às coisas pela maneira como as representamos - as palavras que usamos para nos referir a elas, as histórias que narramos a seu respeito, as imagens que delas criamos, as emoções que associamos a elas, as maneiras como as classificamos e conceituamos, enfim, os valores que nelas embutimos.

As diferentes representações das mesmas situações e cenários evidenciam que vivências parecidas atravessam as pessoas de maneiras diversas. A cena apresentada não mostrou apenas um rapaz contado a sua vó sobre a insistência de um garoto com uma menina, mostra também a personagem explicando como situações parecidas a deixam com medo de sair de sua casa. A fala da neta faz a avó e o neto enxergarem de outra forma a postura adotada por Alex, a ponto de concordarem que nenhuma menina deveria sentir-se com medo de falas ou gestos de outras pessoas.

Através das falas das/os participantes foi possível compreender que a cena exibida é algo que acontece com frequência, que não deveria acontecer, mas que foi construído socialmente e que, por vezes, é reproduzido sem questionamentos e reflexões ou até mesmo vivenciado com atribuição de significados e emoções outras, que essas experiências atravessam a vida das pessoas de maneiras distintas.

Dando sequência, apresento mais uma cena da série *One Day at a time*, na qual a personagem Lídia ensina sua filha a cozinhar para ajudá-la a manter um namorado/marido. A personagem acredita que uma mulher jovem não deve permanecer sozinha e culpa a filha por ter terminado o casamento com o pai de seus filhos. A senhora ainda insiste para que a filha retorne o casamento com seu ex-marido ou arrume um novo esposo para cuidar dela e de seus filhos.

Figura 14 - Perfil @generoesubjetividades - *One day at a time*. Lídia ensina Penélope a cozinhar para ajudá-la a manter um namorado/marido

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

Das respostas emergem representações, sobretudo em relação às associações e cobranças direcionadas às mulheres. Nessa direção, foi questionado as/aos jovens o que as/os mesmas/os observaram no vídeo:

Quadro 4 - Cena 2 *One day at a time* T3: Ep8 (2019)

Perfis	***One day at a time* T3: Ep8 (2019)** O que você percebeu nessa cena?
@Lorena	Que a moça acha que deve aprender a cozinhar só pra agradar um homem.
@Ariano Grande	Algo culturalmente enraizado, como se fosse um favor que o homem estivesse fazendo. Logo, a mulher deveria se esforçar para mantê-lo feliz.
@Carlos Sloan	Um caso claro de machismo onde a senhora insinua que a senhora tem que saber cozinhar pra conseguir manter uma relação.
@Roberta	A mãe acha que a filha tem que saber cozinhar para agradar um homem, como se esse fosse seu dever, e não é.
@Meghan	O clássico pensamento de que a mulher precisa saber fazer as tarefas de casa para o homem.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As opiniões sinalizam a compreensão das/os jovens sobre um posicionamento sedimentado diante das conquistas, direitos e possibilidades asseguradas às mulheres. Porém, como pontua @Ariano Grande, a cena retrata um pensamento culturalmente enraizado, construído socialmente, que para a *Abuelita* (Lídia, a avó) não causa estranheza. O pensamento da personagem não deixou de existir na sociedade, porém não representa a única alternativa, sobretudo, para as gerações mais jovens, que contam com oportunidades e realidades outras, onde as mulheres podem trabalhar, estudar, casar, se divorciar e tantas outras possibilidades.

> As relações familiares também têm mudado, especialmente com o impacto das mudanças na estrutura do emprego. Tem havido mudanças também nas práticas de trabalho e na produção e consumo de bens e serviços. É igualmente notável a emergência de novos padrões de vida doméstica, o que é indicado pelo crescente número de lares chefiados por pais solteiros ou por mães solteiras bem como pelas taxas elevadas de divórcio (WOODWARD, 2017, p. 32).

Todas as respostas foram divergentes e opostas ao que foi exposto; encontrar jovens com opiniões contrárias às falas apresentadas mostram que as/os participantes da pesquisa compartilham e anseiam por realidades e vivências outras e que o estranhamento e, ao mesmo tempo, o reconhecimento das condições em que se encontravam as personagens, mostra um olhar atento e cuidadoso para tais questões.

Apesar de as/os jovens apresentarem a compreensão de que não deveria ser uma obrigação das mulheres aprenderem a cozinhar para agradar os homens, as respostas mostraram o quanto as expectativas e pressões do outro condicionam as pessoas a atenderem as representações esperadas socialmente, pois como pontua Fisher (2016, p. 64) sobre as imagens que observamos: "[...] sempre elaborada no cruzamento de múltiplas relações, de experiências individuais e sociais [...]". Tais representações costumam ter "uma vigilância que é exercida não somente a partir do exterior, da obediência às regras, aos preceitos ou aos códigos, mas que é exercida pelo próprio indivíduo que, precocemente, aprende a se examinar, controlar, governar" (LOURO, 2000, p. 69). Nessa direção, foram realizadas as seguintes questões:

Quadro 5 - Cena 2 *One day at a time* T3: Ep8 (2019)

Perfis	***One day at a time* T3: Ep8 (2019)** Você já sentiu-se pressionada/o a ser boa/bom ou sentiu a necessidade de aprender algo que dizem que seria uma característica do gênero (que socialmente você é reconhecida/o)?
@Ariano Grande	Futebol.
@Carlos Sloan	Sim, futebol.
@Roberta	Sim, crescemos ouvindo que as tarefas da casa são trabalhos para as mulheres, acho isso ridículo, machismo.
@Meghan	Sim, eu penso que não é assim que deve ser, eu mesma não me submeto a isso, não vou "ser uma boa dona de casa" só porque sou mulher, não irei servir nenhum homem só porque sou mulher, seria até ridículo da minha parte fazer isso, tendo a noção e o conhecimento que tenho a respeito desses assuntos, então eu penso que se esse é o padrão, então não seguirei o padrão kkkk. Posso fazer as coisas de casa, mas pra mim, não pra homem, não nasci pra servir eles, não vou cometer um retrocesso desses kkkk.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Chamo a atenção para as falas de @Carlos Sloan e @Ariano Grande sobre as consequências das associações, das imposições e das cobranças que são, por vezes, motivos para a ridicularização, *bullyings* e até mesmo questionamentos sobre a orientação sexual das pessoas por não atenderem às expectativas atribuídas ao seu gênero. Como pontua Louro (2000, p. 19), "meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem".

As falas ainda sinalizam que mesmo as/os mais novas/os são pressionadas/os a reproduzirem comportamentos e atividades atribuídas ao gênero que as/os participantes são reconhecidas/os socialmente. Nas respostas da @Roberta e da @Meghan é possível observar as cobranças em relação às atividades domésticas. Algo que chama a atenção na fala da @Meghan é o fato dela enxergar um retrocesso em atender os padrões impostos, uma vez que a mesma tem acesso a informações, conhecimento e compreensão que essas demandas e comportamentos não precisam ser reproduzidos por ela. Sobre a construção da imagem, nos reportamos a Fischer (2006, p. 27):

> "Imagem é tudo" – esse é o conselho que ouvimos todos os dias: é preciso não apenas ser, mas "parecer ser"; e se não pudermos ser, que nos esforcemos para parecer, e isto até pode bastar, porque cultivar a imagem (de si mesmo, de um produto, de uma ideia) mostra-se como algo tremendamente produtivo.

A preocupação com a imagem tem sustentado historicamente identidades e representações estereotipadas. Algo que chama a atenção nas colocações da @Meghan é em

relação ao acesso à informação. Vale destacar que, durante muitos anos as mulheres foram impedidas de estudar, dificultando o acesso a diferentes conhecimentos, assim como a uma formação que as possibilitassem ocupar espaços e empregos que exigiam uma qualificação profissional que as mesmas não possuíam, tornando-as, por vezes, dependentes de seus companheiros e das narrativas e expectativas que os acompanhavam.

Ainda em relação à associação feita pela jovem é preciso pontuar que as lutas feministas não visam estabelecer comportamentos adequados para as mulheres, tão pouco perpetuar o pensamento que mulheres são superiores aos homens. As lutas visam a equidade entre os gêneros, de modo que as pessoas possam realizar suas escolhas através de direitos assegurados e de alternativas outras, em que os caminhos que atravessam a vida se apresentem enquanto oportunidades ou possibilidades e não como uma condição ou imposição. Nesse sentido, as/os jovens foram questionadas/os sobre o que pensam a respeito da seguinte afirmação: "mulheres precisam saber cozinhar!". Diante do exposto, as/os mesmas/os externaram suas opiniões.

Quadro 6 - Cena 2 *One day at a time* T3: Ep8 (2019)

Perfis	***One day at a time* T3: Ep8 (2019)** O que você pensa a respeito da seguinte afirmação: "mulheres precisam saber cozinhar !"
@Lorena	Não. Só se elas quiserem.
@Ariano Grande	Não. Assim como ninguém questiona os dotes culinários do homem.
@Carlos Sloan	Totalmente machismo estrutural, onde desde muito pequenas meninas são levadas pelas mães e avós a aprender.
@Roberta	Sim, mas não para agradar ninguém, muito menos um homem, mas sim por ela mesmo, para saber se virar sozinha.
@Meghan	Acho que foi algo construído desde a época das cavernas, onde o homem saía pra caçar e a mulher cuidava da casa, dos filhos, também é algo construído pela igreja, pois colocava a mulher como submissa, como se a mulher tivesse nascido pra agradar o homem e fazer tudo pra ele, ser praticamente uma serva. Acho isso muito retrógrado, tendo em vista que a sociedade evolui e ter um pensamento desses, em pleno século XXI, é ridículo. Mas sei que isso é algo enraizado, mas que precisamos mudar, até porque se a mulher faz o homem também deve fazer, é o justo.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As falas acima sinalizam a discordância das/os jovens a respeito da afirmativa apresentada. As respostas de @Meghan e @Carlos Sloan mostram mais uma vez a compreensão de que tais pensamentos são construídos socialmente. A fala de @Ariano Grande chama a atenção para o fato de os homens não terem seus "dotes" culinários questionados, pois

dentro da lógica binária os homens não precisam cozinhar. Nessa direção, Louro (2007, p. 244) reflete que "o trabalho de desconstrução avançaria se tornássemos visível a dependência mútua de cada elemento do par, se colocássemos em questão a hierarquia, se a invertêssemos e, finalmente, se buscássemos os referentes comuns, a lógica de todo o binarismo". Nessa lógica, quando questionadas/os sobre os homens não precisarem cozinhar, as respostas das/os jovens foram coerentes com as questões realizadas anteriormente, como é possível observar na sequência do quadro 7.

Quadro 7 - Cena 2 *One day at a time* T3: Ep8 (2019)

Perfis	***One day at a time* T3: Ep8 (2019)** Os homens não precisam cozinhar?
@Lorena	Também acho que só se eles quiserem.
@Ariano Grande	Precisam, sim!
@Carlos Sloan	Com certeza, na verdade acho que todo mundo deve saber cozinhar, pois como você vai se alimentar se não sabe cozinhar?
@Roberta	É claro que precisam, todo mundo precisa se alimentar, independentemente de ser homem ou mulher.
@Meghan	Ridículo isso, o homem não só precisa como deve cozinhar, não apenas cozinhar, mas varrer a casa, lavar louça, tudo isso e muito mais, ele não será menos homem se fizer isso, a mão não cai se fizer essas coisas rsrsrs...

Fonte*:* A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Enquanto @Lorena aponta que não, que homens não precisam saber cozinhar, @Ariano Grande, @Roberta, @Meghan e @Carlos Sloan alegam que os homens devem saber cozinhar, uma vez que precisam se alimentar, o que não se trata de uma alternativa, e sim de uma necessidade. A fala de @Carlos Sloan ainda acrescenta que, desde muito cedo as meninas são conduzidas a aprenderem tal atividade. Acerca disso, não faltam reforçadores nas lojas de brinquedos, no cinema e na TV. Por isso,

> A desnaturalização dos fenômenos sociais – ou seja, tomá-los não como algo desde sempre dado, mas como algo historicamente construído – é um primeiro e necessário passo para intervir nesses fenômenos. Saber como chegamos a ser o que somos é condição absolutamente necessária, ainda que insuficiente, para resistir, para desarmar, reverter, subverter o que somos e o que fazemos (VEIGA-NETO, 2003, p. 7).

O que se percebe é que os/as participantes da pesquisa apontam a identificação e a compreensão de possíveis situações que condicionam as desigualdades de gêneros nas

circunstâncias e cenários exibidos, assim como reconhecem em suas experiências a influência das naturalizações dessas desigualdades em suas trajetórias. Na sequência apresento uma cena de *Atypical*, série que conta a história de um jovem com Transtorno do Espectro Autista - TEA e sua família. Na cena em questão, Elsa Gardner conta a sua filha sobre o sentimento que teve ao ver as pessoas julgarem suas roupas, quando ela tinha menos de 2 anos. Em um passeio ao parque, a personagem vestia um macacão de dinossauro do irmão, quando uma senhora parou para dizer que a menina parecia um menino. Elsa fala para Casey que só se deu conta do julgamento das roupas e da aparência quando os comentários foram direcionados à filha, que mesmo tão pequena não foi poupada dos comentários e opiniões das pessoas.

Figura 15 - Perfil @generoesubjetividades - *Atypical*. Elsa fala para Casey sobre ser julgada pelas vestimentas

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

Antes de apresentar as visões das/os jovens a respeito da cena, gostaria de trazer as palavras de Fischer (2006, p. 28), ao declarar que "[…] a roupa que vestimos sempre foi mais do que uma simples peça destinada a cobrir nossos corpos [...]". Mais que vestimentas e tendências, as peças de roupas historicamente classificaram pessoas, com restrições de gênero, cores e tamanhos. Quando questionadas/os sobre as o que as/os mesmas/os enxergavam na cena, as respostas sinalizaram a compreensão não só da cena, mas da materialização dos comentários, julgamentos e desqualificação da imagem e identidade da/o outra/o com base nas vestimentas. Nesse sentido, as/os jovens declaram:

Quadro 8 - Cena 3 *Atypical* T4: Ep3 (2021)

Perfis	***Atypical* T4: Ep3 tempo 14:28 (2021)** O que você enxerga nessa cena?
@Lorena	Que as pessoas julgam independentemente da idade.
@Júlia	Há ideias enraizadas quanto a divisão de gêneros e sobre o papel que devem desempenhar em sociedade. Chega a ser triste pelo fato de muitas pessoas utilizarem dessa construção como justificativa de atitudes preconceituosas, censura e opressões.
@Carlos Sloan	Acho que as mulheres são mais julgadas que homens pelas roupas que usam, desde o trabalho a eventos sociais.
@Roberta	Que as pessoas deveriam parar de se importar com as roupas das outras, roupa não muda quem a pessoa é.
@Meghan	A realidade da sociedade, pois muitas vezes você é julgada simplesmente pelo que veste, deduzem quem você é pela sua vestimenta, quando na verdade isso não significa nada, é só a maneira que você se sente melhor.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Esses julgamentos e ao mesmo tempo imposições, atribuições e caracterizações negativas às representações das identidades que fogem dos padrões aceitáveis, visam expor, diminuir e separar pessoas, “ao classificar os sujeitos, toda sociedade estabelece divisões e atribui rótulos que pretendem fixar as identidades. Ela define, separa e, de formas sutis ou violentas, também distingue e discrimina” (LOURO, 2000, p. 12).

Chamo a atenção para a resposta de @Júlia, que dialoga com os escritos de autoras e autores dos EC ao pontuar que a diferença é usada como justificativa para discriminação, violência e desrespeito. Vale pontuar que as representações são vistas, por vezes, como ofensivas, como provocações, uma vez que a afirmação de uma ou mais identidades também evidenciam as diferenças. Nesse sentido, Hall (2000, p. 82) reflete que:

> A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora/A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”.

Vale destacar que essas distinções, por vezes, são feitas pelo outro e usadas em determinados momentos para exclusão, afastando o diálogo entre as/os que são ou pensam

diferente. Quando questionado as/aos jovens se as/os mesmas/os já haviam presenciado ou vivenciado algo parecido com a cena em destaque, eles responderam que:

Quadro 9 - Cena 3 *Atypical* T4: Ep3 (2021)

Perfis	***Atypical* T4: Ep3 tempo 14:28 (2021)** Você já presenciou ou vivenciou algo parecido com a cena exibida?
@Lorena	Sim, uma pessoa não queria deixar a outra usar uma roupa com decote.
@Carlos Sloan	Não.
@Roberta	Sim, incomoda o fato de alguém que nem te conhece ou sua própria família te julgarem por suas roupas.
@Meghan	Sim, já presenciei e vivenciei, ao sair com uma roupa curta e ouvir "essa roupa tá muito com cara de depravada", "essa roupa não é de moça direita" e assim vai.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Gostaria de chamar a atenção para o desenho das respostas apresentadas, quando o único não declarado nas respostas foi apresentado por um homem. Com isso não estou afirmando que esses não passam por situações desconfortáveis quanto as suas vestimentas, mas chamando a atenção para os dados que evidenciam um retrato e reflexo de uma sociedade machista, essa mesma que se preocupa com as vestimentas das vítimas de estupro, quando deveriam se preocupar com a saúde física e psicológica das vítimas. Uma sociedade onde as mulheres são ridicularizadas e diminuídas pelo tamanho de suas roupas.

Quando questionado se as/os jovens já haviam deixado de comprar ou usar alguma peça de roupa com receio da opinião de outras pessoas, as respostas foram as seguintes:

Quadro 10 - Cena 3 *Atypical* T4: Ep3 (2021)

Perfis	***Atypical* T4: Ep3 tempo 14:28 (2021)** Você já deixou de comprar ou usar alguma peça de roupa com receio da opinião de outras pessoas?
@Lorena	Sim, short curto. Por causa que as pessoas sempre falam que eu tô magra e preciso comer mais, aí fiquei com medo delas falarem de novo, porque minhas pernas são finas.
@Carlos Sloan	Não, nunca.
@Roberta	Não, sei que a roupa que eu uso não define quem sou.
@Meghan	Sim, já deixei de comprar roupa que eu gosto, como por exemplo uma camisa mais despojada, porque segundo a minha mãe não "era de mulher".

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Chamo a atenção para a fala de @Roberta, por dois motivos: o primeiro pelo fato da participante afirmar que não deixou de comprar roupas com base nas opiniões de outras pessoas. Entretanto, quando a mesma declara que "a roupa não define quem sou", é possível compreender que existe algo de errado com algumas roupas específicas. Nas palavras de Louro (2000, p. 18), "através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle". Quando questionadas/os se já haviam sido criticadas/os pelo modo de se vestir, as respostas das/dos jovens foram as seguintes:

Quadro 11 - Cena 3 *Atypical* T4: Ep3 (2021)

Perfis	***Atypical* T4: Ep3 tempo 14:28 (2021)** Você já foi criticada/o pelo modo de vestisse?
@Lorena	Não lembro.
@Carlos Sloan	Sim, eu gosto de usar camisa mais larga, a pessoa veio falar merda, só mandei se fuder.
@Roberta	Sim, ser julgada por sua roupa é horrível, as pessoas não ligam se o que elas dizem vai ou não ferir outras.
@Meghan	Não lembro de ninguém, sabe? Até porque eu não ligo para esses comentários e afins, e isso se deve ao fato de que eu me visto de uma forma "padrãozinho" para uma mulher, sabe? E não porque é imposto, mas porque gosto mesmo rsrsrs, então como estou no "padrão" ninguém critica ou faz comentários negativos a respeito.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

A fala de @Meghan mostra a compreensão da jovem ao falar de um padrão que atende às expectativas impostas pela sociedade. A fala da participante chama a atenção, pois a maneira como costumes e padrões são naturalizados são mais evidentes para aquelas/es que não correspondem a esse grupo. A fala de @Carlos Sloan mostra o incômodo do rapaz ao receber a desaprovação de outra pessoa. Nessa direção, é possível compreender que "a identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes" (HALL, 2000, p. 81).

Quando questionadas/os se as cobranças em relação a maneira de vestir-se seria igual para meninas e meninos, as respostas apresentadas por @Roberta, @Meghan e @Carlos Sloan declararam que não.

Quadro 12 - Cena 3 *Atypical* T4: Ep3 (2021)

Perfis	***Atypical* T4: Ep3 tempo 14:28 (2021)** Você acredita que as cobranças em relação a maneira de vestir-se seria igual para meninas e meninos?
@Carlos Sloan	Não, a sociedade ainda é muito machista, infelizmente.
@Roberta	Não, a mulher é mais julgada, acho ridículo o fato de nossa capacidade ser medida pelo tamanho da roupa.
@Meghan	Jamais, o homem pode andar como quiser que está ok, se a mulher fizer isso, será criticada. Eu vejo isso da seguinte maneira: se uma mulher foge do padrão de vestimenta feminina, a sociedade começa a cobrar que ela seja mais feminina, porque é esse o seu papel, ser uma boneca e ai daquela que fuja disso, porque se ela foge, é como se quisesse ser masculina ou algo do tipo, já os homens se forem mais femininos, serão cobrados por serem "machos" e não bonequinhas, é dessa forma que enxergo essa cobrança, lógico que a cobrança maior é sob as mulheres, mas então o padrão existe, para as mulheres bem mais lógico, porém também recai sobre todos, e esse pensamento leva a muitas intolerâncias e julgamentos.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

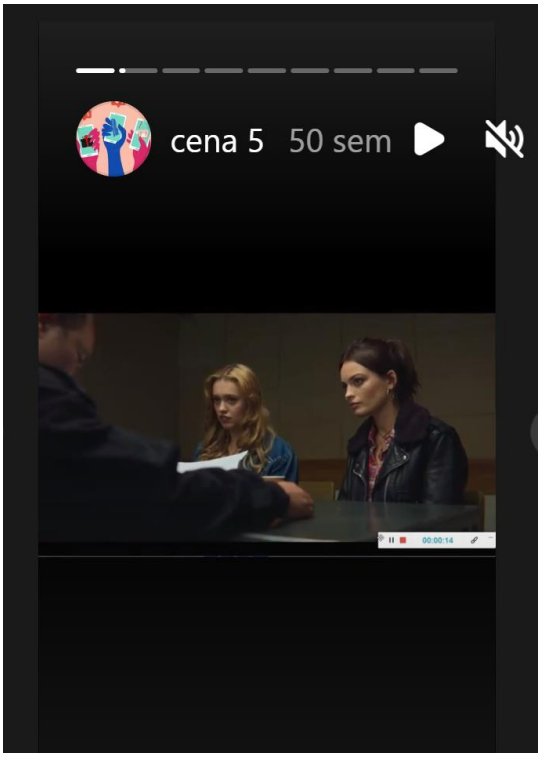
Gostaria de destacar que a fala dos/das participantes apresentam o reconhecimento das implicações de uma sociedade machista, porém @Meghan declara que o homem pode andar e vestir-se como ele quiser. É preciso cautela em tal afirmação, pois se esse homem vestisse roupas ditas femininas, poderia passar por situações de constrangimentos. Assim, é de suma importância compreender que homens e mulheres sofrem com as implicações em viver numa sociedade machista, nas palavras de Louro (1997, p. 41):

> Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder.

Esses gestos e modos de ser, apresentados por Louro (1997) e que são ensinados nos diferentes espaços, são questionados diariamente e durante muito tempo essa "correção" limitou-se ao espaço familiar, à escola e à igreja, porém com a internet e mais especificamente com o *Instagram*, enquanto rede que compartilha imagens, vídeos, posicionamentos e, consequentemente produz identidades, essas correções são públicas, no caso das pessoas com grandes números de seguidores é possível observar a cultura do cancelamento, palavras usadas nas redes sociais para excluir pessoas e posicionamentos. Antes o que só era visto e corrigido em espaços específicos, nas redes sociais ganham uma nova projeção, uma vez que todos esses espaços/pessoas podem ao mesmo tempo observar os sujeitos.

Apresento, na sequência, a última cena selecionada para discussão da primeira categoria de análise. A cena de *Sex Education* T2: Ep3 mostra uma jovem que costuma usar o transporte público todos os dias, que é assediada no ônibus quando vai à escola e que fica constrangida com a situação, pedindo parada e indo a pé até seu destino. A jovem, no primeiro momento, parece não compreender o que aconteceu, até contar a amiga que a leva até a delegacia para fazer a denúncia.

Figura 16 - perfil @generoesubjetividades - *Sex Education*. Aimee vai até a delegacia prestar queixa sobre o assédio



Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

Para iniciar a discussão sobre a cena em evidência, foram realizadas as seguintes questões: O que você percebeu nessa cena? Você já sofreu algum assédio, se sim, como foi?

Quadro 13 - Cena 4 *Sex Education* T2: Ep3 (2020)

Perfis	***Sex Education* T2: Ep3 tempo 24:49 (2020)** O que você percebeu nessa cena? Você já sofreu algum assédio, se sim, como foi?
@Lorena	O policial acha que ela provocou o homem que assediou ela. [Pergunta *realizada - Você já sofreu algum assédio, se sim como foi?*] Sim, várias vezes. Mas uma, eu tava voltando da escola e um homem se masturbou na minha frente e me olhando, eu tava morrendo de medo e tentei ver se tinha alguém por perto, aí corri.

@Júlia	A tentativa de justificar um ato repugnante, por meio do constrangimento à vítima. [*Pergunta realizada - Você já sofreu algum assédio, se sim como foi?*] Eu estava indo pra escola e estava atrasada, então peguei um caminho que seria mais rápido, então ao atravessar essa rua que estava vazia, vinha um cara na direção oposta à minha, que começou a me olhar e fazer insinuações, e se algumas mães que estavam levando os filhos à escola não tivessem aparecido, talvez eu não estivesse te contando isso hoje.
@Meghan	Percebi a realidade da nossa sociedade, que mesmo a mulher sendo a vítima, tentam de todas as formas, fazer com que a culpa seja dela. "Você sorriu pra ele", "você estava com roupa curta", como se as culpadas fossem as mulheres, e isso é ridículo, é algo extremamente machista e retrógrado. [*Pergunta realizada - Você já sofreu algum assédio, se sim como foi?]* Sim. Foi na escola, na sala de aula, estávamos próximos à porta esperando tocar para o intervalo e nisso, tinha um garoto que estudava comigo, ele estava atrás de mim, ele olhou pra minha bunda e apertou ela, o pior foi que outras pessoas viram e ninguém fez NADA, outras meninas e meninos viram e ninguém se importou, sabe? Naquele momento eu fiquei sem reação, porque tipo, eu me senti tão invadida, sabe? Foi péssimo, pior sensação, e ele ficou rindo como se tivesse feito a coisa mais correta do mundo, hoje em dia são raras as vezes que o vejo. Só sinto aversão e nojo dele. Mas, sem dúvidas, foi uma situação muito ruim, nenhuma mulher merece passar por isso, naquele dia eu tive medo, mas se fosse hoje eu não pensaria duas vezes para falar com a direção da escola, pois ele não pode continuar fazendo isso com nenhuma mulher, se ele foi capaz de fazer isso no meio de várias pessoas, imagina o que não é capaz de fazer se estivesse sozinho com a vítima. Outras vezes que fui assediada não envolveu toque, mas olhares e piadinhas do tipo: "eita, aí sim", "lá em casa faria estrago", geralmente acontece quando estou sozinha, porque quando estou com algum menino, ninguém me diz nada, é péssimo isso de verdade. E, mais uma vez, são sempre homens e nunca mulheres, mesmo eu me relacionando com mulheres, nunca nenhuma me assediou, o mesmo não ocorre com meninos.
@Maria do Bairro	O descaso da polícia com situações de assédio. [*Pergunta realizada - Você já sofreu algum assédio, se sim como foi?***]** Não.
@Carlos Sloan	Um caso de machismo, o desprezo da polícia em casos como esse. [*Pergunta realizada - Você já sofreu algum assédio, se sim como foi? Você já viu alguém sendo assediada/o, se sim, como foi?*] Não, nunca.
@Ariano Grande	Um policial tentando desacreditar uma denúncia séria. Horrível. [*Pergunta realizada - Você já sofreu algum assédio, se sim como foi?]* Não. [*Pergunta realizada - Você já viu alguém sendo assediada/o, se sim, como foi?*] Não.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

É possível perceber nas respostas das/os jovens a compreensão das/os mesmas/os sobre a cena, de modo que todas/os apontaram para o descaso e desrespeito cometido pelo policial ao colocar a vítima em uma situação constrangedora, colocando-a na condição de culpada, insinuando que a denúncia não resultaria em uma punição ao culpado.

Gostaria de destacar a fala de @Lorena, por dois motivos: primeiro por sua resposta ser muito parecida com a cena exibida, como atividades rotineiras, o deslocamento ao sair da escola. O segundo ponto é o fato dessa situação não ser um caso isolado e acontecer, por vezes, na presença de outras pessoas. Na cena exibida a personagem demora um certo tempo para entender e acreditar no que aconteceu com ela. Somente na escola, através da fala de outra

pessoa, é que ela consegue entender o que aconteceu, que ela não é culpada e que o assediador precisa ser denunciado.

A fala de @Júlia mostra mais um caso de quando a mesma se dirigia à escola, diferente de @Lorena, @Júlia acredita que a presença de outras mulheres foi importante para intimidar o assediador. Enquanto esses dois casos aconteceram no trajeto de ida e saída da escola, @Meghan apresenta um episódio que aconteceu dentro do espaço escolar, quando um garoto bate em sua nádega. A jovem chama a atenção para o constrangimento de vivenciar esse momento na frente de pessoas que não falaram nada "[…] fiquei sem reação, porque tipo, eu me senti tão invadida, sabe? Foi péssimo, pior sensação, e ele ficou rindo como se tivesse feito a coisa mais correta do mundo [...]" (@MEGHAN - RESPOSTA ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021).

Ainda sobre as experiências com assédios, @Ariano Grande, @Carlos Sloan e @Maria do Bairro responderam que não passaram por essa experiência. Vale ressaltar que os dois primeiros são meninos. As/os participantes foram questionadas/os se já teriam visto/presenciado alguém sendo assediada/o e a maioria respondeu que não. Quando questionadas/os sobre a importância de denunciar e se teriam coragem de realizar a denúncia, as respostas mostraram compreensões e posicionamentos diferentes:

Quadro 14 - Cena 4 *Sex Education* T2: Ep3 (2020)

Perfis	***Sex Education* T2: Ep3 tempo 24:49 (2020)** O que você percebeu nessa cena? Você já sofreu algum assédio, se sim, como foi?
@Lorena	Sim, já bateram na bunda de uma amiga minha e também já ficaram assobiando e falando coisas. [*Pergunta realizada - Você acha que a denúncia é necessária, por que?*] Sim, porque tendo justiça quem sabe um dia esses casos diminuam. [*Pergunta realizada - Se você fosse assediada/o teria coragem de denunciar, justifique sua resposta?***]** Acho que sim, mas ficaria com muito medo.
@Júlia	Não. [*Pergunta realizada - Você acha que a denúncia é necessária, por que?*] Sem a denúncia não é possível ter uma visão real da justiça, ou mobilizar outras pessoas. [*Pergunta realizada - Se você fosse assediada/o teria coragem de denunciar, justifique sua resposta?*] Não, por medo.
@Ariano Grande	Não. [*Pergunta realizada - Você acha que a denúncia é necessária, por que?*] Sim, principalmente para que essas pessoas sejam presas. Para que outrxs não sejam assediadxs. [*Pergunta realizada - Se você fosse assediada/o teria coragem de denunciar, justifique sua resposta?]* Acho que sim, essas pessoas têm que ser punidas.
@Carlos Sloan	Não, nunca. [*Pergunta realizada - Você acha que a denúncia é necessária, por que?*] Sim, obviamente o assediador tem que ser detido. [*Pergunta realizada - Se você fosse assediada/o teria coragem de denunciar, justifique sua resposta?]* Acho que sim, não sei como reagiria.

@Meghan	Sim, já vi mulheres sendo assediadas na rua, quando passou por algum homem, e ouviu essas piadinhas sem graça, sabe? “eita, gostosa”, “aí sim, heim?”, esse tipo pra baixo, mas nunca vi ninguém ser assediado de forma física, com toque na minha frente, mas assédio é assédio, tanto físico quanto verbal. [*Pergunta realizada - Você acha que a denúncia é necessária, por que?*] Sim, com certeza, porque ao denunciar você encoraja outras pessoas a fazerem o mesmo, pois muita gente tem medo de falar, se sentem culpadas (não porque são, mas porque a sociedade machista as fazem acreditar que elas são), mas não são; e também porque essas pessoas precisam parar de fazer isso, não podem mais sair impunes de uma situação dessa, pois ao saírem impunes, eles irão fazer novamente com outra pessoa ou até mesmo com a mesma vítima, então denunciar é preciso e necessário. [*Pergunta realizada - Se você fosse assediada/o teria coragem de denunciar, justifique sua resposta?*] Com a mentalidade que tenho hoje, com certeza denunciaria, porque é péssimo pensar que alguém vai fazer isso e sair impune, como se nada tivesse acontecido.
@Maria do Bairro	Não. [*Pergunta realizada - Você acha que a denúncia é necessária, por que?*] Sim, para não acontecer com outras pessoas. [*Pergunta realizada - Se você fosse assediada/o teria coragem de denunciar, justifique sua resposta?*] Visualizou e não respondeu.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As respostas das/os jovens a respeito da denúncia em casos de assédio foram unânimes, mostrando que as/os mesmas/os compreendem a necessidade e importância que sejam realizadas as denúncias, para que situações constrangedoras e violentas não se repitam com outras pessoas e as/os culpadas/os sejam responsabilizadas/os, porém, quando questionadas/os se denunciariam caso algo acontecesse com elas/es, a maioria das respostas mudaram de direção. @Meghan foi a única que respondeu que realizaria com certeza a denúncia, os meninos @Ariano Grande e @Carlos Sloan responderam que acham que sim. @Júlia declara que não denunciaria e @Lorena diz que sim, mas tanto @Júlia quanto @Lorena sinalizam o medo de realizar a denúncia.

A partir da emergência dessas falas é importante refletir que é no espaço escolar que crianças e jovens estabelecem relações de trocas, afeto, confiança e amizade. É de suma importância que essas/es possuam redes de apoio, uma vez que assediadoras/es e pedófilas/os estão presentes nos diferentes lugares e suas ameaças costumam ter relação direta com o espaço, por exemplo: na internet encontramos ameaças relacionadas à exposição nas redes sociais, em casos de abusos no ambiente familiar é comum nos relatos das vítimas o receio que algo aconteça com pessoas próximas.

Na sequência apresento a segunda categoria de análise, intitulada **Gênero e LGBT+fobia**, que continua apresentando cenas envolvendo as desigualdades de gênero nos diferentes espaços.

6.2 SEGUNDA CATEGORIA ANALÍTICA: GÊNERO E LGBT+FOBIA

Com o objetivo de compreender como as/os jovens visualizam a violência e desrespeito com as pessoas LGBT+, a segunda categoria mostra uma participação maior das/os mesmas/os. Vale destacar que as cenas envolvem episódios de violência mais escancarados, enquanto a primeira categoria apresenta cenas com situações naturalizadas culturalmente, as quais muitas não são consideradas crimes, ou quando são, costuma-se haver uma atribuição de culpa as vítimas. Nessa segunda categoria temos situações que até pouco tempo não eram consideradas crimes ou não eram associadas à orientação sexual das vítimas.

A primeira cena selecionada para essa categoria foi retirada da série *Sex Education* T1:Ep1, na qual Adam (valentão da escola) persegue Eric por ele ser gay. Eric é obrigado a entregar seu lanche todos os dias a Adam, que é filho do diretor da escola. Eric é um rapaz negro de família nigeriana, país que proíbe qualquer demonstração de afeto entre pessoas do mesmo sexo em público.

Figura 17 - Perfil @generoesubjetividades - *Sex Education*. Adam persegue Eric na escola por ele ser gay

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

A cena foi selecionada também porque a perseguição ao personagem tem início na escola, mas Adam o persegue também em outros espaços sociais que ambos frequentam. O personagem Adam só não reproduz tais agressões quando o seu pai (diretor da escola) aparece. Para iniciar a discussão, foi perguntado as/aos jovens o que as/os mesmas/os percebiam, observavam na cena.

Quadro 15 - Cena 5 *Sex Education* T1: Ep1 (2019)

Perfis	***Sex Education* T1: Ep1, tempo 10:40 (2019)** O que você percebeu nessa cena?
@Júlia	Bullying.
@Ariano Grande	Que Adam era louco pra pegar Eric (Obviamente tem um problema de auto aceitação enorme ali).
@Carlos Sloan	Um caso de homofobia.
@Roberta	Um adolescente preconceituoso que usa da violência e intimidação para conseguir o que quer.
@Meghan	Percebo que retrata a realidade de muitos jovens LGBT´s. Nessa cena até que o Adam pegou "leve", pois a realidade vivida por muitos LGBT´s é mais dura, onde são estuprados, espancados ou até mortos, como vemos diariamente nos noticiários. Percebo também que, ao analisar a série como um todo, o Adam meio que tinha medo de ser quem era, de amar quem ele tinha vontade, talvez a liberdade do Eric o incomodasse.
@Maria do Bairro	Um barraco.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Gostaria de pontuar que as falas das/os jovens evidenciam que algo de errado aconteceu na cena, porém somente nas falas de @Carlos Sloan e @Meghan é realizada a associação do crime a orientação sexual e a homofobia, sendo de suma importância essa informação, para que seja possível um posicionamento frente aos acontecimentos. Vale salientar que, por vezes, as violências, abusos e o *bullying* são externados para espaços fora da escola, assim como acontece com o personagem na série. Quando questionadas/os se já havia acontecido algo parecido com as/os mesmas/os na escola, as respostas foram as seguintes:

Quadro 16 - Cena 5 *Sex Education* T1: Ep1 (2019)

Perfis	***Sex Education* T1: Ep1, tempo 10:40 (2019)** Já aconteceu algo parecido com você na escola?
@Júlia	Sim.
@Carlos Sloan	Não que tenha presenciado. Na verdade, lembrei de um caso, onde uma pessoa trans pediu a alguns professores para chamar pelo nome social, mas não foi atendida por todos os professores.
@Roberta	Não. Não que eu tenha presenciado.

@Meghan	Nunca vi baterem ou coagir alguém, mas já vi casos de risadas e piadinhas por alguém ser “afeminado demais”. Então, esses apelidos maldosos e essas piadinhas é bem comum de serem vistos, principalmente nas escolas. O que preocupa é que essas pessoas que fazem essas piadas e utilizam de apelidos pejorativos para se referirem a alguém, são as mesmas que lá na sociedade irão reproduzir atitudes violentas contra essas vítimas.
@Maria do Bairro	Sim, eles ignoram o acontecido.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Gostaria de destacar as falas de @Carlos Sloan e @Meghan. O primeiro, por fazer referência a uma pauta e conquista recente, a Lei nº 17268, de 21 de maio de 2021, no Estado de Pernambuco, que dispõe sobre o uso do nome social nas esferas públicas e privadas. O nome social, já muito utilizado por artistas no cinema e na TV, sofre resistência quanto ao uso por pessoas transexuais e travestis, como é evidenciado na fala do @Carlos Sloan. Apesar de a lei assegurar esse direito, a efetivação ainda é uma pauta desafiadora, seja por falta de informação ou até mesmo por preconceito.

A resposta de @Meghan apresenta uma questão antiga: apelidos, xingamentos e piadas costumam fazer parte do repertório das pessoas que praticam diferentes tipos de violência contra as pessoas LGBT+. Por vezes, esses atos são vendidos como entretenimento, além disso, em muitos casos, a homofobia é ensinada e reforçada na escola e no convívio familiar. Assim, conforme Louro (1997, p. 18), “[...] a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo”. Todavia, “embora a homofobia seja muitas vezes evidente em nossa sociedade, isso não impede que, em inúmeras situações e em distintas idades, meninos e homens constituam grupos extremamente “fechados” e os vivam de forma muito intensa”. Nessa direção, os silenciamentos acontecem e pelos mesmos motivos as pessoas não nomeiam os abusos e violências que acontecem nos diferentes espaços. A fala de @Maria do Bairro não é um caso isolado, pois ignorar e silenciar direitos faz parte da História, seja de forma velada até a mais escancarada.

Quando as/os jovens foram questionadas/os sobre a percepção e presença de várias pessoas na cena e quais seriam os posicionamentos que essas/es esperariam de suas/seus amigas/os, caso algo parecido acontecesse com elas/os, as/os participantes se posicionaram da seguinte forma:

Quadro 17 - Cena 5 *Sex Education* T1: Ep1 (2019)

Perfis	***Sex Education* T1: Ep1, tempo 10:40 (2019)** Você percebeu a presença de outras pessoas (personagens) na cena? Que posicionamento você esperaria de suas/seus amigas/os em uma situação como essa?
@Lorena	Sim e ninguém fez nada para ajudar. [*Pergunta realizada - Se isso acontecesse com você, que posicionamento você esperaria de suas/seus amigas/os?*] Que eles me ajudassem e não ficassem quietos.
@Júlia	Sim. [*Pergunta realizada - Se isso acontecesse com você, que posicionamento você esperaria de suas/seus amigas/os?*] Esperaria apoio; mas, provavelmente não haveria. Eric não é o único aluno gay na escola.
@Ariano Grande	[*Pergunta realizada - Se isso acontecesse com você, que posicionamento você esperaria de suas/seus amigas/os?*] Esperaria apoio, mas uma reunião "pra meter o cassete" nele.
@Carlos Sloan	Sim, a cena transmite a realidade onde pessoas passam por casos parecidos todos os dias e as pessoas tendem a dar a mínima atenção. [*Pergunta realizada - Se isso acontecesse com você, que posicionamento você esperaria de suas/seus amigas/os?*] O mesmo que o meu, apoiar e me ajudar a denunciar.
@Roberta	Sim, e como acontece na vida real também, as pessoas não deram importância. [*Pergunta realizada - Se isso acontecesse com você, que posicionamento você esperaria de suas/seus amigas/os?*] Que me apoiassem e me ajudassem a lidar com o problema.
@Meghan	Sim, mas na maioria das vezes as pessoas têm medo de bater de frente com esses "valentões", pois não querem ouvir algo como: "tá apoiando a bixinha, você também é?" As pessoas têm medo e se fazem de cegas, infelizmente. [*Pergunta realizada - Se isso acontecesse com você, que posicionamento você esperaria de suas/seus amigas/os?*] Olha, no mínimo que me defendessem, se estivessem por perto, e se não estivessem por perto no momento do acontecimento, que me abraçassem e demonstrassem apoio, ou talvez que procurassem ajuda dos dirigentes da escola, mas isso dependendo da escola não surtiria muito efeito, tendo em vista que a maioria das escolas não fazem nada para evitar situações do tipo, mas sem dúvidas o apoio dos amigos é fundamental, pra você ver que não está só, que tem uma segunda família que não te julga por seu jeito e por quem você ama.
@Maria do Bairro	Sim, eles ignoram o acontecido. [*Pergunta realizada - Se isso acontecesse com você, que posicionamento você esperaria de suas/seus amigas/os?*] Bom, esperaria que eles tivessem a mesma atitude que eu teria se acontecesse com eles.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Todas/os pontuaram que esperariam apoio de suas/seus amigas/os, porém @Júlia declara que não encontraria esse apoio. Cabe refletir sobre a importância do apoio, sobretudo em relação as/os jovens que estão se descobrindo e construindo suas identidades, quando essas/es ainda dividem suas moradias com os pais ou responsáveis e dependem financeiramente deles, o que muitas vezes as/os condiciona a representarem uma identidade "aceitável" nesse ambiente, segundo os costumes e ensinamentos cultivados pela família.

A fala de @Ariano Grande retrata o posicionamento de fazer/ter justiça sem o cumprimento da lei, com base em opiniões e convicções próprias, através de vinganças e utilizando-se da violência física, prática historicamente conhecida em duelos e na resolução de desavenças entre as pessoas. As/os jovens notaram a presença de outras pessoas na cena, as quais poderiam falar, interromper, buscar ajuda ou direcionar algum apoio a vítima. Entretanto, ninguém se posicionou contrário ao que acontecia, assim, @Roberta traz em sua fala que essa representação mostra o que acontece na realidade das pessoas.

Duas outras questões foram indagadas as/os estudantes: o que fariam se estivessem na mesma escola que o personagem que sofreu a violência e, se elas/es enxergavam algum outro motivo para o personagem ser vítima de perseguição, uma vez que ele não era o único aluno gay da escola.

Quadro 18 - Cena 5 Sex Education T1: Ep1 (2019)

Perfis	***Sex Education* T1: Ep1, tempo 10:40 (2019)** O que você faria se estivesse na escola do Eric? Você enxerga algum outro motivo para o personagem ser vítima de perseguição do Adam, uma vez que Eric não era o único aluno gay da escola?
@Lorena	Falaria com alguém sobre o que estava acontecendo e perguntaria se ele está bem. [*Pergunta realizada - Você enxerga algum outro motivo para ele ser vítima de perseguição?*] Por ele ser negro.
@Júlia	Procuraria o órgão responsável pela administração da escola. [*Pergunta realizada - Você enxerga algum outro motivo para ele ser vítima de perseguição?*] Uma construção social hierarquizada com fundamentos preconceituosos quanto a cor.
@Ariano Grande	Com toda certeza seria amigo dele. [*Pergunta realizada - Você enxerga algum outro motivo para ele ser vítima de perseguição?*] Sim, por ele ser afeminado.
@Carlos Sloan	Iria conversar com as duas pessoas, a que sofreu a agressão daria força e aconselharia a denunciar, ao agressor, se por algum acaso a pessoa agredida não denunciasse eu mesmo denunciaria à gestão, já que se trata do âmbito escolar. [*Pergunta realizada - Você enxerga algum outro motivo para ele ser vítima de perseguição?]* Talvez por preconceito social.
@Roberta	Tentaria ajudá-lo de alguma forma, buscando ajuda de algum professor ou da direção da escola. [*Pergunta realizada - Você enxerga algum outro motivo para ele ser vítima de perseguição?*] Talvez por ele ser negro, infelizmente ainda têm pessoas racistas na sociedade.
@Meghan	Com certeza eu iria abraçá-lo, acolher e proteger ele, pois como uma jovem que também é LGBT é essencial que nós sejamos unidos e cuidemos uns dos outros, pois é muito triste ver um LGBT, que é praticamente nossa segunda família, sofrer ou ser deixado de lado. A união precisa se manter, pois se nós não nos apoiarmos uns aos outros, não serão os homofóbicos que irão. [*Pergunta realizada - Você enxerga algum outro motivo para ele ser vítima de perseguição?***]** Sim, o jeito dele, ele é mais "afeminado" que os outros, e também é negro, o que de certa forma incomoda muitos, infelizmente, vemos isso mais à frente na série, onde Eric vai a um show todo produzido e sofre várias agressões violentas.

	Então, na minha visão, a liberdade do Eric, a coragem que ele tem de ser quem é, o faz alvo dessas retaliações por parte dessas pessoas.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As falas das/os jovens foram direcionadas ao acolhimento e a busca por ajuda na escola. Gostaria de chamar a atenção para as falas das/os jovens que declararam que o personagem Eric era perseguido por ser negro e afeminado. Essa última característica, por vezes, é "corrigida" e reprimida nas vivências dos meninos gays. Mas, quanto a raça? Como esconder? Como se blindar de possíveis perseguições? Antes de ser julgado por ser gay, Eric é um homem negro que vivia no país de Gales e que trazia em suas vestimentas muito da sua cultura africana.

Quando indago que a cor não seria possível esconder, destaco essa informação não por acreditar que o personagem teria que fazer isso, mas por tal situação remeter ao que autoras e autores, como Stuart Hall, Bell Hooks, Kathryn Woodward e tantas/os outras/os que declaram que as identidades são marcadas pelas diferenças, mas que algumas dessas são vistas como mais importantes que outras, sobretudo quando a diferença não pode ser silenciada. O personagem Eric, em alguns episódios, muda suas vestimentas para roupas mais neutras, sem muitas cores e informações, controla suas expressões e jeito de falar para tornar-se mais discreto. É nessa direção que chamo a atenção para as questões relativas à raça: Eric, mesmo tentando mudar, passou a ser "como todos os outros meninos gays da escola", contudo, continuava negro.

É preciso pontuar o olhar atento das/os jovens para essa questão, pois tanto as/os estudantes negras/os quanto as/os brancas/os conseguiram apontar que existia uma identidade no Eric que gritava e que incomodava mais, que é o fato de o personagem ser negro. Ressalto que as emergências dessas falas são de suma importância, uma vez que ao falar sobre o racismo, os exemplos de discriminação aparecem e costumam ser escancarados com palavras ofensivas, muitas vezes com o que é dito. Todavia, na série, assim como na sociedade a discriminação também acontece de maneiras mais sutis, como a forma de olhar e se comportar na frente da/o outra/o.

Na sequência apresento mais uma cena envolvendo o personagem Eric, que tinha a tradição de vestir-se com roupas e adereços tido como femininos, no seu aniversário, para assistir a um filme com seu melhor amigo no cinema.

Figura 18 - Perfil @generoesubjetividades - *Sex Education*. Eric é agredido por vestir-se com roupas “femininas”

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

O vídeo apresentado conta com poucos personagens e a cena não contava com nenhuma pessoa que pudesse socorrer ou alguém a quem o Eric pudesse pedir ajuda, visto que a situação ocorreu em uma rua com baixa iluminação e circulação de pessoas. Para iniciar as perguntas, depois da exibição do vídeo foi questionado se as/os jovens já presenciaram ou vivenciaram algo parecido, seguindo-se de outras questões, para as quais as/os mesmos fizeram as seguintes declarações:

Quadro 19 - Cena 6 *Sex Education* T1: Ep5 (2019)

Perfis	***Sex education* T1: Ep5 tempo 31:29 (2019)** Você já presenciou ou vivenciou algo parecido? O que você enxerga na cena? O que você faria ao presenciar uma cena como essa?
@Júlia	[*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido? Como foi?*] Não. [*Pergunta realizada - O que você enxerga na cena?*] Que a violência é uma recorrente resposta dos julgamentos que mascaram o preconceito. [*Pergunta realizada - O que você faria ao presenciar uma cena como essa?*] Ligaria para a polícia, pediria ajuda se houvesse alguém por perto.
@Ariano Grande	[*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido? Como foi?*] Não. [*Pergunta realizada - O que você enxerga na cena?*] Uma pessoa sendo agredida por ser quem ela é. [*Pergunta realizada - O que você faria ao presenciar uma cena como essa?*] Tentaria interferir.

@Carlos Sloan	[*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido? Como foi?*] Não. [*Pergunta realizada - O que você enxerga na cena?*] Transfobia. [*Pergunta realizada - O que você faria ao presenciar uma cena como essa?*] Tentaria ajudar a pessoa agredida e chamaria a polícia.
@Roberta	[*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido? Como foi?*] Não. [*Pergunta realizada - O que você enxerga na cena?*] Pessoas preconceituosas, homofóbicas e desumanas, nada justifica a violência, seja ela física ou não. [*Pergunta realizada - O que você faria ao presenciar uma cena como essa?*] Chamaria a polícia, pois agredir uma pessoa é crime, ou tentaria defender Eric como pudesse.
@Meghan	[*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido? Como foi?*] Graças a Deus, não! Nunca vivi ou presenciei uma cena assim. [*Pergunta realizada - O que você enxerga na cena?*] A realidade vivida por vários homens que estão fora do padrão "masculino" vai além da vestimenta, muitos são agredidos ou até mesmo mortos. Porém, serem "afeminadas" (chamamos de afeminado um cara que tem trajetos femininos, sabe?) eu vejo isso assim: se um homem foge que seja um pouco do perfil "viril" que é imposto pela sociedade, e aja de maneira mais parecida com o feminino, é meio como se ele estivesse assumindo um perfil "fraco", pois estará relacionado com o feminino, que de acordo com muitos é "frágil". Então, acabam sofrendo retaliações, se tornam motivos de piada e são constantemente agredidos, por isso que digo que é mais "cômodo" para um homem LGBT ser "machão" do que afeminado, pois estes sofrem mais. [*Pergunta realizada - O que você faria ao presenciar uma cena como essa?***]** Ficaria horrorizada, procuraria ajuda policial e tentaria dar apoio a ele.
@Maria do Bairro	[*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido? Como foi?*] Não. [*Pergunta realizada - O que você enxerga na cena?*] Transfobia. [*Pergunta realizada - O que você faria ao presenciar uma cena como essa?*] Denunciava! Isso é revoltante, é uma ação totalmente sem sentido algum. Já passou da hora de o povo entender que não há erro em amar! Infelizmente, o nosso atual governo influencia atitudes como essas que infelizmente vêm crescendo com o passar dos dias. É horrível saber que pessoas vêm morrendo por serem quem são, isso me revolta de uma forma inexplicável.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Todas/os as/os jovens declararam que não vivenciaram ou presenciaram algo parecido. Ao questionar o que enxergavam na cena, @Maria do Bairro e @Carlos Sloan declararam que a cena retratava um episódio de transfobia. Na série Eric não é trans, mas como a cena apresentou apenas um recorte é compreensível que ambos tenham interpretado dessa forma, uma vez que o personagem estava com roupas, sandálias e maquiagens vistas como femininas, mas tratava-se de uma tradição de aniversário de um rapaz assumidamente gay.

@Maria do Bairro também chama a atenção para uma outra questão, o governo e seus representantes, quando esses ignoram, fecham os olhos e negligenciam a violência contra a comunidade LGBTQIA+. A jovem ainda acrescenta que o atual governo incentiva posicionamentos que desrespeitam a comunidade. Nessa direção, é preciso salientar que além da criação de leis, se faz necessário discutir sobre e assegurar a efetivação delas. Ao descrever o que enxergava na cena, @Roberta apontou para "pessoas preconceituosas, homofóbicas e

desumanas, nada justifica a violência, seja ela física ou não" (@ROBERTA - RESPOSTA ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021).

A fala de @Meghan retrata não só o que acontece com o personagem, que não é preciso ser da comunidade LGBTQIA+ para ser vítima do preconceito, basta não estar nos padrões esperados: "a realidade vivida por vários homens que estão fora do padrão "masculino", vai além da vestimenta, muitos são agredidos ou até mesmo mortos, por serem "afeminadas"" (@MEGHAN - RESPOSTA ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021). Nessa direção, é possível compreender que a agressão sofrida pelo personagem diz respeito a ele ser "afeminado", pois isso incomoda, o ser afeminado grita e salta aos olhos daquelas/es que não respeitam as diferenças. Assim, o que não pode ser contido, silenciado ou escondido é reprimido e ridicularizado na tentativa de diminuir e de anular a existência dessas identidades. As/aos jovens foi questionado o porquê situações como essa ainda acontecem e se o Eric deveria deixar de usar roupas "femininas". As respostas foram as seguintes:

Quadro 20 - Cena 6 *Sex Education* T1: Ep5 (2019)

Perfis	***Sex education* T1: Ep5 tempo 31:29 (2019)** Por que situações como essas acontecem? Você acha que o Eric deveria deixar de usar roupas "femininas"? Por que?
@Júlia	Porque a ignorância em acolher o que nos é dado pronto. É bem mais simples do que tentar conhecer a si. [*Pergunta realizada - Você acha que o Eric deveria deixar de usar roupas "femininas"? Por que?*] Não, a roupa não é a questão em específico, é apenas algo a ser usado como justificativa.
@Ariano Grande	Autoaceitação por parte do agressor. [*Pergunta realizada - Você acha que o Eric deveria deixar de usar roupas "femininas"? Por que?*] Não. De modo algum, não deve. Ele não tem que mudar quem é.
@Carlos Sloan	Por puro preconceito de pessoas idiotas. [*Pergunta realizada - Você acha que o Eric deveria deixar de usar roupas "femininas"? Por que?*] Não, se ele se sente feliz.
@Roberta	Porque infelizmente ainda existem pessoas preconceituosas que semeiam ódio e desrespeito ao próximo. [*Pergunta realizada - Você acha que o Eric deveria deixar de usar roupas "femininas"? Por que?*] Não, ele pode vestir o que quiser e as pessoas devem respeitar isso.
@Meghan	Pelo motivo que mencionei no 2º *story* dessa cena: homens mais femininos ou que se vistam de forma "feminina" são relacionados às mulheres, logo são relacionados a fraqueza e fragilidade, e precisa ser sempre "viril". [*Pergunta realizada - Você acha que o Eric deveria deixar de usar roupas "femininas"? Por que?*] Não, porque se ele se sente bem assim, que mal há? Ele não deveria deixar, porém se deixasse eu iria entender perfeitamente, porque é uma questão de sobrevivência; não deveria ser assim, mas essa é a realidade da nossa sociedade.

@Maria do Bairro	O ódio humano se proliferando igual carrapato. Esse tipo de ação é totalmente inaceitável e ridículo, não entendo como alguém possa sentir e guardar tanto ódio dentro de si, sinceramente não sei. [*Pergunta realizada* - Você *acha que o Eric deveria deixar de usar roupas "femininas"? Por que?*] O corpo é dele! Ele tem é que botar pra jogo mesmo, depois que a gente morre acaba tudo.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As respostas mostram a compreensão das/os jovens a respeito da intolerância e desrespeito com o personagem Eric na cena mostrada. @Roberta e @Carlos Sloan associam a agressão ao preconceito, @Meghan faz referência ao fato de o personagem Eric se assemelhar em suas vestimentas ao feminino e aos estereótipos de frágil e fraca, de modo que os agressores, na condição de "homens-macho", tentam mostrar a virilidade através da força, agredindo o personagem. Nesse sentido, Louro (1997, p. 24) declara que:

> [...] através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerao adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. Ainda que utilizada por muitos/as, essa concepção pode se mostrar redutora ou simplista. Discutir a aprendizagem de papéis masculinos e femininos parece remeter a análise para os indivíduos e para as relações interpessoais.

Quando questionadas/os se o personagem Eric deveria deixar de usar as roupas femininas, todas/os pontuaram que não, uma vez que o Eric fica feliz ao usar as roupas, porém @Meghan declara que compreende que as pessoas deixem de usar, por saber que se trata também de uma questão de sobrevivência. A seguir, apresento uma matéria feita pela repórter Ana Luiza Basílio, do site CartaCapital, publicada no dia 8 de agosto de 2021. Lucas, adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia no *Tiktok*, tira a própria vida.

Figura 19 - Perfil @generoesubjetividades - CartaCapital. Lucas, adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia

Fonte: (CARTA CAPITAL, 2021).

O caso Lucas não é algo isolado e a sua repercussão reforça a necessidade de direcionar os olhos para os crimes que acontecem na internet: as ofensas, discursos de ódio, homofobia e cyberbullying ganham uma projeção e alcance que envolvem pessoas que conhecem e também quem não conhece a vítima. Depois da publicação a respeito, foi questionado o que os perfis da pesquisa enxergavam na matéria e se consideravam as redes sociais perigosas.

Quadro 21 - Matéria Lucas e LGBTFOBIA (2021)

Perfis	**Lucas, adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia no *Tiktok*, tira a própria vida (2021)** O que você enxerga nessa publicação? Você acredita que as redes sociais podem ser perigosas? Por que?
@Júlia	[*Pergunta realizada - Você acredita que as redes sociais podem ser perigosas? Por que?*] Sim, dependendo muito das finalidades com as quais são utilizadas, ela acaba ocupando um espaço muito interligado à vida pessoal e até ao desenvolvimento emocional das pessoas.
@Ariano Grande	Algo muito triste que, infelizmente, continua acontecendo. Pessoas destilando ódio. [*Pergunta realizada - Você acredita que as redes sociais podem ser perigosas? Por que?*] Sim. Há pessoas ruins em todos os lugares, e a internet deu uma plataforma para este ódio.
@Roberta	Que todos podem tornar-se vítimas de pessoas ruins através das redes sociais, que facilita a disseminação de ódio, não só contra a comunidade LGBTQIA+, mas contra todos. [*Pergunta realizada - Você acredita que as redes sociais podem ser perigosas? Por que?*] Sim, porque pessoas ruins podem criar fakes, perseguir, ameaçar e ofender pessoas por trás de uma tela.
@Meghan	Uma notícia muito triste, que reflete muito bem a realidade do que as redes sociais se tornaram, um verdadeiro veneno. [*Pergunta realizada - Você acredita que as redes sociais podem ser perigosas? Por que?*] Com certeza, porque as redes sociais como um todo, abrem portas para que muita gente saia dizendo tudo que bem entende, destinando ódio gratuito, porque as redes trazem a oportunidade que isso ocorra de forma "sigilosa", atrás de um perfil. Eu vejo isso como se as pessoas fossem nas redes o que não têm coragem de ser na vida real, e isso acaba sendo extremamente danoso para todo mundo, digo todo mundo porque, de certa forma, como estamos conectados, estamos também de certa forma suscetíveis a isso, pode ser uma foto, um vídeo, um comentário, compartilhamento, tudo pode se tornar alvo de comentários maldosos, por isso as redes se tornaram perigosas.
@Maria do Bairro	Eu não sei quem foi que inventou de dar celular a crente pra eles criarem conta no *Tiktok*. [*Pergunta realizada - Você acredita que as redes sociais podem ser perigosas? Por que?*] Podem, sim! As pessoas se escondem por um celular ou um fake só pelo prazer de estragar a vida de alguém e ainda dizem que só falaram a verdade.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

A fala de @Roberta lembra que todas/os podem passar por uma situação parecida, independentemente do número de seguidoras/es, idade e gênero é possível encontrar pessoas sendo ridicularizadas nas redes sociais. É preciso destacar que cada rede social apresenta uma indicação de idade mínima para fazer uso dela. O caso Lucas foi resultado da homofobia, mas

assim como outros casos parecidos, um ponto parece central nos ataques que acontecem nas redes sociais, que são os ataques a reputação da/o outra/o, essa mencionada por Recuero (2009) como construída do "eu e o outro" e da relação de ambos. Nessa direção, descredibilizar a reputação da/o outra/o é ferir, desmerecer e diminuir as identidades representadas.

Quando as/os jovens foram questionadas/os se consideram as redes sociais perigosas todas/os pontuaram que sim. @Meghan fala da coragem que muitas/os sentem ao se expressarem e falar o que pensam nas redes sociais. Essa coragem mencionada pela jovem, por vezes, se dá pela criação de perfis *Fakes*, como pontua @Roberta em sua resposta, esses perfis também podem ser usados para "perseguir, ameaçar e ofender pessoas por trás de uma tela". (@ROBERTA - RESPOSTA ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021).

Foi questionado as/aos participantes se já vivenciaram ou presenciaram alguém sendo ofendida/o nas redes e o que deveria acontecer com as pessoas/perfis que usam as redes sociais para ofender ou perseguir outras pessoas. Por fim, foi perguntado as/aos jovens se elas/es já ficaram tristes por conta de algum perfil, e as respostas foram as seguintes:

Quadro 22 - Matéria Lucas e LGBTFOBIA (2021)

Perfis	**Lucas, adolescente vítima do ódio e da LGBTfobia no *Tiktok* tira a própria vida (2021)** Você já vivenciou ou presenciou alguém sendo ofendida/o nas redes? Como foi? Você acha que deveria acontecer algo com as pessoas/ perfis que usam as redes sociais para ofender ou perseguir outras pessoas? Você já ficou triste por conta de pessoas/perfis nas redes sociais?
@Júlia	Apenas esse caso mais recente. [*Pergunta realizada - Você acha que deveria acontecer algo com as pessoas/ perfis que usam as redes sociais para ofender ou perseguir outras pessoas?*] Sim, mais além dos perfis serem bloqueados da plataforma é necessário políticas sociais efetivas fora da internet, uma maior aplicação de leis rígidas quanto à prática desses crimes. [*Pergunta realizada* - Você *já ficou triste por conta de pessoas/perfis nas redes sociais?*] Sim, têm uma série de perfis dedicados a "informar" as pessoas quanto à vida pessoal, principalmente de garotas em questão.
@Ariano Grande	Felizmente, não. [*Pergunta realizada - Você acha que deveria acontecer algo com as pessoas/ perfis que usam as redes sociais para ofender ou perseguir outras pessoas?*] Deveriam ser banidos dessas plataformas. Em casos graves feito este, deveriam ser presos. [*Pergunta realizada - Você já ficou triste por conta de pessoas/perfis nas redes sociais?*] Não me envolvo muito em nenhuma conversa/debates públicos nas redes, além de amigos.
@Roberta	Não com alguém que conheço, mas vejo vários comentários de pessoas ofendendo as outras por nada. [*Pergunta realizada* - Você *acha que deveria acontecer algo com as pessoas/ perfis que usam as redes sociais para ofender ou perseguir outras pessoas?*] Sim, como qualquer outro crime, a justiça deve ser feita, para que as pessoas entendam que o que elas fazem tem consequências. [*Pergunta realizada - Você já ficou triste por conta de pessoas/perfis nas redes sociais?*] Não, nunca recebi nenhum tipo de comentário maldoso.

@Meghan	Nunca sofri algo do tipo, porque tipo eu não costumo me expor muito nas redes, e também não me recordo de ter visto alguém passando por isso, assim no caso pessoas comuns, porque quando se trata de famosos eu já vi bastante isso ocorrer, já virou rotina aqui nas redes. [*Pergunta realizada - Você acha que deveria acontecer algo com as pessoas/ perfis que usam as redes sociais para ofender ou perseguir outras pessoas?*] Com certeza, as pessoas não podem continuar se escondendo atrás de um celular ou um computador, e saindo impune, porque isso dá uma "segurança" para mais pessoas fazerem o mesmo, já que nada é feito. [*Pergunta realizada* - Você *já ficou triste por conta de pessoas/perfis nas redes sociais?*] Sim, muitas vezes, mas sempre com publicações de outras pessoas, stories ou falas que expressaram ódio, crueldade e afins, mas eu deixava de seguir essas pessoas ou perfis quando via isso, mas ficava bem triste, sim.
@Maria do Bairro	Eu sigo uma mulher que é atacada diariamente, mas teve um dia que passaram dos limites para enviarem um "doce" para ela e ele toda feliz foi abrir, mas quando ela abriu era um tolete de merda. [*Pergunta realizada - Você acha que deveria acontecer algo com as pessoas/ perfis que usam as redes sociais para ofender ou perseguir outras pessoas?*] Sim, levar um cacete bom pra pegar reflexo. [*Pergunta realizada - Você já ficou triste por conta de pessoas/perfis nas redes sociais?*] Não.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Elas/es pontuaram que não vivenciaram ou presenciaram casos próximos, mas que já viram situações, sobretudo com pessoas com maior alcance midiático. Gostaria de destacar a fala de @Júlia, quando questionada sobre se deveria acontecer algo com as pessoas que usam as redes sociais para ofender ou perseguir outras pessoas, a jovem declarou que "sim, mas além dos perfis serem bloqueados da plataforma é necessário política sociais efetivas fora da internet, uma maior aplicação de leis rígidas quanto a prática desses crimes" (@JÚLIA - RESPOSTA ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021).

Assim como @Júlia, todos os perfis acreditam que as pessoas precisam responder legalmente pelas ações que acontecem nas redes sociais. @Meghan volta a mencionar que pessoas se escondem atrás das telas por acreditarem que sairão impunes das ações tomadas nas redes sociais. @Ariano Grande fala sobre essas pessoas perderem o acesso e serem banidas das contas e perfis, algo já visto e que já aconteceu com grandes perfis do *Instagram*, como de outras redes sociais. Porém, os crimes que acontecem nas redes sociais ainda são pouco mencionados e discutidos com o grande público.

Na sequência apresento mais um crime envolvendo a orientação sexual, reputação, imagem e identidade pública de uma mulher. A série escolhida foi "As telefonistas" T4:Ep1, em que uma mulher lésbica é apontada como a possível vencedora da eleição à prefeitura de Madrid, mas a oposição ameaça divulgar fotos íntimas da candidata com outra mulher.

Figura 20 - Perfil @generoesubjetividades - As Telefonistas. Oposição ameaça divulgar fotos íntimas de Carlota, candidata à prefeitura de Madrid

Fonte: (INSTAGRAM, 2022)

Depois da exibição do vídeo, foi perguntado as/aos jovens o que enxergavam na cena, de modo que todas/os conseguiram fazer uma leitura do que estava sendo retratado, como é possível observar nas respostas abaixo:

Quadro 23 - Cena 7 As Telefonistas T4: Ep1 (2019)

Perfis	**As telefonistas T4: Ep1 tempo 13:54 (2019)** O que você enxerga nessa cena?
@Júlia	Pretensiosos que buscam silenciar e invadir a diversidade de gênero. Com base em uma sociedade altamente preconceituosa e machista, com intuitos morais que legitima, portanto, ataques às mulheres, independente do contexto em que está inserida, violência política e moral, com base na ideia de que há a predominância de um gênero.
@Ariano Grande	Uma pessoa sendo ameaçada a ser exposta para uma sociedade preconceituosa.
@Roberta	Um homem sem caráter, fraco, que precisa ameaçar uma mulher para conquistar o que quer.
@Meghan	A tentativa de apagar uma mulher usando sua orientação sexual contra ela.
@Maria do Bairro	Merecem uma pisa de correia de sofá. Machismo, né? esses machos não suportam ver uma mulher no poder! viu não o que aconteceu com a Dilma?!

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Os perfis observaram que a cena é o reflexo de uma sociedade machista, onde uma mulher recebe ameaças não só por ser mulher e por sua orientação sexual, mas por ser a principal candidata à prefeitura da capital de um importante país europeu, “tirando o cargo” de um homem, que não aceita perder para uma mulher jovem e sem história na política como ele.

Destaco a fala de @Maria do Bairro, que declara que “[...] esses machos não suportam ver uma mulher no poder!” (@MARIA DO BAIRRO - RESPOSTA ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021). A história política do Brasil conta apenas com uma mulher que chegou à presidência do país, essa que teve sua imagem depreciada e ridicularizada, sobretudo, em sua saída da presidência. Mesmo com a obrigatoriedade mínima de 30% de cada sexo nas campanhas eleitorais, as mulheres ainda são minorias em representação na esfera política e as perseguições retratadas na cena em *As telefonistas*, que retrata os anos de 1931, ainda acontecem nos dias atuais.

Ao serem questionadas/os se já vivenciaram ou presenciaram algo parecido, @Ariano Grande, @Meghan e @Maria do Bairro declararam que escondem suas orientações sexuais, como é possível observar abaixo:

Quadro 24 - Cena 7 As Telefonistas T4: Ep1 (2019)

Perfis	**As telefonistas T4: Ep1 tempo 13:54 (2019)** Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?
@Júlia	Sim, a sociedade oferece quase que nenhum apoio, o que acaba perturbando a busca por aceitação e tornando um alvo aos ataques sociais, tanto físicos, quanto emocionais.
@Ariano Grande	[*Pergunta realizada -Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?]* Escondi minha sexualidade da minha família. Apesar de agora ser assumido para boa parte da minha família, ainda tenho que esconder do meu pai. Visando minha segurança, faço isso.
@Roberta	Sim, algumas pessoas que conheço tinham medo do que as pessoas pensariam, principalmente a família.
@Meghan	[*Pergunta realizada -Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?]* Oxi, todo dia kkk eu escondo minha orientação sexual, porque sei que se todo mundo souber, incluindo meus pais, eu não terei um teto para dormir e os outros não me verão como antes, vou ser colocada num lugar de “ovelha negra”, eu não me importaria se eu tivesse uma estabilidade financeira, até porque eu me orgulho de quem eu sou, mas por enquanto mantenho isso em segredo, poucos sabem disso. E tipo, isso que aconteceu na cena é muito comum com membros da comunidade LGBT, porque assim, tem empregos que se eles descobrem que você é, eles não te darão a vaga, então infelizmente muitos de nós precisamos esconder isso, como uma forma de sobrevivência mesmo.

@Maria do Bairro	Pouca gente sabe, mas eu não sou hétero (...). Eu não me rotulo e não é algo que eu fico dizendo ou demostrando (...) pouquíssima gente sabe (...), é mais por medo. Sempre que perguntam eu nego, é algo que eu fugi muito e converso muito com meu namorado sobre isso, mas enfim. Eu nunca falo sobre, assim como também não falo sobre outras coisas que me aconteceram na infância. Eu nunca falo.

Fonte: A Autora - dados do perfil @generoesubjetividades.

Gostaria de destacar a fala de @Meghan, por apontar uma questão que atravessa a vida de muitas pessoas LGBT+: “se todo mundo souber, incluindo meus pais, eu não terei um teto para dormir e os outros não me verão como antes, vou ser colocada num lugar de “ovelha negra”” (@MEGHAN- RESPOSTA ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021). A fala de @Meghan é o reflexo da realidade de muitas/os outras/os jovens que passam a adolescência silenciando suas identidades, em busca da autonomia financeira para poder assumir essas identidades. Através da fala de @Meghan é possível compreender as leituras e opiniões que a jovem expressa ao olhar para os personagens, quando a mesma diz - eu entendo, é uma questão de sobrevivência, pois como pontua Louro (2000, p. 21):

> As coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia.

Fazendo uso das palavras da autora - as coisas se complicam quando não atendem os padrões e expectativas do outro. As/os jovens ainda mencionam outros pontos, como agressões físicas e o receio de não conseguir emprego por conta da orientação sexual. @Maria do Bairro fala que tem medo de que as pessoas saibam, que nega quando questionada e que prefere não falar muito sobre o assunto.

Na sequência apresento a terceira e última categoria, intitulada “Gênero na escola”, que visa discutir situações envolvendo as questões de gênero dentro do ambiente escolar, buscando refletir sobre as visões das/os jovens a respeito das situações e como as/os mesmas/os enxergam e gostariam que as situações fossem tratadas e direcionadas nesse espaço.

6.3 TERCEIRA CATEGORIA ANALÍTICA: GÊNERO NA ESCOLA

Essa terceira categoria teve como objetivo identificar, a partir dos olhares das/os jovens, os enunciados de gênero que emergem no artefato cultural *Instagram* e sua relação com os enunciados presentes na escola. Essa categoria foi pensada para a discussão, uma vez que a

escola se configura enquanto espaço educativo obrigatório, onde crianças e jovens passam mais tempo.

A cena a seguir mostra um pai viúvo que perdeu sua esposa devido a complicações no parto de sua filha. Matthew cria sua filha sozinha em meio aos palpites das duas avós na criação. Porém, o pai costuma respeitar as escolhas e opiniões da filha, essas que causam algumas complicações, sobretudo quando a menina começa a frequentar a escola. No Filme Paternidade (2021), Maddy vai para escola de calça e os coleguinhas riem da menina ao falarem que "calça é para meninos".

Figura 21 - Perfil @generoesubjetividades - Filme Paternidade (2021). Maddy vai para escola de calça

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

Os uniformes estão presentes nos mais variados espaços, por vezes ele é utilizado para classificar, dividir e categorizar grupos. Quando perguntado o que as/os jovens enxergavam na cena apresentada, as respostas foram as seguintes:

Quadro 25- Cena 8 filme Paternidade (2021)

Perfis	**Filme Paternidade (2021) tempo 55:28.** O que você enxerga na cena apresentada?
@Júlia	Imposição social de costumes morais e os mais vulneráveis, desigualdade de gênero.
@Ariano Grande	Uma criança sendo criança e, mesmo assim, começando a ser censurada.

@Carlos Sloan	Um caso de machismo.
@Roberta	Um problema, não existe isso de que menina deve usar saia e menino calças, totalmente ultrapassado.
@Meghan	Enxergo o clássico pensamento retrógrado de que toda menina precisa e deve ser feminina, e de como se você fugir desse padrão, certamente será excluída, motivo de piada ou comentários maldosos e também a questão de que o aluno quanto aluno não pode ir para escola como se sente melhor.
@Maria do Bairro	Machismo.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Destaco o quanto todas/os conseguem retratar um pouco do que acontece na cena, com destaque para o aprofundamento das respostas de @Júlia e @Meghan, ao sinalizar a exclusão, comentários e associações feitas através de pensamentos enraizados e ultrapassados, que ainda fazem parte do vocabulário e do cotidiano de muitas/os, condicionando pessoas a usarem roupas que as/os desagradam, que as deixam desconfortáveis e em situações de exclusão e constrangimento. Chamo a atenção para o fato de as leituras mais aprofundadas da cena serem de duas mulheres. As mulheres, que durante anos não puderam usar calças, que não podiam deixar partes de seus corpos à mostra, que historicamente foram e são cobradas pela aparência e vestimentas.

Enfatizo ainda a observação de @Ariano Grande, que pontua a censura dirigida às crianças, essas que antes mesmo de nascerem são personagens do "chá-revelação", que recebem um nome com pronome relativo a esse sexo, assim como um emaranhado de escolhas e expectativas atribuídas a ela. Quando questionadas/os sobre o que as/os jovens pensam sobre as escolas que determinam uniformes específicos para meninas e meninos e se as/os mesmas/os já presenciaram uma situação parecida com a da cena, as/os mesmas/os se mostraram contrárias/os ao uso de uniformes específicos para cada gênero. Nessa direção, as/os participantes apresentaram as seguintes respostas:

Quadro 26 - Cena 8 filme Paternidade (2021)

Perfis	**Filme Paternidade (2021) tempo 55:28.** O que você pensa sobre escolas que adotam uniformes diferentes para meninas e meninos? Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?
@Júlia	Em tese, deveria ser uma tentativa de diminuir o contraste da diferença social, porém acaba por vez tornando um apelo político, além de mascarar a realidade que realmente precisa de políticas práticas. [*Pergunta realizada - Você já presenciou uma cena parecida?*] Sim.

@Ariano Grande	Na perspectiva de que roupa não tem gênero, não vejo necessidade. [*Pergunta realizada - Você já presenciou uma cena parecida?]* Não.
@Carlos Sloan	Acho um absurdo. [*Pergunta realizada - Você já presenciou uma cena parecida?*] Sim, só que com o corte de cabelo, tanto com os outros, tanto comigo.
@Roberta	Totalmente arcaicas, cada um deveria ter o direito de vestir o que quiser, o que o faz sentir melhor. [*Pergunta realizada - Você já presenciou uma cena parecida?*] Não na escola, mas crescemos ouvindo que não podemos usar certas roupas porque elas não são femininas.
@Meghan	Acho algo retrógrado, pois se você observar é assim desde que as escolas existem, e mesmo o mundo e a sociedade terem evoluído, essa "regra" ainda permanece, faz sentido? Não rsrsrs. E também porque acho que a escola exige que você desenvolva habilidades individuais, porém não lhe permite que expresse a sua maneira individual de ser. Essa história dá muito pano pra manga. [*Pergunta realizada - Você já presenciou uma cena parecida?*] Não, até porque as pessoas daqui têm medo de expressarem-se e, de certa forma, quebrar esse tabu e essa regra.
@Maria do Bairro	[*Pergunta realizada - Você já presenciou uma cena parecida?*] Sim, quando eu era criança.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As falas acima mostram que o principal problema não é o uso do uniforme, mas as imposições e situações constrangedoras que a quebra das regras pode vir a ocasionar, podendo colocar as pessoas em situações vexatórias e desnecessárias.

Gostaria de destacar a fala da @Júlia, que enxerga nos uniformes uma tentativa de mascarar uma realidade, sobretudo quando as/os envolvidas/os não estão em condição de igualdade socioeconômica e não seria uma roupa que as/os coloca nessa mesma posição. A observação da jovem chama a atenção, pois as palavras dela são um convite a refletir sobre como o uso das fardas pode obrigar pessoas, não somente a usarem vestimentas que não as representam, mas também o que essas fardas escondem? Uma repulsa ao diferente, uma justificativa para enquadrar pessoas em caixinhas? A reprodução de uma lógica binária, que foi naturalizada sem alterações devido à ausência de questionamentos ou informações sobre os diferentes tipos de corpos e gênero?

Tais questões são importantes, uma vez que quase todas as pessoas que participaram da pesquisa pontuaram que já presenciaram uma cena parecida, ou seja, pessoas passaram pelo constrangimento de não se identificarem, de não se reconhecerem, de sentir-se obrigada/o a se enquadrar dentro das normas e vestimentas que são atribuídas ao gênero e as correspondências do mesmo, esperadas pela sociedade em relação a/ao outra/o.

Nesse sentido, foi questionado as/aos jovens o que elas/es fariam se algo parecido acontecesse na escola onde estudam e, se as/os mesmos já se sentiram julgadas/os no ambiente escolar por suas vestimentas. As respostas foram as seguintes:

Quadro 27 - Cena 8 filme Paternidade (2021)

Perfis	**Filme Paternidade (2021) tempo 55:28.** Se isso acontecesse na sua escola, o que você faria? Você já se sentiu julgada/o no ambiente escolar por conta da roupa que usava?
@Júlia	Não sei. [*Pergunta realizada - Você já se sentiu julgada/o no ambiente escolar por conta da roupa que usava?*] Sim.
@Ariano Grande	Tentaria demonstrar apoio. [*Pergunta realizada - Você já se sentiu julgada/o no ambiente escolar por conta da roupa que usava?*] Não.
@Carlos Sloan	Não sei, quando ocorre comigo, às vezes, ainda não sei lidar, não sei o que dizer a uma pessoa que acha que o cabelo define […]. [*Pergunta realizada* - Você *já se sentiu julgada/o no ambiente escolar por conta da roupa que usava?*] Não, por conta da roupa, não.
@Roberta	Iria de calça também, mesmo sendo uma garota, para mostrar que tenho o direito de usar o que me faz bem. [*Pergunta realizada - Você já se sentiu julgada/o no ambiente escolar por conta da roupa que usava?*] Não.
@Meghan	Com certeza, se fosse uma roupa okay, eu apoiaria a pessoa claro. Liberdade sempre, mas ficaria surpresa em ver algo assim aqui na região. [*Pergunta realizada - Você já se sentiu julgada/o no ambiente escolar por conta da roupa que usava?*] Não exatamente julgada, mas observada com olhares maldosos por parte de alguns caras, nunca mulheres como sempre, e isso aconteceu mesmo eu estando de calça.
@Maria do Bairro	Barraco. [*Pergunta realizada - Você já se sentiu julgada/o no ambiente escolar por conta da roupa que usava?*] Sim.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Chamo a atenção para a fala de @Carlos Sloan, ao declarar que até os dias atuais não sabe como reagir. A fala do jovem é importante, pois, ter a compreensão de episódios de violência, assédio, machismo, racismo não assegura que a vítima conseguirá reagir do modo que a própria considera adequado para a situação. Vale destacar que algumas situações podem acionar gatilhos ou tornarem-se recorrentes nas experiências das vítimas e, por vezes, as mesmas escolhem ou são condicionadas a não agir, sobretudo porque em qualquer uma das situações mencionadas, tomar uma atitude pode resultar em uma maior exposição e constrangimento.

Outro ponto importante emergiu da fala de @Meghan: "[...] se fosse uma roupa okay, eu apoiaria a pessoa claro. [...], mas observada com olhares maldosos por parte de alguns caras, nunca mulheres como sempre, e isso aconteceu mesmo eu estando de calça" (@MEGHAN - RESPOSTA ao @GENEROSESUBJETIVIDADES, 2021). O que seria uma roupa okay? A fala de @Meghan aponta que existiria uma roupa adequada para frequentar a escola. Tal questão pode ser problematizada, sobretudo, quando a roupa é apontada como justificativa para a ação desrespeitosa e violenta da/o outra/o, sendo essa roupa muito problematizada em casos de

estupro. As mulheres são questionadas sobre roupas adequadas para cada ambiente, cada pessoa e classe social e, por vezes, essas são apontadas e diminuídas por suas vestimentas.

Continuando com as observações das/os jovens sobre a cena, foi questionado as mesmas/os se algum menino já foi de saia para a escola a qual estudam e o que pensam a respeito disso.

Quadro 28 - Cena 8 filme Paternidade (2021)

Perfis	**Filme Paternidade (2021) tempo 55:28.** Algum menino já foi de saia para a sua escola, o que pensa a respeito?
@Júlia	Sim. Fico feliz em ver que mesmo que seja lentamente, está havendo a desconstrução que nos foi imposta.
@Ariano Grande	Creio que não, mas seria incrível. Entretanto, eu ficaria preocupado quanto a segurança dele.
@Carlos Sloan	Já, achei incrível, mas percebi que os gestores não estavam gostando muito.
@Roberta	Não. Cada um deve vestir o que o faz se sentir bem.
@Meghan	Nunca. Se acontecesse eu iria achar massa, finalmente alguém tendo coragem de se expressar.
@Maria do Bairro	Não.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

@Júlia e @Carlos Sloan pontuaram que já presenciaram a cena e a enxergaram como algo feliz e incrível. @Ariano Grande e @Meghan, apesar de não terem presenciado, manifestaram em suas falas o quão seria interessante se cenas como essa acontecessem. Essa última pontua que é preciso ter coragem para atravessar, para desafiar as normas e regras impostas socialmente.

Considerando o histórico de violência e associação feita por muitas/os erroneamente entre estereótipos de gênero e orientação sexual, é preciso mais que coragem para um menino vestir uma saia em um país como o Brasil, se faz necessária a garantia de direitos e uma educação voltada para a compreensão das diferentes identidades, corpos e representações. É possível que mesmo com tudo isso olhares e faces ainda evidenciem a desaprovação, como pontua @Carlos Sloan ao declarar que aparentemente os gestores da escola não gostaram de ver um garoto de saia. Nessa direção, apresento as palavras de Bento (2011, p. 555):

> Para se compreenderem os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e

> invisibilizados, qual a sexualidade construída como “normal” e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social. Essas questões não podem ser respondidas exclusivamente nos limites da escola. Há um projeto social, uma engenharia de produção de corpos normais, que extrapola os muros da escola, mas que encontrará nesse espaço um terreno fértil de disseminação.

Diante da fala da autora é possível compreender que as pessoas presentes no ambiente escolar estão atravessadas por outros espaços e formações, enquanto @Júlia, @Carlos, @Ariano Grande e @Meghan manifestam o desejo que as diferenças sejam vistas com leveza, há aquelas/es que olham com estranheza, como os gestores mencionados por @Carlos.

A seguir, apresento uma cena da série *Riverdale* T1: Ep3. No trecho escolhido, Ethel revela as amigas que ajudou Chuck em uma atividade da escola e ele espalhou para todas/os que teve relações sexuais com ela. Ethel fala às amigas que Chuck e mais 4 meninos guardam um caderno com nomes e notas atribuídas as meninas que supostamente eles teriam ficado (se relacionado).

Figura 22 - Perfil @generoesubjetividades - *Riverdale*. Ethel diz as amigas que Chuck espalhou na escola que teve relações sexuais com ela

Fonte: (INSTAGRAM, 2022).

Depois da exibição do vídeo, o primeiro questionamento as/aos jovens foi o que as/os mesmas/os enxergavam no trecho selecionado e se elas/es já vivenciaram ou presenciaram algo parecido no espaço escolar. Por fim, se as/os jovens acreditam que a escola deveria fazer algo a respeito. As respostas podem ser observadas na sequência:

Quadro 29 - *Riverdale* T1: EP3 (2017)

Perfis	***Riverdale* T1: Ep3 (2017)** O que você enxerga nessa cena? Você já vivenciou ou viu algo parecido em sua escola, como foi? O que a escola deveria fazer?
@Ariano Grande	Mulheres apoiando outras mulheres. [*Pergunta realizada - Você já vivenciou ou viu algo parecido em sua escola, como foi?*] Não. [*Pergunta realizada - O que a escola deveria fazer?*] Primeiramente, acreditar na história que a mulher está falando. Apoia-la e buscar "repreender".
@Carlos Sloan	Mais um caso de machismo. [*Pergunta realizada* - Você já vivenciou ou viu algo parecido em sua escola, como foi?] Não, nunca. [*Pergunta realizada - O que a escola deveria fazer?*] Punir os alunos responsáveis.
@Roberta	[*Pergunta realizada - Você já vivenciou ou viu algo parecido em sua escola, como foi?*] Já ouvi garotos conversando sobre meninas que já se envolveram, só para poder se exibir para os outros. [*Pergunta realizada - O que a escola deveria fazer?*] Tomar uma atitude severa com esses alunos, expulsão seria o mínimo para eles.
@Meghan	Acho que talvez um apoio que ela estava recebendo, um ato de coragem por estar falando sobre um assunto que, com certeza, deve machucar muito ela. [*Pergunta realizada - Você já vivenciou ou viu algo parecido em sua escola, como foi?*] Nunca vivenciei algo do tipo, graças a Deus, o máximo que presenciei foi quando ouvi uma conversa de uns meninos, no qual um deles falou "peguei ela ontem" "vou pegar fulana amanhã". O mais interessante era a forma que eles comentavam, como se fosse um prêmio, um troféu. [*Pergunta realizada* - O *que a escola deveria fazer?*] Conversar com o meliante, falar com os pais dele e, acima de tudo, dar apoio a menina, porque isso deve ser horrível.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

Gostaria de destacar as falas de @Ariano Grande e @Meghan, que mostram preocupação em acolher e apoiar a jovem que sofreu com a situação em questão. Todas/os são categóricas/os ao pontuar que a escola precisa fazer algo a respeito e manifestam a necessidade de reprimir o aluno; @Roberta fala até em expulsão. Vale ressaltar que talvez a expulsão não resolvesse a situação e que ela voltasse a se repetir com outras meninas, além de talvez colocar as vítimas em evidência. @Meghan é a única que aponta a conversa como uma alternativa, não só com o principal envolvido na ação, mas com todas/os que ouviam as histórias e o caderno com os nomes das meninas e não fizeram ou falavam nada para a equipe pedagógica da escola.

Às/aos jovens ainda foram questionadas/os sobre o que elas/es fariam se essa situação acontecesse com elas/es, se buscariam ajuda na escola, o que pensam a respeito do caderno que os meninos atribuíam notas às meninas e o que fariam se encontrassem o caderno?

Quadro 30 - *Riverdale* T1: EP3 (2017)

Perfis	***Riverdale* T1: Ep3 (2017)** O que você faria se fosse com você? Você buscaria ajuda na escola? O que você pensa a respeito do caderno que os meninos atribuíam notas às meninas? O que você faria se encontrasse o caderno?
@Ariano Grande	[*Pergunta realizada - Você buscaria ajuda na escola?*] Acho que sim. [*Pergunta realizada - O que você pensa a respeito do caderno que os meninos atribuíam notas às meninas? O que você faria se encontrasse o caderno?*] É imoral, nojento. Faria cópias, caso a direção não resolvesse, entregaria às vítimas.
@Carlos Sloan	Não sei, talvez não sei se a escola ia dar atenção. [*Pergunta realizada - O que você pensa a respeito do caderno que os meninos atribuíam notas às meninas? O que você faria se encontrasse o caderno?*] Acho ridículo, uma atitude idiota, levaria a equipe gestora para tomarem medidas cabíveis.
@Roberta	Não só da escola, mas de forma também, esse é o tipo de assunto que se envolve a justiça. [*Pergunta realizada - O que você pensa a respeito do caderno que os meninos atribuíam notas às meninas? O que você faria se encontrasse o caderno?*] Colocaria esse caderno nas mãos de alguém que fizesse justiça por cada menina que tivesse seu nome nele.
@Meghan	Não consigo nem imaginar, sabe? Mas, acho que eu me sentiria péssima, primeiro porque seria uma menina, e segundo que mesmo se fosse verdade, ele não teria o direito de sair por aí espalhando algo tão íntimo meu. Olha, acredito que eu não buscaria ajuda na escola, porque eu teria vergonha e talvez não acreditassem em mim, mas se eles ficassem sabendo do fato e viesse me procurar, eu falaria, mas para ir atrás deles, acho que eu não iria. [*Pergunta realizada - O que você pensa a respeito do caderno que os meninos atribuíam notas às meninas? O que você faria se encontrasse o caderno?*] Acho mais radioativo que Chernobyl, porque é como se eles colocassem as meninas como objetos, como se usassem, avaliassem e classificassem uma mulher como uma nota, mano? Mulheres não são um produto que você usa e dá sua avaliação. Se eu o encontrasse eu acho que eu o queimaria, ou talvez levaria até a direção da escola, pra ter uma prova contra eles, mas jamais iria expor ou deixar que alguém o publicasse ou o divulgasse, em respeito aos nomes que estão no caderno.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As falas de @Ariano Grande, @Carlos Sloan e @Meghan deixam claro que elas/es não sabem se buscariam ajuda na escola. Enquanto @Carlos Sloan afirma que talvez não fosse dada a atenção ao caso, @Meghan declara que talvez não acreditassem nela. A fala de ambos chama muito a atenção, uma vez que a escola deveria ser um lugar seguro e de confiança para as/os alunas/os. Uma vez que essas/es não sentem segurança para compartilhar situações como essa é preocupante, pois nesse momento foi questionado uma situação hipotética, mas se fosse um fato? Esse seria silenciado? Os jovens sofreriam as consequências e dores caladas/os por não confiarem na escola?

Na sequência apresento mais uma cena que acontece dentro do espaço escolar. A série escolhida foi *Sex Education* T1:Ep5. Para proteger a identidade de Ruby, que teve uma foto

íntima divulgada entre as/os colegas da escola, as/os meninas/os manifestam apoio, declarando que a imagem é delas/es. Depois da exibição do vídeo foi questionado as/aos jovens o que essas/es enxergaram na cena e se as/os mesmas/os já presenciaram ou vivenciaram algo parecido. As respostas podem ser observadas na sequência.

Quadro 31 - *Sex Education* T1: EP5 (2019)

Perfis	***Sex Education* T1: Ep5 tempo 43:20 (2019)** O que você enxerga nessa cena? Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?
@Júlia	Respeito entre mulheres. [*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?*] Não.
@Ariano Grande	Mulheres apoiando outras mulheres. [*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?*] Não.
@Carlos Sloan	Sororidade. [*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?*] Não, nunca.
@Meghan	Uma tentativa de ridicularização por parte dos alunos da escola com a menina que teve a foto íntima vazada, mas que foi vencida pela sororidade feminina, ou seja, a união entre as meninas, em prol da que teve a foto vazada. Uma cena lindíssima, pois mostra como é lindo quando mulheres se unem em prol de outra. [*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?*] Não, nunca vivenciei ou presenciei algo assim. Ah, como eu pude esquecer, eu lembrei agora kkk já presenciei algo assim, porém não teve um final tão bonito quanto na cena, uma amiga minha, que estuda em outra escola teve um vídeo íntimo com o namorado vazado, e ela virou motivo de piada, passou meses sem conseguir pisar na escola, eu só soube disso meses depois do ocorrido, mas ela ficou conhecida como "a menina do vídeo" lá na escola dela, ela não teve esse apoio, sabe? E não tiveram essa sororidade feminina com ela. Foi bem pesado esse acontecimento, se eu tivesse sabido na época, eu teria dado apoio a ela, na prática é raro vermos essa união toda em prol de uma mulher, principalmente se ela tem um vídeo ou foto íntima vazada, infelizmente a pessoa passa a ser motivo de piadas e comentários maldosos durante meses, até que esqueçam, e mesmo assim é bem difícil esquecerem totalmente de acontecimentos assim, a pessoa fica meio que "marcada", sabe?
@Maria do Bairro	Lindo, amei. [*Pergunta realizada - Você já presenciou ou vivenciou algo parecido?*] Já vi uma menina postando no Facebook e dizendo que não era ela (...). Teve uma amiga minha que mandou e outra menina começou a falar de mandar a outra menina começou a falar dela (...). Foi uma confusão da peste.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As/os jovens observaram que a cena apresenta meninas apoiando uma colega que teve uma foto íntima divulgada, de modo que todas as meninas declararam ser a pessoa que aparecia na imagem para proteger a identidade da personagem. Mencionaram o respeito, apoio, união e sororidade entre as mulheres. Quando perguntado se as/os jovens já presenciaram algo parecido, @Meghan e @Maria do Bairro mencionaram que já tiveram conhecimento de situações parecidas, porém com finais ruins para as vítimas. No caso da cena exibida, circulou uma foto

na escola em que aparecia as partes íntimas de uma jovem, porém o rosto da mesma não aparecia na imagem, o que contribuiu na cena para que todas as meninas pudessem assumir a identidade em questão. No entanto, quando a identidade, isto é, o rosto da vítima é exposto, quando histórias como essa ganham nomes e rostos, a vítima costuma ser atacada.

Na cena exibida, as meninas pareciam ser as únicas incomodadas com o autor do crime, enquanto o diretor da escola queria descobrir o nome da menina que aparecia na foto e a expor ainda mais na frente das/os colegas. As/aos jovens foi perguntado o que elas/es acharam da postura do diretor e das/os colegas da escola, além de questionamento sobre o que fariam se isso acontecesse com elas/es, e as opiniões foram as seguintes:

Quadro 32 - *Sex Education* T1: EP5 (2019)

Perfis	***Sex Education* T1: Ep5 tempo 43:20 (2019)** O que você acha da postura do diretor? Se isso acontecesse com você, o que você faria? O que você acha da postura das/os colegas?
@Júlia	Tentativa de impor "ordem" aos estudantes, mas ouvir e tentar um consenso talvez seja mais viável. [*Pergunta realizada* - Se *isso acontecesse com você, o que você faria?*] Não sei. [*Pergunta realizada - O que você acha da postura das/os colegas?*] Algo louvável, coloca fim na ideia de que as mulheres devem competir entre si.
@Ariano Grande	Completamente errônea. [*Pergunta realizada - Se isso acontecesse com você, o que você faria?*] É um cenário tão delicado, mas creio que buscaria apoio. [*Pergunta realizada - O que você acha da postura das/os colegas?*] Necessária.
@Carlos Sloan	Errada, pois só fez envergonhar mais a pessoa. [*Pergunta realizada* - Se *isso acontecesse com você, o que você faria?*] Não faço a menor ideia. [*Pergunta realizada - O que você acha da postura das/os colegas?*] Perfeita.
@Meghan	[*Pergunta realizada* - Se *isso acontecesse com você, o que você faria?*] Ficaria péssima, acho que morreria de vergonha, principalmente se não tivesse o apoio da escola e virasse motivo de piada, mas se tivesse o apoio como aconteceu na cena, eu ficaria mal claro, mas acho que seria menos doloroso pra mim. [*Pergunta realizada - O que você acha da postura das/os colegas?*] Da parte dos colegas que riram eu acho uma postura péssima, afinal qualquer um está sujeito a ter uma foto vazada, e quando isso acontece não deveria ser um motivo pra chacota. Agora, em relação a postura das meninas que apoiaram ela, eu achei uma postura tão linda, foi acolhedor, empático, perfeito, imagina só como ela não deve ter se sentido acolhida por elas?! Enfim, a sororidade feminina é algo de se encher os olhos de orgulho.

Fonte: A Autora (2022) - dados do perfil @generoesubjetividades.

As/os jovens consideraram a atitude do diretor errônea, sobretudo pela falta de apoio do mesmo, que estava mais preocupado em saber quem era a jovem que aparecia na foto, que responsabilizar o rapaz pela ação. @Carlos Sloan declara que a postura do diretor só envergonharia ainda mais a jovem que teve a imagem divulgada. Quando questionado o que

as/os jovens fariam se isso acontecesse com as/os mesmas/os, @Júlia e @Carlos Sloan declaram que não saberiam o que fazer, enquanto @Ariano Grande diz que buscaria apoio.

Quando perguntado o que achavam da postura das/os colegas, @Júlia chama a atenção para o apoio entre as mulheres, uma vez que essas, por vezes, aparecem competindo umas com as outras. @Meghan destaca a sororidade feminina e a importância da atitude das estudantes para que a vítima se sentisse acolhida. Na sequência apresento uma breve reflexão e consideração a respeito do que foi encontrado em campo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para esta pesquisa parti do pressuposto de que a expansão das redes sociais vem produzindo novos lugares de aprendizagem. Esses espaços são compreendidos enquanto uma pedagogia cultural, onde as relações de gênero podem ser problematizadas, a partir de maneiras outras de acesso, produção e compartilhamento de informações que podem envolver, entre outros fenômenos, as desigualdades de gênero.

Com o objetivo de analisar os processos de subjetivação das identidades de gênero no artefato cultural do *Instagram*, sob a ótica de jovens do Ensino Médio do município de São Caetano – PE, foi necessário identificar os perfis de interesse das/os jovens do artefato cultural *Instagram*. Esse primeiro objetivo foi fundamental para aproximar e conseguir dialogar com as/os jovens através das referências que essas/es foram apresentados. Esse objetivo permitiu identificar que os interesses das/os jovens se dividem entre entretenimento e a busca por informações/notícias e conteúdos relacionados aos estudos. Essas informações foram de suma importância para conseguir trabalhar com trechos de séries e notícias.

Apesar de a pesquisa tomar como recorte o *Instagram*, observa-se que em todos os momentos emergem atravessamentos do "chão" de uma escola. Assim, penso que uma das contribuições que este estudo oferece é direcionar o olhar para ela. As problematizações das relações de gênero discutidas nesse espaço evidenciaram questões particulares e coletivas das/os jovens para com as cenas e suas realidades, de modo que as/os mesmas/os deixaram evidente a falta de confiança no que tange a discussões relacionadas às questões de gênero por parte da escola.

Outro ponto a destacar é a potencialidade do *Instagram* na produção de pedagogias culturais e desenvolvimento de práticas pedagógicas e docentes, assim como a necessidade de discutir com as juventudes temas como: a construção das identidades, normatizações, discursos machistas, racistas, homofóbicos, transfóbicos, entre outros. As/os jovens se mostraram muito confortáveis, apresentando respostas as quais elas/es "não precisariam detalhar", experiências particulares que as/os atravessam, como a fato de a maioria esconder a orientação sexual.

A escolha pela análise cultural, segundo Silva (2001), voltada a realidade da pesquisa, entendendo que ela não é universal, permitiu conhecer como as/os jovens enxergam as relações de gênero nos processos de construção das identidades generificadas. Penso que, além de responder que os jovens conseguem se perceber nos arquivos produzidos, através do entendimento de que esses foram construídos historicamente através das relações sociais, a presente pesquisa conseguiu observar uma questão que não foi pensada até que a mesma

emergisse, que foi sobre o posicionamento das/os mesmas/os diante dessa compreensão sobre as desigualdades de gênero. Assim, o que foi visto foi que as/os jovens, por mais conscientes que tenham se mostrado, não deixam de contribuir para as desigualdades, uma vez que silenciam seus posicionamentos e visões, evitam discursões e quando necessário ocultam suas identidades. Vale ressaltar que essas/es são jovens que não possuem independência financeira e que muitos outros fatores os condicionam a essa realidade, como a preocupação com a exposição, não enxergarem/encontrarem redes de apoio (pessoas e lugares) e a desconfiança no exercício do cumprimento das leis.

Embora Hine (2004) pontue a necessidade e importância de encontrar uma forma de interação com os sujeitos, uma vez que muitas decisões sobre os caminhos metodológicos foram pensadas antes do contato com as/os jovens, a entrada dessas/es no @generosesubjetividades foi fundamental para encontrar essa maneira de dialogar. O exercício de criar conteúdo tornou-se mais rápido com a presença das/os jovens e as respostas que me eram passadas me convidou a pensar novos tensionamentos dos processos metodológicos. Olhar para esses processos como algo que não estava fechado e pronto foi importante para perceber o envolvimento dos perfis ao visualizarem a violência e desrespeito às pessoas LGBT+. Desse modo, direcionar o olhar para tais questões possibilitou uma maior compreensão das identidades participantes desta pesquisa.

Chamo a atenção para o motivo que fez essa categoria entrar como eixo para a análise neste trabalho, que foi o envolvimento e participação nas cenas que envolviam episódios de homofobia e orientação sexual. Digo isso pois percebi que o engajamento e as dúvidas geradas com alguns termos que as/os participantes, ao olhar o conteúdo produzido, não estavam apenas observando, analisando e falando o que enxergavam nas cenas. As/os jovens estavam falando sobre si, suas experiências, seus desafios com o preconceito, o sexismo e a homofobia. Estavam também buscando entender a "burla" das normatizações generificadas, mesmo dentro da regra.

Para compreender as representações generificadas que emergiam dos perfis e suas relações com o contexto das/os jovens, foi necessário compreender como essas/es visualizavam as desigualdades de gênero em práticas cotidianas, de forma que elas/es se mostraram atentas/os ao conseguirem enxergar e apontar as relações de poder nas relações de gênero, nomeando as violências machistas produzidas discursivamente por uma sociedade ocidental patriarcal, opressora, que regula e que censura os corpos. Foi possível compreender que essas/es entendem que muitas das cenas retratadas, consideradas atitudes machistas, distorcidas e violentas, foram construídas historicamente. Não obstante, acreditam que tais questões precisam ser discutidas, para que pensamentos, atitudes estereotipadas e desiguais não sejam reproduzidas. Desse

primeiro eixo de análise também se observou a importância da nomeação, mas como ainda existe o desafio no agenciamento dos discursos para a materialidade do cotidiano.

Em relação à segunda categoria, que dialogou com o primeiro e terceiro objetivo, foi possível observar a compreensão de que as questões que envolvem o gênero e LGBT+fobia não afetam apenas as pessoas que compõem essa sigla, mas qualquer uma/um que possa ter uma representação contrária ao que a sociedade espera, pode sofrer as consequências, violências e ataques por não corresponderem aos padrões esperados socialmente. Ainda nessa categoria, As/os jovens apontaram que consideram as redes sociais um lugar perigoso, onde pessoas se sentem à vontade e confortáveis para cometer crimes e despejar o ódio, atribuindo essa realidade a impunidade dessas ações no ambiente virtual e a facilidade de criar perfis e contas. Essas/es se mostraram conscientes ao compreenderem que qualquer pessoa pode tornar-se uma vítima das redes sociais e dos ataques presentes no espaço *on-line*. Em relação à LGBT+fobia e orientação sexual, foi possível observar uma preocupação com a integridade física, por mais que fossem mencionadas as questões emocionais, para elas/es é como se essas últimas pudessem ficar escondidas, guardadas e silenciadas, enquanto as físicas saltam aos olhos.

Na tentativa de identificar a partir dos olhares das/os jovens os enunciados de gênero que emergem no artefato cultural *Instagram* e sua relação com os enunciados de gênero presentes na escola, foi possível observar uma questão preocupante: a falta de confiança das/os jovens em discutir ou buscar apoio no espaço escolar para as questões voltadas para as desigualdades de gênero, como na prática de esportes, vestimentas e assuntos relacionados às questões LGBT+. Em relação aos olhares das/os jovens para as questões de gênero voltadas para a escola, foi perceptível a compreensão dessas/es de que muitas das situações a escola não dá conta e precisam ser resolvidas fora do ambiente escolar, mas que essa não pode anular ou ignorar as questões que, por vezes, são iniciadas nesse espaço e são externadas para outros lugares. Outro ponto é a observação das/os jovens sobre a necessidade que a escola saiba como lidar e procurar resolver conflitos que envolvam as desigualdades de gênero, sem expor ou culpabilizar as vítimas.

A pesquisa permitiu me aproximar de jovens que conseguem visualizar e realizar leituras sobre desigualdades de gênero na sociedade, reconhecendo que essas estão presentes e vistas pelas/es mesmas/os em suas vivências. Porém, apesar de demonstrarem a compreensão sobre a necessidade de mudanças na sociedade, através da desconstrução de estereótipos de gênero, da homofobia, do racismo e outras questões, foi possível perceber que essas/es jovens olham com descrença e sem muitas perspectivas de mudanças nos cenários que elas/es estão inseridas/os. Nessa direção, trago provocações para que outras pesquisas sejam produzidas:

Como dialogar e encorajar essas/es jovens a não silenciarem suas dores? Como apresentar suas opiniões sem anular ou negar suas identidades? Como dialogar com as pessoas que se sentem confortáveis para ofender outras/os publicamente nas redes sociais? Talvez as respostas dessas questões fiquem para uma próxima pesquisa.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: SPÓSITO, Marília Pontes; FÁVERO, Osmar; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina (Org.). **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virginia (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. Ação educativa, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o Contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2009. 96p.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 1-23, jun. 2017.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia impressa e educação dos corpos femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 548-559, maio/agosto. 2011.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília. 1990.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 05 de agosto de 2013**. Institui o estatuto da juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o sistema nacional de juventude – SINAJUVE. Brasília. 2013.

CALAZANS, Janaina de Holanda Costa; ALMEIDA, Cecília Rodrigues. Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online. *In:* Encontro Nacional de História da Mídia, 9, 2013, Ouro Preto, MG. **Anais** (online). ALCAR, 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-internet-a-popularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online. Acesso em: 15 mar. 2019.

CAMARGO. Maria Rosa Rodrigues Martins de. Práticas de escritas de si como espaços deformação. **Educação**: Teoria e Prática, v. 18, n. 31, jul./dez. Rio Claro (SP), 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008. 96p.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Redes sociais de internet numa escola de Ensino Médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 395-421, abr./jun. 2017.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; NOVAES, Regina Reys (Org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 84 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

CASCAES, Tânia Rosa Ferreira. **O Instituto de Tecnologia para o desenvolvimento – Lactec – Na Gênese do Processo Tecnológico paranaense**: uma Contribuição ao estudo da História da técnica e da tecnologia. 2005. 172f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2005.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Locus**: Revista de história, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 145-159, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 244 p.

CASTRO, Rodrigo Inácio de. **Instagram**: produção de imagens, cultura mobile e seus possíveis reflexos nas práticas educativas. 2014. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Capão do Leão, Rio Grande do Sul, 2014.

CETIC, Brasil. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: TIC domicílios 2018. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo [et al.] (Org.). **Estudos Culturais em educação, mídia, arquitetura brinquedos, biologia, literatura, cinema**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo [et al.] (Org.). **Estudos Culturais em educação, mídia, arquitetura, brinquedos, biologia, literatura, cinema**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. especial – Cultura, culturas e educação. n. 23, p. 36-61, maio/ago. 2003.

COUTO, Edvaldo Souza. Corpos modificados – O saudável e o doente na cibercultura. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

CRUZ, Andréa. **Interação dos Jovens a partir das Mídias Digitais**: implicações no cotidiano escolar. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2016.

DANTAS, Bruna Lourena de Lima. **Look do dia**: Consumo conspícuo de fast fashion e construções identitárias no Instagram. 2018. 96 f. Dissertação (Mestrado em Administração) -

Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2018.

DAYRELL, Juarez. Apresentação. In: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7-18.

FANTONI, Andressa. **Autorrepresentação de Adolescentes Porto-alegrenses no Instagram**. 2017. 175f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.

FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In: LOURO, Guacira L; FELIPE, Jane; GOELNNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FELIPE, Jane. Representações de gênero, sexualidade e corpo na mídia. **Revista Tecnologia e Sociedade**, v. 1, p. 251-263, 2007.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Proposições**. v. 18, n. 2, p. 77-87, 2007.

FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. Construção de Comportamentos Homofóbicos no Cotidiano da Educação Infantil. In: JUNQUEIRA, Rogerio Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. UNESCO, 2009.

FÉLIX, Jeane. Entrevistas on-line ou algumas pistas de como utilizar bate-papos virtuais em pesquisas na educação e na saúde. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa; DESLANDES, Suely Ferreira. Cyberbulling: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciências & saúde** coletiva, v. 23, n. 10. Rio de Janeiro, out. 2018.

FERRO**,** Ana Paula Rodrigues. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. **Educação, Gestão e Sociedade**: Revista da Faculdade Eça de Queirós, v. 5, n. 19, ago. 2015.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. A revista Capricho e a produção de corpos adolescentes femininos. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 160p.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**. Fundação Carlos Chagas. Editora Autores Associados, n. 114, nov. 2001b, p. 197-223.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

FURLANI, Jimena. Gêneros e Sexualidades – problematizando a educação e os processos de produção de conhecimento. **Instrumento** (Juiz de Fora), v. 12, p. 45-56, 2010.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREITAS, Maria Virgínia de. **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. 2 ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005. 40 p.

GIROUX, Henry. Praticando Estudos Culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 – (Coleção Estudos Culturais em Educação).

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes**: Sociologia, cultura e movimentos. Universidade Federal de Alfenas. Alfenas-MG, 2016.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 2017.

HALL, STUART. **Cultura e representação**. Organização e revisão técnica: Arthur Ituassu; Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016. 269p.

HALL, STUART. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINE, Christine. **"Etnografia Virtual."** Barcelona: Editorial, 2004.

IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios**: síntese de indicadores 2015 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 108p. Disponível em https: //biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf. Acesso em: 11 out. 2019.

JORDAO, Matheus Hoffmann. **A mudança de comportamento das gerações X, Y, Z e alfa e suas implicações**. São Carlos: USP, 2016. Disponível em: http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20162/SLC0631-1/geracoes%20xyz.pdf. Acesso em: 11 out. 2019.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. 2 ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005. 40 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 176p.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Vilodre; NECKEL, Jane Felipe (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Um debate contemporâneo na Educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

NEJM, Rodrigo. **Exposição de si e gerenciamento da privacidade de adolescentes nos contextos digitais**. 2016. 275f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2016.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: SPÓSITO, Marília Pontes; FÁVERO, Osmar; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina. (Org.). **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPED, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura: por uma sociologia reflexiva. In: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva**: pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 23-45.

MEYER, Dagmar. Alguns são mais iguais que outros: etnia, raça e nação em ação no currículo escolar. In: SILVA, L. H. (org.) **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida (Org.). **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. – (Coleção Papirus Educação).

MUFARREJ, Hage Zakiee Castro. **Adultos em Redes**: Significados dos Autorretratos Postados no Instagram. 2017. 97f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Laurence. Estudos Culturais: uma introdução In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 **–** (Coleção Estudos Culturais em Educação).

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas jovens**: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (Orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

PICCOLI, Marcella Soares. **Análise de atributos de valor para usuários de redes sociais**. 2014. 94f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2014.

RAEL, Claudia Cordeiro. Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney. In: LOURO, Guacira Lopes.; FELIPE, Jane.; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2020.

RECUERO, Raquel.; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, mai./ago. 2003.

REGUILLO. Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio. In: FÁVERO, Osmar; SPÓSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo; NOVAES, Regina Reys (orgs.). **Juventude e Contemporaneidade**. – Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 84p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para o consumo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

SAKAMOTO, Cleusa kazue; SOUZA, Caio. Internet e subjetividade - um debate preliminar. Boletim **- Academia Paulista de Psicologia**, v. 32, p. 294-312, 2012.

SANTARÉM, Paulo Rená da Silva. **O Direito achado na rede**: A emergência do acesso à internet como Direito fundamental no Brasil. Brasília, 2010. 158f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação da Faculdade de Direito da Universidade de Brasília, 2010.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. O uso das imagens como recurso metodológico. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.
SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

SILVA JUNIOR, Sandoval Artur da. **Os likes como expressão da afetividade em rede no Instagram**. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2017.

SILVA, Rosimeri Aquino da; SOARES, Rosângela. Juventude, escola e mídia. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche, a poética e a política do texto curricular**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Rosângela. Fica Comigo Gay – O que um programa de TV ensina sobre uma sexualidade juvenil? In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2013.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação Santa Maria**, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa Vorraber; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Estudos Culturais em educação, mídia, arquitetura, brinquedos, biologia, literatura, cinema**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. [online]. n. 23, p. 5-15, 2003. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200002. Acesso em: 11 jan. 2020.

THOMPSON, Kenneth. Estudos Culturais e educação no mundo contemporâneo. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. **Cultura, poder e educação**: Um debate sobre os estudos culturais em educação. Canoas. Ed. ULBRA, 2005.

SILVA; Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

APÊNDICE A - Questionário realizado no *Google Forms*

REDES QUE EDUCAM: Um olhar para as relações de gênero no Instagram sob a ótica de jovens do Agreste pernambucano. Questionário produzido pela mestranda Rita de Cássia de A. Santos do PPGECI (Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades) para fins de pesquisa. Toda e qualquer informação aqui apresentada será restrita e sem nomes das/os envolvidas/os, o questionário visa compreender os processos de subjetivação das identidades de gênero no artefato cultural Instagram sob a ótica das/os jovens do Ensino Médio do município de São Caetano. Essa pesquisa será realizada através do questionário apresentado e do perfil @generosesubjetiviades.

1. E-mail *:

2. Qual a sua idade?

3. Há quanto tempo você utiliza o *Instagram*?

( ) Menos de 2 anos

( ) Mais de 2 anos

( )Mais de 5 anos

( )Menos de 5 anos

4. Com que gênero você se identifica?

( ) Feminino Masculino

( )Não-binário

( )Não sei responder

( )Prefiro não responder

5. Atualmente como encontra-se classificado o seu perfil?

( ) Privado

( ) Pública

6. Quais são os perfis/assuntos de seu interesse no *Instagram*?

( ) Todos os dias

( ) Passo semanas sem acessar o perfil

( ) Não utilizo todos os dias, mas não costumo passar mais de uma semana sem usar o perfil

( ) Entro esporadicamente

( ) Entro várias vezes ao dia

7. Qual a frequência que você utiliza o *Instagram*?

8. Qual o tempo diário que você passa utilizando o *Instagram*?

9. Em relação aos stories, qual a frequência que você costuma postar fotos ou vídeos?

( ) Toda semana

( )Todos os dias

( ) Esporadicamente

( )Não posto com frequência

10. Em relação a suas fotos publicadas:

( ) Costumo postar mais fotos minhas sozinha/o

( ) Não costumo postar fotos

( )Costumo postar fotos sempre acompanhada/o

11. Em relação a suas fotos, você costuma utilizar filtros?

( ) Sempre
( ) Às vezes
( ) Não uso filtros

12. Em relação a maioria dos perfis das pessoas que você segue, marque a alternativa que se aplique a sua realidade.

( ) Conheço pessoalmente/presencialmente a maioria das pessoas que sigo
( ) Não conheço pessoalmente a maioria das pessoas que sigo
( ) Sigo apenas pessoas que conheço pessoalmente

13. Qual a importância da quantidade de seguidoras/es para você?

14. - Em relação aos perfis que lhe seguem, como esses encontram-se divididos:

( ) A maioria são perfis femininos
( ) A maioria são perfis masculinos
( ) A maioria são perfis de marcas e empresas

15. O que você costuma observar quando pretende seguir um perfil?

16. O que você leva em consideração para aceitar o pedido de algum perfil que deseja seguir o seu *Instagram*?

17. O que você mais gosta no *Instagram*?

( ) Postar fotos
( ) Fazer stories
( ) Visualizar stories
( ) Conversar pelo direct

18. Você acredita que o comportamento/postura e exposição no Instagram deve ser diferente conforme o gênero (feminino, masculino, outros)?

19. Você já apagou alguma publicação de si devido a comentários de outras pessoas/perfis?

20. Você já apagou alguma publicação (foto ou vídeo) por não sentir-se bonita/o?

21. Você já criou uma conta fake no Instagram?

22. Que imagem você acredita passar com o seu perfil?

23. Qual a imagem que você gostaria de passar para as/os suas/seus seguidoras/es?

24. Caso você tenha interesse em continuar participando dessa pesquisa convido você a deixar o @ do seu perfil no Instagram para que o perfil @generosesubjetividades possa seguir você no *Instagram*. Nesse *Instagram* será realizado enquetes sobre temas, frases, perfis, séries etc.

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre esclarecido

Prezado (a) Senhor (a),

O (a) Sr (a). está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **"REDES QUE EDUCAM: Um olhar para as relações de gênero no Instagram sob a ótica de jovens do Agreste pernambucano"**, que tem por objetivos: Compreender os processos de subjetivação das identidades de gênero no artefato cultural do *Instagram* sob a ótica das/os jovens do Ensino Médio do município de São Caetano – PE, sendo os objetivos específicos: Identificar os perfis de interesse das/dos jovens do artefato cultural *Instagram*; Compreender as representações generificadas que emergem desses perfis e sua relação com o contexto das/os jovens.

Essa pesquisa será realizada com estudantes do Ensino Médio do município de São Caetano no ambiente online através de enquetes e perguntas no *Google Forms* e *Instagram* @generosesubjetividades, perfil criado para fins de pesquisa. Participarão da pesquisa pessoas com idade inferior a 18 anos, sendo a identidade dessas preservadas. A participação no estudo consistirá em responder algumas questões sobre a temática das relações de gênero no artefato cultural Instagram, interesses dos(as) jovens, como esses(as) se apresentam nesses espaços e […]. O questionário acontecerá através do *google forms* que permitirá conseguir o registro dos e-mails dos(as) participantes, assim como fazer perguntas abertas e fechadas, sendo possível responder o mesmo no tempo que o(a) participante preferir.

Os riscos com essa pesquisa são mínimos, se houver algum problema relacionado com a pesquisa ou se sentir desconfortável em responder alguma pergunta, o Sr(a). tem a liberdade de não responder ou interromper o questionário e perguntas em qualquer momento, sem nenhum prejuízo para seu atendimento.

O Sr(a). tem a liberdade de não participar da pesquisa ou retirar seu consentimento a qualquer momento, mesmo após o início do questionário e perguntas, sem qualquer prejuízo. Está assegurada a garantia do sigilo das suas informações. O Sr(a). não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa o Sr(a). poderá entrar em contato com a responsável pelo estudo: Rita de Cássia de Almeida Santos, que pode ser localizada na UFRPE-Departamento de Educação/ FUNDAJ (telefone 81- 99475-2696) das 8 às 17h ou pelo e-mail almeidacassia11@gmail.com, ou com a orientadora desta pesquisa Prof.ª Dr.ª Ana Paula Abrahamian de Souza FUNDAJ/UFRPE do departamento de Educação pelo e-mail anapaula.souza@ufrpe.br , apabrahamian@hotmail.com .

Sua participação é importante e voluntária e vai gerar informações que serão úteis para avaliar a importância das discussões sobre gênero no ambiente online. Este termo será assinado em duas vias, uma com a assinatura e consentimento do(a) responsável do(a) menor _____ e outra pela responsável da pesquisa, ficando uma via em seu poder. Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: "REDES QUE EDUCAM: Um olhar para as relações de gênero no Instagram sob a ótica das/os jovens do Agreste pernambucano", discuti com a pesquisadora **Rita de Cássia de Almeida Santos**, responsável pela pesquisa, sobre minha decisão em participar do estudo. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os

procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde – CEPIS, também poderá ser consultado caso o(a) Sr (a) tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa pelo telefone 11-3116-8597 ou pelo e-mail cepis@isaude.sp.gov.br. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

_____ __/__/____

Assinatura do(a) responsável.

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado OU REPRESENTANTE LEGAL (se for o caso) para a sua participação neste estudo.

Rita de Cássia de Almeida Santos __/____/____

Assinatura do responsável pelo estudo.